

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Atrás das muralhas: representações sociais da medida socioeducativa
de internação por adolescentes privados de liberdade**

ALINE PATRICIA CORAUCCI

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Atrás das muralhas: representações sociais da medida socioeducativa
de internação por adolescentes privados de liberdade**

Aline Patricia Coraucci

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Kodato

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte
das exigências para a obtenção do título de Mestre em
Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Coraucci, Aline Patricia

Atrás das muralhas: representações sociais da medida socioeducativa de internação por adolescentes privados de liberdade. Ribeirão Preto, 2009.

151 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Departamento de Psicologia e Educação.

Orientador: Kodato, Sérgio

1. Representações Sociais. 2. Violência. 3. Adolescência.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aline Patricia Coraucci

Atrás das muralhas: representações sociais da medida socioeducativa de internação por adolescentes privados de liberdade

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao João Rafael, meu amor e companheiro de todas as horas, por colocar um sorriso em meu rosto nos momentos de dificuldade, pelo apoio, carinho e pelos bons momentos que me auxiliaram a recuperar a energia perdida e recomeçar...

Agradecimentos

Ao professor Dr. Sérgio Kodato, por ter me recebido no “Observatório de Violência e Práticas Exemplares” e dado a oportunidade para que eu pudesse realizar este trabalho;

Ao juiz da Vara da Infância, Juventude e do Idoso, Dr. Paulo César Gentile;

À Fundação CASA;

Ao diretor regional da Divisão Regional Norte, Dr. Roberto Carlos Damázio;

Ao Caligione, a Cláudia, a Eleonora, aos colegas do setor técnico e demais funcionários da Unidade de Internação;

E a todos os adolescentes que me apresentaram um mundo nem tão distante, porém, muitas vezes invisível aos olhos.

“Como é tarde, agora então, não tem como voltar atrás, mas tem como fazer daqui pra frente ser melhor”.

(Anderson, 18 anos)

RESUMO

CORAUCCI, A. P. **Atrás das muralhas:** representações sociais da medida socioeducativa de internação por adolescentes privados de liberdade. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Acompanhando a tendência mundial, o crescimento da incidência de violência praticada por adolescentes transformou-se em um dos maiores problemas da sociedade brasileira. Nos últimos dez anos, a Secretaria Especial de Direitos Humanos revelou que o número de jovens privados de liberdade no Brasil subiu 263%, passando de 4.245 internos, em 1996, para 15.426, em 2007, refletindo a quantidade cada vez maior de adolescentes na criminalidade. O esforço desta pesquisa insere-se em um contexto de reflexão sobre as políticas públicas de atendimento ao adolescente autor de ato infracional, por meio da investigação das representações sociais de internação que esses jovens, infratores primários, constroem no período em que se encontram cumprindo a medida socioeducativa de privação de liberdade, bem como apreender os significados que emergem das práticas e interações sociais, vivenciadas por eles, durante o cumprimento da medida. A coleta de dados foi realizada em uma instituição para adolescentes do sexo masculino, situada em um município de médio porte (500.000 habitantes). Tais jovens inseridos nessa instituição encontram-se na faixa etária entre 16 e 20 anos e cumpriam a medida socioeducativa de internação pela primeira vez. Com o propósito de coletar dados que atendessem aos objetivos deste estudo, foram realizadas anotações no diário de campo referentes à observação participante e utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, compreendendo aspectos da história de vida pregressa e atual dos adolescentes. Investigou-se, também, a existência de alterações no desenvolvimento desses adolescentes, de seu estilo de vida, a vivência do cotidiano e o relacionamento interpessoal na instituição, bem como cidadania e composição familiar. Como base para tal investigação, utilizou-se o referencial teórico das representações sociais, proposto por Moscovici (1978), e os conteúdos emergentes foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo sistematizada por Laurence Bardin (1977). Os resultados obtidos indicaram que as representações sociais desses adolescentes, com relação à instituição em que estavam cumprindo a medida socioeducativa, estão permeadas por sentimentos paradoxais e ambíguos. A instituição que educa e ensina, ao mesmo tempo restringe a liberdade desses jovens e é tida por eles como uma prisão, na qual eles têm que cumprir as regras impostas. Entretanto, os adolescentes relatam melhoras em sua educação, em seu aprendizado e nos relacionamentos interpessoais, além de se sentirem protegidos. Mas ainda há questões a serem melhoradas, principalmente neste momento de transição do modelo punitivo e repressor da antiga FEBEM, para o atual modelo de atendimento socioeducativo da Fundação CASA, que vem tentando implementar o que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo e demais legislações vigentes.

Palavras chave: Adolescente infrator. Representação social. Internação.

ABSTRACT

CORAUCCI, A. P. **Behind the walls: social representations of the social educative act of enclosure of youngsters who had their freedom taken.** 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Following the world trend, the growth of violence practiced by youngsters has become one of the biggest problems of Brazilian society. Over the last ten years, the “Special Secretariat of Human Rights”, a department specially created to take care of this kind of social problem, has revealed the number of youngsters private from freedom in Brazil has grown 263%, surpassing from 4.245 interns, in 1996, to 15.426 in 2007, reflecting the rising number of youngsters in criminality. The effort of this research is based on a reflection context over politics of attendance to the adolescent author of infraction act, through investigation of social representation that this youngsters, first timers infractors, build while accomplishing the social educative act of freedom privation, as well as learning the meanings emerging from social practices and interventions suffered by them during the accomplishment of this act. Data collection took place in an institution for male youngsters, aged between 16 and 20 years old, accomplishing the social educative act for the first time, located in a medium size town (500.000 in habitants). Aiming to collect data that could be used in this research, notes were made in a field notebook through out observations of a participant and with the use of a questionnaire half-structured, comprehending historic aspects from the former and the current life of the youngsters. It was also investigated the changes on the development of these youngsters, on their life style, routine and interpersonal relationships inside the institution, as well as citizenship and family structure. The theoretic referential of social representations proposed by Moscovici (1978) and emerging content were analyzed according to the technique of content analysis from Laurence Bardin (1977). The results obtained show that the social representations of these teenagers are full of paradoxes and ambiguity, in relation to the institution where they were held. The institution that educates and teaches; at the same time is seen by them as a prison, where they have to respect the rules imposed. The youngsters say their education has improved, their apprenticeship and their interpersonal relations, as well, and they also feel protected. Therefore, there are question to be improved, especially at this moment of transition from the punishing and repressing system of old FEBEM, to the current model socio educative of Fundação CASA, which is practicing what is written in Children and Adolescent Statute, the National System of social educative attendance and other legislations in use.

Key words: Young infractor. Social representation. Internment.

SUMÁRIO

Apresentação	p. 11
PRIMEIRA PARTE	p. 17
1.1 Teoria das representações sociais	p. 17
1.2 A violência envolvendo adolescentes	p. 18
1.3 Um breve histórico sobre o atendimento socioeducativo no estado de São Paulo	p. 23
1.4 Reflexões sobre adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação e as instituições que a executam	p. 31
SEGUNDA PARTE	p. 37
2.1 Caracterização da unidade de internação	p. 37
2.2 Apresentação dos adolescentes	p. 41
2.3 Representações sociais de adolescentes cumprindo a medida socioeducativa de internação	p. 48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 116
REFERÊNCIAS	p. 119
Apêndice	p. 129
Anexos	p. 148

APRESENTAÇÃO

Ao olhar da rodovia, em meio ao verde das fazendas, em um município do interior paulista, percebe-se uma construção com altas muralhas de concreto e uma caixa d'água ao longe. Foi para dentro dessas muralhas que rumei, em julho de 2002, ainda que sem destino, concursada pela Febem e tendo em mente apenas a representação do senso comum, evidenciada pela mídia, sobre o que teria naquele lugar – adolescentes violentos e violentados.

Como a Unidade em que eu iria trabalhar estava em fase final de construção, permaneci por alguns dias em uma unidade antiga, na qual as paredes, onde ficavam os adolescentes cumprindo a medida socioeducativa, eram cobertas por lodos e vasamentos. Chegava a dar asco de encostar nelas. Os jovens ficavam em uma pequena quadra esportiva, alguns soltando pipa e outros jogando basquete.

Lembro-me que no primeiro dia de trabalho, sentei-me no chão e permaneci conversando com alguns adolescentes, que demonstraram curiosidade diante de uma nova figura na casa.

A maior parte do tempo, os jovens permaneciam naquela quadra. Após o almoço, todos subiam uma escadaria para dormir e assustei-me ao conhecer o local, pois, apesar de haver quartos, os adolescentes preferiam colocar seus colchões no corredor fora dos quartos e dormir um ao lado do outro, onde chamavam de “ilha”. Foi possível verificar que dentro dos quartos havia aparelhos televisores, de som e videogames, conforme os funcionários relatavam, e esses materiais eram trazidos pelos familiares dos jovens.

Era fácil identificar, ainda nesse período, o cheiro de entorpecente (maconha) percorrendo as escadarias - os adolescentes faziam uso da droga logo após o almoço. Podiam comer chocolates, bolachas recheadas e salgadinhos, também trazidos pelas famílias, denominados pelos jovens de “jumbo”.

Havia professores para dar aulas aos adolescentes, porém, a frequência destes não era obrigatória. Dizia-se aos jovens que, apenas seriam desinternados, após passarem por uma prova com o juiz, sendo esta, uma moeda de troca para que os adolescentes participassem das aulas.

Logo nos primeiros dias, presenciei um dos menores, que havia me presenteado com uma pulseira de linha confeccionada por ele, ser retirado da sala de aula puxado pelo pescoço por um funcionário. Em seguida, ouvi barulhos de tapas e gritos. Não sei o que

aconteceu, apesar de qualquer motivo não justificar tal tratamento, e fiquei estarecida diante de tamanha covardia.

Tais cenas permaneceram gravadas em minha memória, em meio a um emaranhado de outras piores, demonstrando o descaso e a violência com que eram tratados os adolescentes que estavam cumprindo a medida socioeducativa de internação.

Passados alguns anos, trabalhando dia-a-dia ao lado dos adolescentes que estavam cumprindo medida socioeducativa de internação, comecei a perceber algo diferente do que eu havia presenciado de início, bem como do que é mostrado pela mídia: alguns adolescentes, mais próximos de mim, traziam em seus discursos fatores positivos da internação, tais como: a aprendizagem na escolarização formal e oportunidade de demonstrar aos familiares, que os visitavam, coisas que aprenderam dentro da instituição durante a organização de um evento artístico, no qual houve demonstração de quadros confeccionados na oficina de artes plásticas, de música (violão e cavaco - aulas fornecidas aos jovens em parceria com o Projeto Guri).

No evento citado, os familiares degustaram salgados, bolos, roscas, tortas e outras guloseimas feitas na oficina de panificação, fazendo com que os adolescentes se sentissem capazes, orgulhosos de si, melhorando, com isso, sua autoestima.

Tais discursos despertaram meu interesse e decidi, assim, realizar este trabalho, que trata das representações sociais dos adolescentes, que estão cumprindo a medida socioeducativa de internação pela primeira vez, a respeito da instituição. Acredito que muitas medidas e atitudes já foram modificadas, todavia, muitas ainda necessitam de mudanças.

Decidi, então, com base nesses discursos, dar voz a esses jovens, já que eles clamam por serem ouvidos, bem como analisarei outras questões que perpassam este trabalho: investigar se, para estes jovens, a institucionalização trouxe benefícios e/ou malefícios e verificar seus planos prospectivos. Com isso, viso criar subsídios para que outros profissionais que lidam com o planejamento e execução da medida socioeducativa de internação conheçam o imaginário social dos adolescentes institucionalizados e, assim, repensem as estratégias e práticas de atendimento, a fim de beneficiar a reinserção do jovem em seu meio social.

A primeira parte desta pesquisa está dividida em temas, nos quais será discutida, inicialmente, a teoria das representações sociais, que surgiu do trabalho de Moscovici, e, em seguida, questões relativas à adolescência, à violência e ao atendimento disponibilizado a jovens que cumprem a medida socioeducativa de internação.

Na segunda parte, tratar-se-á mais especificamente dos resultados desta pesquisa, na qual será feita uma breve apresentação da Unidade pesquisada, dos sujeitos e análise dos

resultados obtidos por meio das entrevistas, das observações participativas e das anotações em diário de campo.

Para a realização do trabalho de campo, no interior de uma Unidade de Internação para adolescentes primários que cumprem medida socioeducativa, foi feito um pedido de autorização, por meio de um termo de consentimento, ao juiz da Vara da Infância e Juventude de Ribeirão Preto.

Após essa autorização, ela foi apresentada à direção da referida instituição, pedindo assim, o consentimento da pesquisa, garantindo o sigilo em relação à identificação dos participantes, bem como apresentação dos procedimentos e métodos que serão adotados para a coleta dos dados.

Para a realização da coleta de dados, Spink (1993) recomenda que se utilizem vários métodos, comparando seus resultados posteriormente, para que se reflita sobre as várias formas intrínsecas das representações sociais. No caso da presente investigação, foi utilizado, como instrumento principal, um roteiro de entrevista semiestruturado que abrangeu diferentes aspectos referentes à internação de maneira geral. Por meio das respostas, os sujeitos revelaram suas representações sobre a realidade, suas percepções e experiências.

A entrevista semiestruturada, de acordo com Gil (1994, p.146),

[...] é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Para Bleger (1993), essa modalidade de entrevista permite ao entrevistador maior liberdade para realizar intervenções e flexibilidade para explorar informações que considera interessante, bem como alternar a ordem das perguntas, de acordo com o andamento da mesma.

Foram também utilizados instrumentos complementares como notas de diário de campo e observação participante no cotidiano da instituição, para dar suporte aos dados obtidos nas entrevistas individuais e confrontá-los. Para Guirado (2004, p. 47), “as vias não discursivas, como a observação dos rituais e/ou da rotina de ação dos agentes, são, também, fonte para se afirmar algo sobre as representações”.

Na observação participante, a pesquisadora coleta dados, observa o comportamento dos indivíduos para questionar as situações vividas por meio da participação no cotidiano dos

seus sujeitos, por um determinado período de tempo (GOLDENBERG¹, 1997 apud BRANDÃO JUNIOR, 2000, p. 124).

Para a realização do presente trabalho, obtive a autorização do juiz da Vara da Infância e Juventude de Ribeirão Preto, bem como do Diretor da Divisão Regional Norte da Fundação CASA, e o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética, visando seguir as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde. Em seguida, apresentei-me aos adolescentes internos, dizendo que precisaria de alguns voluntários para participar de uma pesquisa, na qual conversaríamos sobre suas histórias de vida, incluindo o período em que se encontravam cumprindo a medida socioeducativa de internação.

O roteiro de entrevista foi elaborado a partir dos diversos aspectos que a pesquisa pretende examinar e foi submetido a um pré-teste, para que não houvesse dúvidas com relação aos tópicos norteadores e quanto à elaboração das questões, podendo ser alterado sempre que necessário.

As entrevistas aconteceram em horários previamente estabelecidos, em uma sala reservada, onde se pedia aos entrevistados uma autorização para que suas falas fossem gravadas e, posteriormente, lhes era explicado que se tratava de perguntas referentes à sua história de vida antes, durante e após a internação.

Individualmente, as entrevistas foram realizadas em uma das salas de aula desocupadas de cada módulo (I e II), que se localiza ao lado de outras salas em que os jovens realizam as atividades pedagógicas, a fim de facilitar o acesso dos mesmos, bem como garantir que as informações coletadas não fossem ouvidas pelos demais internos e/ou funcionários e não atrapalhasse o andamento dos atendimentos técnicos, caso ocupássemos as salas destinadas para os mesmos.

Para a seleção dos sujeitos, foi utilizado o critério de saturação, para que o número de sujeitos fosse definido, no qual, de acordo com Bauer e Aarts (2002, p.59):

[...] investigam-se diferentes representações, apenas até que a inclusão de novos estratos não acrescente mais nada novo. Entende-se que a variedade representacional é limitada no tempo e no espaço social. A identificação de mais variedade iria crescer desproporcionalmente os custos do projeto; então o pesquisador decide parar de investigar novos estratos.

¹ GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Foram escolhidos 10 adolescentes que estavam cumprindo a medida de internação por atos infracionais diversos, no mínimo há 6 meses, para participar das entrevistas. Os critérios estabelecidos para tal escolha foram os seguintes: os sujeitos foram eleitos por ordem de entrada na Unidade, ou seja, os 10 adolescentes que estavam internados há mais tempo, e também, que não fossem atendidos pela pesquisadora, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento aos mesmos, uma vez que esta exerce a função de Analista Técnica/Psicóloga na instituição. Aqueles que concordaram em participar deste estudo assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” em anexo.

Os registros do diário de campo foram realizados a partir da observação participativa, durante o período das entrevistas e também posteriormente, enquanto a pesquisadora permanecia na instituição.

Após o término do trabalho de campo, foi realizado o processamento das informações resultantes das entrevistas, por meio das transcrições e organização dos dados, para a aplicação da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (1977).

Conforme Silva, Gobbi e Simão (2005), essa técnica visa compreender a construção de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso, permitindo, assim, captar as representações que os sujeitos têm das experiências que vivenciam.

Trata-se de uma técnica de pesquisa que permite a produção de inferências do conteúdo do que é comunicado em um texto e replicáveis ao seu contexto social (BAUER, 2002).

De acordo com Caregnato e Mutti (2006), na análise de conteúdo, o analista categoriza as unidades do texto (palavras ou frases) que se repetem, produzidas pelo sujeito, inferindo uma expressão que as representem.

Para Bardin (1977, p.42), a análise de conteúdo consiste em

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens.

A autora supracitada divide a análise em três etapas:

- 1) a pré-análise, onde os dados são organizados, podendo utilizar leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação;
- 2) a exploração do material, na qual os dados são codificados a partir das unidades de registro;

3) o tratamento dos resultados e interpretação, que consiste na classificação dos elementos segundo suas semelhanças e por diferenciação (categorização), realizando o reagrupamento, em função de características comuns.

Bardin (1977) refere que as unidades de significado são determinadas, visando chegar ao objeto de estudo proposto, no qual os temas são agrupados, dando origem às categorias, posteriormente analisadas e discutidas.

Após leitura exaustiva do material resultante das entrevistas, surgiram categorias que serviram de base para a análise: família; socialização; namoro; escolaridade; trabalho legal; trabalho ilegal; drogas; carreira infracional; ato infracional; internação; percepção de figuras de autoridade; percepções sobre a Fundação CASA; reflexões e alterações de crenças e comportamentos; modificações na instituição; relacionamentos interpessoais na instituição; direitos e deveres; fantasias de não-internação; planos para o futuro; e morte.

O esforço desta pesquisa inseriu-se em um contexto de reflexão sobre a política de atendimento ao adolescente em conflito com a lei, por meio de um corte específico: as representações que esses jovens possuem do período de internação, a partir do trabalho que é desenvolvido pelos profissionais envolvidos em seu atendimento, com vistas a apreender os significados que emergem das práticas e interações sociais vivenciadas por estes, durante o período em que permanecem sob medida de internação. Propõe-se, também, oferecer algumas contribuições às pesquisas sobre adolescentes privados de liberdade que utilizam conceitos e metodologias relacionados à teoria das representações sociais.

PRIMEIRA PARTE

*Um homem na estrada recomeça sua vida.
Sua finalidade: a sua liberdade.
Que foi perdida, subtraída;
e quer provar a si mesmo que realmente mudou,
que se recuperou e quer viver em paz.
Não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não.
Na Febem, lembranças dolorosas, então.
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
Muitos morreram, sim, sonhando alto assim...
(Racionais MC's)*

1.1 Teoria das representações sociais

Esta pesquisa utilizou como referencial teórico-metodológico a abordagem das representações sociais, que, de acordo com Spink (1993), refere-se a um modo específico de conhecimento, que visa elaborar comportamentos e permite a comunicação entre indivíduos; é a forma como os indivíduos interpretam a realidade. Para Ludke (2001, p.112), as representações sociais

[...] são elaborações mentais, construídas socialmente, que dão conta do posicionamento do sujeito em relação a determinado objeto e indicam uma provável orientação para a ação. Identificá-la, compreender sua estrutura e os mecanismos de sua elaboração é imprescindível àqueles investidos da responsabilidade de construir alternativas para a melhoria da educação atual.

O conceito de representação social surgiu no trabalho de Moscovici, motivado pelo modo como as pessoas compartilham o conhecimento, constituindo, dessa forma, sua realidade comum, transformando o que pensam em práticas (OLIVEIRA, 2004).

Para Moscovici (1978), a representação social molda o que é dado do exterior, a partir do relacionamento de indivíduos e grupos com objetos, atos e situações estabelecidas por interações sociais. A reprodução feita pela representação demanda uma reconstrução do que é dado no contexto de valores, regras e noções. O objeto está inserido num contexto dinâmico, concebido pelo coletivo ou pelo indivíduo como prolongamento de seu

comportamento, integrando-o numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.

Segundo Jodelet (1984, p.174), as representações sociais são imagens partilhadas e permeadas por diversos significados:

[...] sistemas de referência que nos permitam interpretar a nossa realidade e inclusive dar um sentido ao 'inesperado'; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos e os indivíduos com os quais mantemos relação.

As representações reúnem as experiências vividas e os sentidos e construções sociais que os indivíduos dão a elas, reinterpretando a realidade por meio de símbolos, imagens e palavras (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

São imagens que as pessoas utilizam para dar sentido ao mundo e para interagir entre si. Seu estudo objetivou transformar algo não-familiar em algo conhecido. Pode-se, assim, citar os conceitos de objetivação – “processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar” (OLIVEIRA, 2004, p.182) - e de “*ancoragem*”, onde coisas que são estranhas ao serem classificadas e denominadas deixam de ser ameaçadoras (SPINK, 1993).

Dessa maneira, pode-se supor que, diante do conhecimento das representações sociais da instituição de internamento dos adolescentes privados de liberdade, esta deixará de ser vista como uma ameaça, com uma imagem estigmatizada e desqualificada, como a que é passada à sociedade pelos meios de comunicação. Conforme Abramo (1997), quando os jovens são assuntos de noticiários, matérias analíticas ou editoriais, os temas abordados são, de um modo geral, violência, crime, exploração sexual e drogadição.

1.2 A violência envolvendo adolescentes

Acompanhando uma tendência mundial, o crescimento da incidência da violência praticada por adolescentes também se transformou em um dos maiores problemas da sociedade brasileira.

De acordo com o “Children and Youth in Organised Armed Violence” (COAV), havia no ano de 2005, aproximadamente 750.000 membros de gangues de rua nos Estados Unidos, país em que a taxa de homicídios de adolescentes mais que dobrou desde 1988, devido ao uso de armas de fogo pela juventude (DAWSON; REITER, 1998).

Ainda segundo o COAV², na última semana de abril de 2006, o governo da Bélgica anunciou que, para melhorar a segurança pública e controlar a atual onda de violência juvenil no país, aumentaria o número de policiais nas ruas, instalaria dezenas de câmeras nas estações de trem e metrô, construiria um centro de internação com capacidade para até 200 adolescentes e criaria “penas mais duras” para crimes cometidos por jovens.

Um levantamento feito pelos Ministérios da Saúde e da Justiça e do Fórum Nacional de Dirigentes Governamentais de Entidades Executoras da Política de Promoção de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (FONACRIAD) constatou que havia no dia 31 de junho de 2002, 11.835 adolescentes privados de liberdade³. No ano 2000, cerca de 30 mil adolescentes passaram por uma medida de privação de liberdade, segundo o Departamento da Criança e do Adolescente do Ministério da Justiça.

Esses números são relativamente baixos, mas deve-se levar em consideração a “motivação da privação de liberdade desses adolescentes e as condições nas quais essa medida está sendo executada” (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CENTROS DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ANCD); FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DAS ENTIDADES NÃO-GOVERNAMENTAIS DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E ADOLESCENTE (FÓRUM DCA), 2004, p. 64).

Minayo (1994, p.3) refere-se à violência como um fenômeno biopsicossocial, conceituando a “violência da delinquência” como atos reconhecidos do meio social, como fora da lei. “A desigualdade, a alienação do trabalho e nas relações, o menosprezo de valores e normas em função do lucro, o consumismo, o culto à força e o machismo são alguns dos fatores que contribuem para a expansão da delinquência”.

Para impedir a delinquência ou mesmo diminuir sua incidência, é necessário identificar os fatores de risco que aumentam a probabilidade de ocorrência desse comportamento e os “fatores protetores” que auxiliam no desenvolvimento positivo do adolescente, levando-se em consideração o indivíduo, a família, a escola, o grupo de pares, as instituições e a comunidade em geral (THORNBERRY; BURCH II, 1997).

² Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/pt-br/node/11556/>>. Acesso: 05/05/2006.

³ Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:KLeXIj_cpoIJ:www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/sprazer_safeto.pdf+%2211835+adolescentes+privados+de+liberdade%22&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk>. Acesso: 09/05/2006.

Para Gueresi e Silva (2003), o ingresso dos adolescentes no mundo infracional está relacionado à qualidade do vínculo familiar, uma vez que 81% dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação viviam com sua família, na época em que praticaram o delito; sendo que o conflito com essa instituição é considerado a principal fonte de infelicidade para os mesmos. A criação de programas que objetivam o fortalecimento dos vínculos familiares (não apenas os que se voltam para a criança ou o adolescente) seria, de acordo com os autores citados acima, uma das formas de prevenção da entrada do jovem ao mundo do crime.

Boyd (2002) afirma que o vínculo familiar “fraco”, a pobreza e a exposição à violência podem fazer com que crianças tornem-se violentas futuramente. Conforme esse autor, para a sociedade em geral, o comportamento violento está relacionado à falta de disciplina e limites colocados pelos pais.

Outros fatores que influenciam a entrada dos jovens no mundo do crime são referidos por Assis e Constantino (2005), tais como a elevada vulnerabilidade e a tendência à exclusão social. Os adolescentes em conflito com a lei, usualmente, convivem com situações de negligência e abandono, criminalidade e violência na família, na escola, na comunidade e na sociedade.

Oliveira (2002) propõe pensar a exclusão como um processo multifacetado e complexo, que compreende desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado. Para a autora, a exclusão abrange dimensões materiais, políticas, subjetivas e relacionais, envolvendo o indivíduo e suas relações interpessoais.

Os adolescentes autores de atos infracionais, em sua maioria, pertencem às famílias de baixa renda, que, conforme Oliveira (2002), tal fato os impede que tenham acesso às camisetas de “marca”, tênis, roupas e bonés, veiculados na mídia diariamente para o público jovem e percebidos pelos adolescentes como uma forma de se sentirem aceitos socialmente. É esse sentimento de pertença a esse estrato social com poder de consumo, que os seduz, impulsionando-os para a prática infracional como uma alternativa de obter essas mercadorias por meio do que chamam de “ganho fácil”.

Com isso, Oliveira (2002, p. 143) menciona que a pobreza, o ato infracional e os vínculos precários se constituem em

[...] faces excludentes de uma realidade perversa, perpassada pelo estigma de pertencer a uma família marcada pela precariedade, não só econômica, mas também de vínculos calcados na violência, que geram sofrimento,

frequentemente, expresso pela revolta, como forma de demonstrar a inconformidade diante das condições de existência e do tratamento recebido.

Martins e Pillon (2008) relatam que o envolvimento dos adolescentes com o uso de drogas e a prática de atos infracionais tem como fatores de risco o relacionamento com os pais, a influência do grupo e o nível de escolaridade.

Há uma alta probabilidade dos adolescentes que cometem violência terem sido vítimas de agressão. A violência é referida como um comportamento aprendido, associando a vitimização à conduta agressiva, na qual os adolescentes que relataram agredir seus amigos eram, provavelmente, vítimas em outras situações (FISHMAN; MESCH; EISIKOVITS, 2002). Essa associação deve-se ao fato de que, quando agredidas, as pessoas tendem a revidar para se defender e se apropriam desse comportamento em outros momentos. Tais autores relacionam também a violência com a hipótese da proximidade, uma vez que os adolescentes que convivem com “delinquentes” e habitam em um meio violento são mais propensos às agressões ou a agredir.

De acordo com Sudbrack & Conceição⁴ (2005 apud SOUZA 2007), apesar dos jovens brasileiros, mais especificamente os adolescentes de classes econômicas populares serem as principais vítimas da violência, inclusive de homicídios, há uma tendência generalizada das mídias, em geral, os destacarem como autores de atos infracionais e não o contrário.

Diante de uma justiça que ainda mantém uma cultura penalizadora, os atos dos adolescentes em conflito com a lei não deixarão de ser compreendidos como práticas criminosas e serão tratados justamente por essa mentalidade punitiva que está a serviço do procedimento legal.

Conforme Assis, Constantino (2005) e Gonçalves⁵ (2006 apud SOUZA, 2007), ainda pode-se observar, nos dias atuais, um conservadorismo com relação ao E.C.A., no qual se tem a repressão como solução dos problemas sociais gerados pela violência, em detrimento do modelo de proteção integral.

De acordo com Coyle (2002), embora seja necessário verificar os fatores de risco que influenciam a violência praticada por adolescentes, tais como a pobreza, a discriminação

⁴ SUDBRACK, M. F. O.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Jovens e violência: vítimas e/ou algozes?. In: COSTA L. F.; ALMEIDA, T. M. C. de. (Orgs.). **Violência no cotidiano**: do risco à proteção. Brasília: Universa, 2005. p. 185-198.

⁵ GONÇALVES, H. S. Medidas socioeducativas: avanços e retrocessos no trato do adolescente autor de ato infracional. In: ZAMORA, M. H. (Org.). **Para além das grades**: elementos para a transformação do sistema socioeducativo. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006. p. 35-62..

e a desestruturação familiar, é essencial identificar e executar métodos que impeçam e reduzam esse tipo de violência. Para tanto, torna-se necessário a realização de um trabalho que melhore o relacionamento familiar desses jovens, juntamente aos seus pais, e que resulte não apenas em uma maior coesão, como também na redução de conflitos familiares e melhoras na comunicação, mas também na diminuição dos comportamentos agressivos e violentos do adolescente.

Coyle (2002) enfatiza, ainda, que na intervenção para impedir ou reduzir a violência praticada por jovens, devem-se levar em consideração as necessidades individuais do adolescente em situação de risco, tais como o próprio comportamento violento, a desestruturação familiar, histórias de maus-tratos, uso de substâncias químicas, a influência de pares com personalidade anti-social e a falta de modelos positivos.

Partindo desses pressupostos, o mesmo autor sugere outros tópicos importantes para os métodos interventivos voltados à violência da juventude, como o gerenciamento da raiva; a escolha de métodos para a resolução de conflitos; a conscientização das consequências da violência; e o desenvolvimento de qualidades pessoais, que ajudem os adolescentes a escolher métodos não-violentos.

O atendimento junto ao adolescente e seus familiares na instituição de internamento, em parceria com a rede socioassistencial aumentam a possibilidade de resultados positivos na intervenção, buscando, conforme Costa (2006b), o fortalecimento da garantia dos direitos fundamentais dos adolescentes em conflito com a lei, uma vez que se observar atualmente uma dicotomia entre os marcos legais defendidos pela socioeducação e as antigas práticas repressoras.

Desse modo, este trabalho preocupa-se em fornecer subsídios aos profissionais envolvidos com o planejamento e execução da medida socioeducativa dos jovens infratores, visando à compreensão do contexto em que vivem e convivem para que possam repensar as práticas que orientam a internação. A proposta reveste-se de importância porque permite o conhecimento das representações e significações que esses adolescentes possuem em relação à sua internação, além disso, auxilia na ampliação de condutas democráticas, uma vez que, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi conferido a eles o direito de dizerem o que e como pensam.

Pretende-se apreender, ainda, de que maneira a experiência de estar cumprindo a medida socioeducativa de internação pode influenciar o modo de vida desses adolescentes e se a partir de suas crenças existe a possibilidade da internação promover mudanças

significativas a eles e não influenciar em nada o seu modo de vida, ou mesmo se poderá potencializar suas vivências negativas.

1.3 Um breve histórico sobre o atendimento socioeducativo no estado de São Paulo

Conforme Costa (2006a), em quase todo século XX a situação do adolescente autor de ato infracional não sofreu alterações, assim como na maioria dos países da América Latina. No entanto, com a aprovação, em 1989, da Convenção Internacional dos Direitos da Criança pela Assembleia-Geral das Nações Unidas, iniciou-se uma possibilidade de reversão desse quadro, colocando em irregularidade a Doutrina da Situação Irregular.

Colpani (2003) menciona o Código de Menores de 1979, cujas concepções se baseiam na Doutrina da Situação Irregular, em seu artigo 2º, que considerava, em situação irregular, os adolescentes carentes, abandonados com desvio de conduta (devido à grave inadaptação familiar ou comunitária) e infratores.

O referido Código baseava-se, conforme a autora supracitada, na falsa ideia de que todos obtinham as mesmas oportunidades socioeconômicas, como se o envolvimento com atos ilícitos fosse optativo, garantindo proteção apenas para os carentes e abandonados, bem como vigilância para os inadaptados e infratores. Essas medidas protetivas eram verdadeiras sanções, pois não traziam apoio familiar, no qual os adolescentes e crianças eram privados de seus direitos, senão aqueles relacionados à assistência religiosa.

De acordo com Costa (2006a), a justiça de menores apoiava-se no binômio da compaixão e repressão, sendo aplicadas as mesmas medidas para os casos sociais e para os que se envolviam em conflitos de ordem jurídica (advertência, liberdade assistida, semiliberdade e internação).

A erradicação dessa Doutrina teve início nos países latino-americanos, inicialmente no Brasil, com a promulgação da Lei 8069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente), surgindo, assim, a Doutrina da Proteção Integral, que tem como antecedente a Declaração dos Direitos da Criança (1959), a qual condensa quatro documentos internacionais fundamentais: a Convenção Internacional dos Direitos da Criança; as Regras Mínimas das Nações Unidas para administração da justiça juvenil (Regras de Beijing); as Regras Mínimas das Nações Unidas para os jovens privados de liberdade; e as Diretrizes das Nações Unidas para Administração da Justiça Juvenil (Diretrizes de Riad).

Conforme Colpani (2003), a Doutrina da Proteção Integral busca promover e defender os direitos da criança e do adolescente, previstos no artigo 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988, p.128):

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Os casos de crianças e adolescentes em situação de pobreza e inadaptação, segundo Costa (2006b, p.46), são encaminhados para os Conselhos Tutelares, que se encarregam “de receber, estudar e encaminhar casos, requerendo serviços e, quando necessário, peticionando ao Ministério Público”, aplicando as medidas protetivas às crianças e adolescentes com direitos violados. Todavia, para os jovens de 12 a 18 anos, autores de atos infracionais, o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê medidas socioeducativas.

Dando sequência a uma tendência generalizada em países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, conforme Marcílio (2007), surgiu no Brasil, no final do Império, como solução à crescente criminalidade juvenil e ao abandono de crianças nas ruas das cidades, a ideia de isolar os jovens delinquentes em instituições, a fim de educá-los e, posteriormente, devolvê-los à sociedade recuperados, pois, até 1894, as crianças e adolescentes abandonados e infratores permaneciam em prisões comuns.

Ainda de acordo com Marcílio (2007), em 1884, o conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho propôs em uma conferência, a criação de asilos por meio da Associação Protetora da Infância Desamparada, visando proporcionar educação primária aos filhos libertos de escravas e aos menores sem pais ou com pais incapazes de educá-los, além de ensino profissional e aprendizagem de um ofício. Já para adolescentes que haviam cometido atos infracionais, convinha a fundação de escolas correcionais, com regulamentos disciplinares mais severos do que os aplicados aos asilos. Com isso, as intervenções eram feitas em colônias orfanológicas e colônias agrícolas, preferencialmente para crianças abandonadas e órfãs, prevenindo a prática de atos ilícitos, tais como o uso de entorpecentes, a prostituição e outros atos infracionais.

Surgiu, então, em 1873, no Recife, a primeira Colônia Agrícola Orfanológica e Industrial Isabel, na qual eram ministradas as instruções primária, artística, agrícola e outros ofícios. A partir de então, novas colônias foram criadas em outras províncias do Império (MARCÍLIO, 2007).

Com o advento da República, os rumos da atenção às crianças pobres e marginalizadas foram alterados de acordo com Marcílio (2007), sendo que grandes juristas propuseram a criação de ambientes sadios para a recuperação de infratores, bem como recomendavam, como medida profilática, o internamento de menores antes deles cometerem atos infracionais. Com isso, em 11 de julho de 1893, foi promulgado o decreto que autorizava a criação de colônias correcionais para “delinquentes e abandonados”, sendo que poucos anos depois surgiram nas grandes cidades as casas de correção ou de detenção de menores, ou os também chamados de reformatórios (MARCÍLIO, 2007).

Em 1896, conforme o site da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, o sistema denominado “roda”, utilizado nos conventos para recolher doativos, em decorrência do aumento do número de crianças atendidas por essa instituição, transformou-se na “Casa dos Expostos”, passando a funcionar na “Chácara Wanderley”, em um prédio construído em 1897, localizada no bairro Pacaembu, em São Paulo.

Em 1902, foi fundado em São Paulo o Instituto Disciplinar do Tatuapé, onde os internos eram isolados, objetivando evitar que outros jovens se envolvessem com atos ilícitos e também para ensinar-lhes a necessidade de bons comportamentos, disciplinas e regras de conduta. Quando os adolescentes eram insubordinados, os funcionários os enfrentavam com castigos físicos e punições corporais, pois, quando não se conformavam com o regime diário, os internos eram também colocados em solitárias (MARCÍLIO, 2007).

Com a criação do Código de Menores, em 1927, foi definido um novo projeto de regulação de políticas públicas para crianças e adolescentes pobres, desvalidos ou infratores, no qual a assistência passou a ser reorganizada pelo estado de forma preventiva, com bases científicas e a idade penal foi elevada para 18 anos (MARCÍLIO, 2007). Conforme Oliveira (2004), o Código de Menores culpabilizava as famílias pelo não provimento da subsistência e desenvolvimento de seus filhos, propondo a institucionalização desses jovens para sua educação e disciplina física, moral e civil.

Marcílio (2007) refere que, em 19 de novembro de 1938, foi criado o SAM (Serviço de Assistência aos Menores) por meio do Decreto n. 9744, para organizar e melhorar, em território nacional, os serviços de assistência aos menores e realizar estudos sobre o tema. Com isso, orfanatos e escolas-modelo passaram a ser administrados pelo SAM, porém funcionavam como reformatório, no qual imperavam torturas, drogas, violência, abuso sexual e corrupção administrativa, desenvolvendo uma reputação negativa - chamada de “universidade do crime” e “sucursal do inferno”, de acordo com Oliveira (2004).

Conforme Marcílio (2007), no estado de São Paulo, o Tribunal de Justiça, a Procuradoria Geral de Justiça, os juízes de menores e o Serviço Social decidem conjuntamente, em 1948, organizar a Semana de Estudos dos Problemas do Menor, devido ao aumento da criminalidade juvenil na cidade de São Paulo, que se repetiu anualmente.

Em 1954, foi criado o RPM – Recolhimento Provisório de Menores - para cuidar dos infratores da cidade de São Paulo. No entanto, essa instituição teve igualmente uma história de maus tratos e incompetência (MARCÍLIO, 2007).

Conforme Oliveira (2004), houve um comprometimento do governo militar em moralizar e problematizar os setores referentes à criança e ao adolescente, sendo que, diante das denúncias de escândalos, de corrupção, de exploração e violência contra menores, o Plano Nacional do Bem-Estar do Menor extinguiu o SAM, em 01 de dezembro de 1964, e criou a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), “entidade autônoma, financeira e administrativamente e diretamente subordinada à Presidência da República, investida de funções normativas e responsável pela coordenação da nova política em âmbito nacional” (Marcílio, 2007). O primeiro presidente da FUNABEM, Mário Atenfelder, que foi também seu idealizador, assumiu a instituição com os princípios da Declaração Universal dos Direitos da Criança da ONU (1959), arraigados em sua administração (MARCÍLIO, 2007).

A partir de então, esse mesmo autor afirma que a ideia da repressão brutal e de castigos violentos tornou-se repugnante e o tratamento concedido aos menores deveria ser feito baseado na compreensão, na reeducação e na disciplina, por meio da ação de professores e psicólogos capacitados, que realmente estivessem interessados no desenvolvimento dos internos.

Contudo, ao contrário do que propunha a Fundação, com as ideias de participação da juventude, descentralização de atividades e de campanhas para prevenir a delinquência juvenil, seus ideários não se concretizaram e a marginalização aumentou. Câmara dos Deputados, conseqüentemente, realizou a denominada “CPI do menor” em 1976, que constatou novamente a falência do Estado na resolução do problema do jovem em conflito com a lei, bem como o SAM, além de possuir as mesmas causas e defeitos deste (MARCÍLIO, 2007).

Em 12 de dezembro de 1973, foi promulgada a Lei n. 185, que autorizava o Poder Executivo a instituir a “Fundação Paulista de Promoção Social do Menor”, visando aplicar, no estado de São Paulo, diretrizes e normas da política nacional do bem-estar do menor, em harmonia com a legislação federal.

Desse modo, no dia 04 de setembro de 1974, foi inaugurada a Fundação Pró-Menor⁶, localizada na Rodovia Raposo Tavares, Km 19,5. Algumas das competências dessa Fundação tratavam da promoção de estudos e pesquisas para elaborar e executar programas de atendimento ao menor; realizar capacitações, treinamentos e aperfeiçoamento de pessoal técnico e administrativo para realização de seus objetivos; firmar convênios com entidades públicas ou privadas visando cumprir integralmente suas finalidades; participar de programas que possibilitem a integração social do menor e de sua família; e a motivar a comunidade concernente a sua participação na solução de problemas relacionados ao menor.

Em 1975, foi proposta a criação da Febem/SP, seguindo as diretrizes da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), que ditava a política federal do menor.

A Lei n. 985, promulgada em 26 de abril de 1976, alterou a denominação da Fundação Paulista de Promoção Social do Menor para Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, dando origem, a partir de então, à FEBEM, visando, conforme o site da instituição, à implementação e execução de programas de atendimento à criança e ao adolescente em situação de risco e adolescentes autores de ato infracional, no estado de São Paulo, bem como a preservação dos direitos destes e educação para a prática da cidadania.

De acordo com Marcílio (2007), essa instituição tinha como diretriz os princípios do E. C. A. (Estatuto da Criança e do Adolescente), criado em 1990, que proclamava a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, merecedores de proteção integral e prioridade nacional, de acordo com o estabelecido pela ONU, desde a Declaração dos Direitos da Criança (1959), da Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1959), da Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), das Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça da Infância e da Juventude (Regras de Beijin – 1988), das Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil (1990) e das Regras Mínimas das Nações Unidas para a proteção dos jovens privados de liberdade (1990) e obedecendo ao artigo 227 da Constituição Brasileira (1988).

Os documentos supracitados ressaltam que o menor autor de ato infracional deve ser confinado apenas em caso extremo, como último recurso, pelo menor período de tempo necessário, e seus direitos e bem-estar devem ser garantidos, promovendo a integração do jovem com a sociedade. Apesar de ser um lento processo de mudanças na forma de olhar para a infância e para a juventude, ainda nos dias atuais, seus direitos básicos são violados (MARCÍLIO, 2007).

⁶ Disponível em: <<http://www.dialogue.com.br/web/sites/febem/pag/p01-main.html>>. Acesso em: 13 junho 2009.

Passando por uma reestruturação histórica⁷, o governo do Estado de São Paulo elaborou, em novembro de 1999, um plano de reestruturação física e pedagógica da Fundação para melhorar o atendimento ao adolescente autor de ato infracional, implantando uma nova Febem/SP, com unidades descentralizadas, menores e com uma arquitetura adequada. Contrataram-se funcionários mais qualificados para dar ênfase à educação formal e qualificação profissional, com o apoio e assistência para a família do adolescente em conflito com a lei e tratamento especializado a drogados e portadores de distúrbios mentais e de comportamento.

A FEBEM/SP⁸ executa medidas socioeducativas, tais como:

- Liberdade Assistida, na qual 12.500 adolescentes podem residir com seus familiares, mas necessitam prestar conta de seus atos aos postos de atendimentos e ao Poder Judiciário;

- Semiliberdade, na qual mais de 300 adolescentes são atendidos, podendo durante o dia frequentar a escola, cursos profissionalizantes, participar de atividades culturais e esportivas e, à noite, devem pernoitar na Unidade;

- Privação de Liberdade, na qual 4.140 meninos e meninas não podem sair das unidades.

Essas medidas são aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes de 12 a 18 anos incompletos, autores de atos infracionais.

No ano 2000, tal entidade era constituída por 25 unidades de internação, 05 unidades de internação provisória (local onde os jovens que cometeram ato infracional permanecem por no máximo 45 dias, aguardando a decisão judicial), 01 unidade de atendimento imediato (na qual os jovens permanecem por 24 horas, sob os cuidados da polícia) e 08 mini-internatos (MARCÍLIO, 2007).

Ainda conforme o autor, o chamado “Quadrilátero” era considerado o maior conjunto de prisões de menores do Brasil, localizado no bairro Tatuapé. Era composto por 16 pavilhões, comportando até 1054 adolescentes e nele permaneciam aproximadamente 1500 jovens, ocorrendo constantes superlotações nas unidades.

Marcílio (2007) aponta que a FEBEM atendia, em 1997, 2.824 adolescentes, com uma despesa de R\$ 8.106.131,29, mas deste valor, 75,4% eram designados aos recursos humanos – 3.902 funcionários. Destinados ao atendimento direto ao adolescente, havia

⁷ Disponível em: <<http://www.dialogue.com.br/web/sites/febem/frames/p02.html/>>. Acesso em: 28 maio 2009.

⁸ Disponível em: <<http://www.dialogue.com.br/web/sites/febem/frames/p04.html/>>. Acesso em: 28 maio 2009.

57,6%, ou seja, 2.249 funcionários, sendo 43,6% vigilantes ou monitores e 0,4% da área educacional (88 funcionários).

Há uma alta rotatividade no quadro de monitores e de seus coordenadores, e tais profissionais são admitidos por concurso, no qual não é exigida nenhuma experiência na área educacional, sendo que a atuação desses funcionários e a administração de conflitos existentes entre (e com) os internos são baseadas em seus próprios recursos pessoais, com sua moral, valores, humor e força física, e falta-lhes, muitas vezes, preparo técnico para desempenhar a função. “Poucos procuram desenvolver uma prática educativa e de atenção individual ao menor. Quando isso ocorre, sofrem esses raros monitores boicote e reprimendas dos colegas” (MARCÍLIO, 2007).

Ainda o autor menciona que o trabalho burocrático da instituição era realizado por 42,4% dos funcionários e que esses dados demonstram maior preocupação com a segurança e a disciplina dos adolescentes, do que com propostas e métodos educativos que permitissem a integração do menor com a sociedade, após sua desinternação.

Ainda conforme Marcílio (2007), os diretores das Unidades de internação, em sua maioria, tiveram trajetórias na própria instituição, assim como os coordenadores de turno, que não tiveram formação na área educacional, demonstrando que a noção de educação que têm está fundamentada no senso comum, com a imposição de disciplina e de limites, subjuguando o adolescente pelo medo.

Dessa forma, para os jovens em desenvolvimento que tiveram uma trajetória de vida difícil, permeada de carências afetivas, educacionais, culturais, perpassadas de violências em casa ou na rua, além de dificuldades de toda ordem, não há possibilidade de conhecimento e de emprego de métodos sócio-pedagógicos especiais. A partir daí, explica-se a incompetência e negligência em oferecer condições educativas e afetivas de atendimento ao jovem infrator, bem como o fracasso do modelo da Febem (MARCÍLIO, 2007).

Conforme o mesmo autor, no ano 2000, os jovens internados tinham em média 16,6 anos de idade, provenientes da capital (45,1%), da Grande São Paulo (64,6%) e os demais do interior (as cidades de maior incidência eram Campinas – 8,5%; e Santos – 4,8%). Eram do sexo masculino 94,6%, sendo 42,6% de adolescentes reincidentes e o roubo era o ato infracional cometido com maior frequência (54%), seguido do furto (10,1%).

Ainda no ano 2000, o orçamento global atingia os 200 milhões e a FEBEM passou a ser responsável pelo atendimento de 6 mil adolescentes cumprindo a medida socioeducativa de liberdade assistida, tendo 08 postos na grande São Paulo e 13 no interior do estado (MARCÍLIO, 2007).

Contudo, as medidas simples que não dependem de reformulação orçamentária ou do acabamento da construção das novas unidades em construção, ainda não aconteceram, tais como: a separação dos infratores por idade, por porte físico e tipo de crime cometido; o apoio psicológico aos jovens e às suas famílias; e a seleção mais rigorosa de professores e de funcionários (MARCÍLIO, 2007), permanecendo, em 2000, práticas deseducativas, em que jovens eram trancados em celas como castigo, onde ficavam isolados por mais de 30 dias e eram torturados e espancados.

Faz cem anos que a história do jovem infrator internado em instituições do estado, criadas pra recuperá-lo, é uma história de cor, sofrimentos, humilhações, maus-tratos, pancadarias, rebeliões, fugas, corrupção e sangue (MARCÍLIO, 2007).

Em 22 de dezembro de 2006, o ex-governador do estado de São Paulo, Cláudio Lembo, promulgou a lei n. 12.469, publicada no Diário Oficial em 23 de dezembro, na qual a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM/SP) passa a denominar-se Fundação Centro de Atendimento Sócio-Educativo ao Adolescente (Fundação CASA-SP), visando a um ajustamento dos objetivos da instituição e, também, a desvinculação de antigas denominações estigmatizantes.

A partir de 2006, deu-se início a um processo de descentralização da instituição⁹, por meio do qual os adolescentes começaram a ser atendidos próximos de suas famílias e em instituições pequenas, visando facilitar o trabalho de ressocialização nos aspectos pedagógico e de segurança, oferecendo-lhes um atendimento individualizado.

Conforme dados fornecidos pela presidente da Fundação Casa, Dra. Berenice Giannella, em 11/04/2008¹⁰, no período de um ano (de 2006 para 2007), houve uma diminuição na taxa de reincidência entre os adolescentes da Fundação CASA, de 29% para 18%, e de 16%, no final de 2008,¹¹ para 14,18%, nos cinco primeiros meses de 2009, demonstrando que a reconstrução das políticas de atendimento ao adolescente autor de ato infracional, no estado de São Paulo, vem obtendo êxitos.

Dentro do processo de descentralização do atendimento socioeducativo ao adolescente foram construídas pelo Governo do Estado de São Paulo¹², 44 unidades, com base num novo modelo arquitetônico (parecido com uma escola de três pavimentos: no primeiro, o térreo, há salas de educação, um refeitório e consultórios médico e odontológico; no segundo

⁹ Disponível em: <<http://www.casa.sp.gov.br/site/noticias.php?cod=2081/>>. Acesso em: 20 abril 2009

¹⁰ Disponível em: <http://www.promenino.org.br/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/ConteudoId/8cbca70a-df84-429e-a984-1d30a7d7fc0b/Default.aspx/>. Acesso em: 20 abril 2009

¹¹ Disponível em: <http://www.casa.sp.gov.br/site/noticias.php?cod=2248>. Acesso em: 20 abril 2009

¹² Disponível em: <<http://www.casa.sp.gov.br/site/noticias.php?cod=2276/>>. Acesso em: 30 maio 2009.

piso, ficam os quartos dos jovens; o terceiro pavimento conta com uma quadra poliesportiva e espaços para a visita de familiares).

Essas novas unidades são pequenas, com capacidade para o atendimento de 40 jovens em internação e 16 jovens em internação provisória, permitindo o esvaziamento dos grandes e inadequados complexos de internação, que têm em seu histórico a crueldade e as superlotações.

Até o final de 2009, quinze unidades serão inauguradas, permitindo que os adolescentes sejam atendidos próximos da residência de seus familiares. Tais medidas demonstram o avanço da descentralização do atendimento, conforme os pré-requisitos do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Os resultados obtidos com a descentralização e com o fim dos grandes complexos, fez com que o número de rebeliões diminuísse de 53 no ano de 2005 para 03 no ano de 2008, bem como o número de fugas (de 775 em 2005, para 33 em 2008), conforme dados fornecidos pela Fundação CASA ao jornal Estado de São Paulo, em 26 de abril de 2009¹³.

De acordo com Ikuma (2007), o Estado continua investindo em novas Unidades e vem aumentando a oferta de atendimento ao jovem com medidas de meio aberto, assegurando aos adolescentes, que estão cumprindo medida socioeducativa, os direitos preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).

1.4 Reflexões sobre adolescentes cumprindo medida socioeducativa de internação no Brasil e as instituições que a executam

Estudos realizados pelo Departamento da Criança e do Adolescente (DCA), em parceria com a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos (SEDH), mostram que chega a aproximadamente 10 mil a população que está privada de liberdade no Brasil; desses, 90% são do sexo masculino, 76% estão na faixa etária entre os 16 e 18 anos, 6% entre 19 e 20 anos e 18% entre 12 e 15 anos, demonstrando, assim, que o ato infracional não é uma “conduta

¹³ Disponível em: <<http://www.casa.sp.gov.br/files/Estado%20de%20São%20Paulo-26deAbril2009-Parte%20I%20e%20II.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2009.

intrínseca da personalidade de seu autor” (ANCED; FÓRUM DCA, 2004), ocorrendo num período de maior vulnerabilidade do desenvolvimento humano.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2003), destes adolescentes privados de liberdade, 51% não frequentavam a escola e 49% não trabalhavam; aproximadamente 50% dos internos não haviam concluído o ensino fundamental e 85,6% eram usuários de drogas.

Há um grande número de adolescentes infratores que tiveram algum tipo de experiência laboral, geralmente no mercado informal, com falta de direitos trabalhistas e baixas remunerações, como relatam Assis e Constantino (2005). De acordo com Costa (2002), os adolescentes privados de liberdade são de famílias com renda inferior a 2 salários mínimos (88,5%), 9% são analfabetos e a maioria (70%) tem 5 anos de escolaridade a menos que a série correspondente a sua idade.

O mercado de trabalho para esses jovens é restrito, principalmente levando em consideração a baixa escolaridade, resultando sua inserção no cometimento de atos infracionais.

No relatório sobre a situação dos direitos da criança e do adolescente no Brasil (2004, p.62), o sistema jurídico define o ato infracional como “a conduta descrita em lei como crime ou contravenção penal”.

Os principais atos infracionais cometidos são: majoritariamente roubo (29,5%); homicídio (18,6%); furto (14,8%); tráfico de drogas (8,7%); latrocínio (5,8%); estupro/atentado violento ao pudor (3,7%); lesão corporal (3,3%); e uma porcentagem elevada de delitos, tais como o porte de armas, sequestro e o descumprimento de medidas socioeducativas aplicadas anteriormente (IPEA, 2003).

No art. 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente (E. C. A.) consta que a medida socioeducativa de internação é aplicada apenas “[...] mediante grave ameaça ou violência contra a pessoa; por reiteração no cometimento de outras infrações graves; ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta”. Apenas em caso de internação, devido ao descumprimento da medida socioeducativa anteriormente imposta, o prazo da nova medida não poderá se exceder a 3 meses de internação.

A privação de liberdade poderá ser utilizada, apenas, como última instância e pelo menor período de tempo que for apropriado – princípio de excepcionalidade, seguindo o artigo 25 da Convenção sobre os Direitos da Criança, devendo ser aplicada somente em situações nas quais outra medida se mostraria ineficaz (ANCED; FÓRUM DCA, 2004, p. 64). Não há um prazo pré-estabelecido quando o adolescente é sentenciado, sendo que a medida é

reavaliada no máximo a cada 6 meses e terá duração não excedente a 3 anos. Ao cumprir esse período limite, o jovem é colocado em regime de semiliberdade ou de liberdade assistida (E.C.A., 1990, art. 121).

Diante disso, pode-se observar que antes de se aplicar a medida de internação, o juiz da Vara da Infância e Juventude pode optar por outras medidas que o Estatuto da criança e do adolescente propõem: a advertência, a obrigação de reparar o dano, a prestação de serviços à comunidade, a liberdade assistida ou a inserção em regime de semiliberdade. A cada 10 mil adolescentes da população brasileira, 10 praticam um delito que resulta numa medida socioeducativa (COSTA, 2002). No entanto, as medidas em meio aberto são pouco utilizadas, segundo Guerresi e Silva (2003), pois o número de adolescentes cumprindo medida socioeducativa de semiliberdade, não chega a 10% daqueles que estão internados, privados de liberdade.

Essas medidas, segundo a Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (ANCED), podem ser aplicadas em caráter cumulativo com outras medidas de proteção, bem como podem progredir do regime fechado para o aberto. Apresentam, também, um caráter coercitivo, uma vez que os adolescentes são obrigados a cumpri-las, além de um caráter pedagógico, sendo uma oportunidade que o adolescente tem de reorganizar sua vida, “tudo isso em respeito à condição peculiar de desenvolvimento de seus destinatários” (p.62).

Há no Brasil cerca de 190 instituições que aplicam a medida socioeducativa de internação, como relata o Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade, incluindo as 50 unidades de internação provisória, onde ficam os adolescentes em conflito com a lei aguardando a sentença judicial e as 30 unidades mistas, ou seja, que abrigam adolescentes que aguardam a sentença judicial (unidades de internação provisória) e os que já receberam a sentença (IPEA, 2003).

Dessas unidades, 25 % encontram-se no estado de São Paulo e as demais estão distribuídas por todo o Brasil. Mas, esse número de unidades de internação, nesse estado, não era suficiente para abrigar todos os internos do estado de São Paulo, que chegava a 46% do total do país, “isto é, 4.429 jovens nos meses de outubro e novembro de 2002” (GUERESI; SILVA, 2003).

A superlotação nas unidades não é decorrente de um número exorbitante de adolescentes infratores, mas sim, pela violação do princípio de excepcionalidade da medida de privação de liberdade, que é aplicada indiscriminadamente pelos magistrados, como um castigo pelo mal praticado, estigmatizando o infrator e desrespeitando sua situação peculiar de

desenvolvimento, uma vez que não se levam em consideração as demais medidas socioeducativas em meio aberto (ANCED; FÓRUM DCA, 2004).

Garbin (2006) relata que, entre janeiro de 2000 e março de 2006, entraram na FEBEM cerca de 83.740 adolescentes, sem contar as reincidências. A FEBEM abrigava, no dia 20 de abril de 2006, em suas 75 unidades, 5900 adolescentes do sexo masculino e 300 adolescentes do sexo feminino de 12 a 21 anos. Esse índice chega a 24 mil, se contarem os adolescentes infratores cumprindo medida socioeducativa em semiliberdade ou em meio aberto.

De acordo com o Art. 123 do E.C.A., a internação deve acontecer “[...] em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida a rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração”.

O adolescente que estiver cumprindo a medida socioeducativa de internação tem direito a receber visitas, no mínimo, semanalmente; corresponder-se com seus parentes e amigos; ter acesso aos objetos necessários para sua higienização pessoal; permanecer em uma unidade, cuja localidade seja mais próxima possível da residência de seus pais ou responsável; ser tratado com respeito e dignidade; ter um alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade; ter acesso aos meios de comunicação, à escolarização, à profissionalização, às atividades culturais, esportivas e de lazer; receber assistência religiosa se for de sua vontade; e ter um local seguro para guardar seus objetos pessoais (E.C.A., 1990, art. 124). Entretanto, o adolescente “[...] está privado do seu direito de ir, e permanecer nos logradouros públicos, mas certamente não está privado de se desenvolver” (CATALÃO, 2002).

No que se refere ao direito de ser tratado com respeito, ainda segundo essa autora, deve haver uma preservação da imagem do adolescente, de sua identidade, autonomia, valores, crenças e objetos pessoais, sendo invioláveis suas sanidades física, psíquica e moral. Quanto ao direito à dignidade, esses jovens devem estar preservados de tratamentos desumanos, violentos, aterrorizantes ou constrangedores. Além disso, lhes é assegurado o acesso às vestimentas e à alimentação adequadas à sua idade; a atendimentos médico, psicológico, farmacêutico e odontológico. Essas orientações devem ser seguidas, pois é o que o Estatuto da Criança e do Adolescente preconiza.

É responsabilidade do Estado, zelar pela integridade física e mental dos adolescentes privados de liberdade (E.C.A., 1990, artigo 125), dando a eles uma oportunidade concreta de reinserção no contexto social, priorizando seu desenvolvimento e não o modelo repressivo e discriminatório.

De acordo com a ANCED e o Fórum DCA (2004, p. 68), no que se refere à educação, a escolarização nas unidades de internação é inadequada às singularidades dos adolescentes - há falta de professores e um número insuficiente de salas de aula, sendo que 99% dessas unidades oferecem o ensino fundamental e 63% ofertam o ensino médio.

No mapeamento realizado pelo IPEA (2003), 85% das unidades de internação pesquisadas oferecem cursos profissionalizantes aos adolescentes, mas de forma precária e sem um plano que atenda às necessidades do mercado de trabalho e do adolescente. Ainda assim, as vagas nesses cursos são oferecidas como “prêmios” pelo bom comportamento dos internos.

Nas unidades em que foi feita a transição do modelo repressivo, baseado no confinamento, para um modelo no qual haja interação com a família, com a comunidade e com as demais políticas públicas, um modelo com seriedade pedagógica, com uma estrutura adequada e baseada em relações de confiança, “[...] é possível assegurar a reorganização de vida desses adolescentes” (COSTA, 2002).

O E. C. A. foi promulgado há quase 16 anos, mas de acordo com Catalão (2002), a realidade dos adolescentes privados de liberdade é marcada pelo abandono, riscos e desinformação, uma vez que esse segmento da população é um dos “menos assistidos por políticas abrangentes e de qualidade”. Para o autor, faz parte do cotidiano dos adolescentes privados de liberdade nas “Febem ‘s’ o tráfico de drogas, a violência e as injustiças”.

Os principais problemas encontrados nas unidades de internação, de acordo com o Relatório sobre a situação dos direitos da criança e do adolescente no Brasil¹⁴ (2004), foram: a falta de espaços adequados para as atividades esportivas e de convivência, bem como as “péssimas condições de limpeza e manutenção” (p.67). Outro problema citado pelo relatório da Human Rights Watch (2003) é a prática rotineira de maus-tratos e torturas contra os internos, sem que haja responsabilização dos torturadores, o que faz com que essa prática se repita. De acordo com Assis et al. (2002, p.5),

[...] essa mentalidade repressora e carcerária ainda impera em todo o país, que se vê as voltas com a perspectiva da redução da idade penal, creditando-se à restrição de liberdade a eficácia da punição aos infratores.

Os problemas relacionados à saúde dos internos são os mesmos encontrados pela população em geral, pois, segundo a Associação Nacional dos Centros de Defesa da Criança e

¹⁴ Disponível em: <<http://www.cecilia.org.br/direitos/Relatorio%20ANCED%20-%20Direitos%20das%20C%20E7as%20e%20Adol%20-%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 16 junho 2009.

do Adolescente e o Fórum Nacional Permanente das Entidades não-Governamentais de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente (2004), 94% das unidades de internação usam os serviços de saúde pública local. Não há programas de tratamento para os dependentes químicos na maioria das unidades, embora o número de usuários de drogas seja significativo.

A maior parte dos dados estatísticos refere-se à reincidência do ato infracional e, de acordo com a Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), não existe, no Brasil, nenhuma estatística focalizando os índices de reinserção na sociedade dos adolescentes infratores, depois de sua desinternação.

SEGUNDA PARTE – A INSTITUIÇÃO, OS ADOLESCENTES E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

*Hey Joe, onde é que você vai
com essa arma aí, na mão?
Hey Joe, esse não é o atalho
pra sair dessa condição.*

*Dorme com tiro, acorda ligado.
Tiro! Que tiro? Trik-trak, boom
para todo lado!*

*Meu irmão, é só desse jeito
consegui impor minha moral.
Eu sei que sou caçado
e visto, sempre, como um animal.*

*Sirene ligada, os homi chegando
Trik-trak, boom boom,
mas eu vou me mandando.*

*Hey Joe, assim, você não curte
o brilho intenso da manhã.*

Acorda com tiro, dorme com tiro!

*Hey Joe, o que o teu filho vai pensar,
quando a fumaça baixar?*

*Fumaça de fumo, fogo de revólver
e é assim, que eu faço.
Eu faço a minha história.*

*Meu irmão, aqui estou por causa dele
e vou te dizer: talvez, eu não tenha vida,
mas é assim que vai ser.*

*Armamento pesado, o corpo é fechado.
Eu quero é mais ver,
mas vai ser difícil me deter.*

*Hey Joe, muitos castelos já caíram
e você ta na mira.*

Tá na mira, tá na mira, tá na mira!

*Também Morre quem atira...
Também morre quem atira...
Também morre quem atira...*

(O Rappa)

2.1 Caracterização da unidade de internação

A Unidade de Internação em que se realizou a pesquisa foi inaugurada em 05 de julho de 2002 e regulamentada pela Portaria Administrativa n. 328/2002. Possui capacidade para atender a 96 adolescentes do sexo masculino, com idades compreendidas entre 16 e 21 anos incompletos, sendo os infratores primários médios e graves, em medida socioeducativa, conforme o artigo 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Está localizada em uma rodovia na zona rural.

A portaria administrativa nº. 98/06 caracteriza os atos infracionais médios e graves, como sendo os seguintes:

- Atos Infracionais Médios: homicídio culposo ou doloso simples; porte ilegal de arma; furto e furto qualificado; roubo simples; estelionato e/ou outras fraudes; formação de quadrilha ou bando; falsidade documental; lesão corporal leve, grave ou culposa; violação de domicílio; e receptação.

- Atos Infracionais Graves: roubo seguido de lesão corporal grave ou morte; homicídio doloso qualificado; tráfico de drogas; sequestro e cárcere privado; roubo qualificado; extorsão ou extorsão mediante a sequestro; lesão corporal seguido de morte; e crime contra costumes (estupro, atentado violento ao pudor).

Tal Unidade é composta pelos módulos I e II, com capacidade para atender até 48 adolescentes cada um e também pelo módulo III, que inicialmente era denominado de U.A.I. (Unidade de Atendimento Inicial), local onde ficavam os internos que acabavam de chegar na instituição. Atualmente, o módulo III possui a mesma função e é também onde permanecem outros jovens cumprindo a medida de internação, que necessitam de ter sua integridade física preservada e, com isso, são separados dos pares - ficam os adolescentes sancionados por terem descumprido alguma regra da unidade.

Os adolescentes que se encontram nessa Unidade de Internação são advindos das seguintes Circunscrições Judiciárias: Pirassununga, São Carlos, Araraquara, Barretos, Franca, Batatais, Ituverava, Ribeirão Preto, Jaboticabal, Casa Branca e São João da Boa Vista.

Conforme um levantamento realizado pela própria instituição pesquisada, no ano de 2007, 170 jovens deram entrada nessa Unidade, 68 permaneceram cumprindo a medida socioeducativa de internação e 102 foram desinternados, sendo que, em média, o tempo de permanência foi de 9 meses.

Ainda conforme a média calculada pela própria instituição, esses jovens tinham, na época, 17 anos de idade, cursavam durante o período de internação o Ensino Fundamental, tinham a renda familiar de um salário mínimo e meio, apresentando o tráfico de entorpecentes como o ato infracional mais cometido.

Os adolescentes internos frequentavam, de acordo com o módulo em que estavam inseridos, as aulas do ensino formal, no período diurno (módulo I) ou vespertino (módulo II), que eram ministradas por professores da rede pública estadual.

A equipe do setor pedagógico, entre a qual se encontram pedagogos, educadores físicos, assistentes sociais e psicólogos, ministrava atividades ocupacionais e esportivas aos adolescentes; realizavam atividades grupais para discussão de temas relativos à prevenção de DST/Aids. Há parcerias com a comunidade e com algumas ONG's, para a realização de atividades culturais, profissionalizantes e religiosas junto aos adolescentes.

A participação nas aulas do ensino formal é obrigatória e os adolescentes podem optar entre uma modalidade de atividade cultural e uma modalidade de oficina profissionalizante que tenham interesse em aprender.

Atividades	
Profissionalizante	Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza: informática, pizzaiolo, pequenos reparos, reaproveitamento de alimentos.
Cultural	Projeto Guri: Cavaco e Violão.
Esportiva	Futsal, basquetebol, voleibol, handbol e karatê.
Ocupacional	Tapeçaria, crochê, confecção de bonecas, artesanatos e horticultura
Outras	Assistência Religiosa

Quadro 1. Atividades oferecidas aos adolescentes.

Os pais dos adolescentes também podem acompanhar as atividades que seu filho e os demais jovens participam, desde que tenham agendado previamente. Com isso, diariamente há pais na unidade e esse procedimento recebe o nome de “acompanhamento de rotina”, no qual dois pais podem conhecer o cotidiano da unidade.

Alguns adolescentes participam de atividades externas à unidade, em várias cidades e, outras vezes, até mesmo em outros estados, tais como campeonatos esportivos e apresentações musicais. Para tal, utiliza-se como critério de escolha de adolescentes o tempo de internação (no mínimo três meses internado na unidade), bem como bom comportamento e cumprimento adequado de regras pelo jovem durante a execução da medida.

HORÁRIO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
07:30 - 08:30	Alfabetização	Reforço	Alfabetização	Reforço	Tapeçaria e Crochê
07:30 - 08:30	Tapeçaria e Crochê	Oficina de cartas	Tapeçaria e Crochê	Tapete e Crochê	
07:30 - 09:35		Informática		Informática	
		Pizzaiolo		Pizzaiolo	
		Pequenos Reparos		Pequenos Reparos	
07:30 - 08:30	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas
08:30 - 11:20	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca	Biblioteca
	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas	Atividades Esportivas
	Violão e Cavaco	Oficina de cartas	Violão e Cavaco		
08:30 - 09:30	Tapeçaria e Crochê	Oficina de cartas	Tapeçaria e Crochê	Tapeçaria e Crochê	Tapeçaria e Crochê
09:40 - 11:45		Pizzaiolo		Pizzaiolo	
11:45 - 13:00	Almoço e Higienização	Almoço e Higienização	Almoço e Higienização	Almoço e Higienização	Almoço e Higienização
13:00 - 17:30	Ensino Formal	Ensino Formal	Ensino Formal	Ensino Formal	Ensino Formal
17:30 - 18:20		Jantar e higienização	Jantar e higienização	Jantar e higienização	
17:30 - 18:20	Jantar e higienização				Jantar e higienização
18:30 - 21:00	Atividades Esportivas			Atividade Religiosa	Filme

Quadro 2. Modelo da grade de atividades de um dos módulos.

OBS.: Aos sábados, os adolescentes cuidam da higiene de todo o ambiente, do corte de cabelos e de unhas para aguardar as visitas que receberão no domingo. No restante do tempo, eles praticam esportes e podem assistir aos filmes e programas de TV.

Os adolescentes que chegam a essa Unidade são provenientes da UIP ou de delegacias de cidades da região e permanecem no módulo III para receberem orientações quanto ao cumprimento de regras e atividades das equipes de segurança, de técnica e de pedagogia. Após aproximadamente 5 dias, os adolescentes são encaminhados para o módulo I ou II. Entre os dois módulos ficam localizados o módulo III e a administração.

Na área administrativa ficam localizadas as seguintes salas: departamento de pessoal, direção, secretaria técnica, setor técnico (onde ficam as psicólogas e assistentes sociais), encarregado administrativo, almoxarifado, quatro banheiros para funcionários, refeitório dos funcionários, sala dos dentistas dos adolescentes (são dois dentistas que trabalham por meio período na semana, em escala de plantão), lavanderia e cozinha (a alimentação fornecida aos jovens é terceirizada).

Ao lado da administração, se encontra o módulo III, que é composto por: hall de entrada, onde os adolescentes do referido módulo recebem atendimento técnico, há ainda uma sala onde os medicamentos dos adolescentes são armazenados, uma enfermaria, salas de aula, um quarto com banheiro, dois banheiros, quatro quartos com dois beliches feitos de alvenaria, refeitório e dois pátios pequenos, sendo um coberto e outro descoberto.

Os módulos I e II são iguais, compostos por: uma sala dos coordenadores de equipe com um banheiro, duas salas para armazenamento de materiais pedagógicos, refeitório com 04 mesas e bancos de concreto, duas salas para atendimento técnico (que é feito com uma psicóloga e uma assistente social), um pátio coberto, uma quadra esportiva, uma sala para oficina de panificação (com forno industrial, geladeira, fogão, mesa de fórmica e prateleiras de concreto), uma sala para realização de outras oficinas, cinco salas de aula, três banheiros, duas lavanderias e quatro alas que se subdividem em oito quartos e um banheiro. Cada quarto possui três beliches de concreto e uma mesa.

2.2 Apresentação dos adolescentes

A seguir, encontra-se um quadro que nomeia os sujeitos que participaram das entrevistas, o ato infracional pelo qual estavam cumprindo a medida socioeducativa de internação, sua idade, o tempo em que estavam internados e sua escolaridade.

As entrevistas foram realizadas no início do ano de 2008 e aconteceram nas salas de atendimento técnico. Cada entrevista teve a duração de aproximadamente uma hora. Posterior ao quadro demonstrado, cada adolescente será apresentado em um breve resumo, conforme dados obtidos nas entrevistas.

Adolescentes	Ato infracional (equiparado)	Idade	Tempo de Internação	Escolaridade
1- Jacinto	Roubo	18	1 ano	Ensino Médio Completo
2 – Renato	Homicídio	18	1 ano e 6 meses	5ª. Série E.F.
3 – Antonio	Roubo	19	9 meses	1ª. Série E.M.
4 – Luis	Homicídio	18	10 meses	1ª. Série E.M.
5 – Leonardo	Roubo	18	10 meses	Ensino Médio Completo
6 – Jorge	Tentativa de latrocínio e tráfico de entorpecentes	17	1 ano	8ª. Série E.F.
7 – Anderson	Homicídio	18	1 ano e 10 meses	2ª. Série E.M.
8 – Alison	Tráfico de Entorpecentes	18	9 meses	6ª. Série E.F.
9 – José	Tentativa de latrocínio	18	11 meses	4ª. Série E.F.
10 – Rafael	Latrocínio	18	1 ano e 8 meses	2ª. Série E.M.

Quadro 3. Apresentação dos adolescentes, de acordo com o ato infracional praticado, idade, tempo de internação e escolaridade.

2.2.1 Entrevistado 1 (Jacinto)

No momento em que participou da pesquisa, Jacinto estava internado por delito de roubo e privado de liberdade há, aproximadamente, um ano. O adolescente possui um irmão de 21 anos e uma irmã de 09 anos. Seus pais se separaram, devido ao uso exacerbado de etílicos por parte do genitor, que chegava a agredir a esposa e os filhos. Com a separação, seu pai mudou-se para outro estado e mantém pouco contato com a família. Conforme relata o jovem, aprendeu aos 14 anos a praticar atos infracionais, tais como roubar e traficar, com o irmão de 21 anos, que no momento da entrevista encontrava-se cumprindo pena em uma penitenciária do estado de São Paulo. Desde então, deixou de frequentar a escola e no que se refere à atividade laboral, trabalhou com panfletagem por um curto período, pois achou o trabalho “pesado” (sic). Afirma que começou a fazer uso de substâncias entorpecentes aos 14 anos - usou álcool, lança perfume, maconha, cocaína e “balinha” (sic), que segundo o jovem, trata-se de um comprimido que é necessário tomar muita água para não passar mal. Chegava a

fazer uso dessas substâncias, misturando-as. Jacinto refere que, enquanto está internado, recebeu poucas visitas da genitora e que sente falta da irmã. No entanto, percebe a internação como aprendizado, na qual pôde aprender a conversar melhor, concluir seus estudos, pensar nas consequências ao tomar determinada atitude e que, ao trabalhar, dá-se mais o valor ao dinheiro.

2.2.2 Entrevistado 2 (Renato)

Renato faz parte de uma família composta por 7 pessoas, reside com sua genitora, na casa da avó e foi criado pelo avô. Quando questionado a respeito de seu pai, Renato inicialmente afirma não tê-lo, embora, em seguida, afirma que o conhece, mas não o considera como tal, pois diz nunca ter recebido ajuda dele para nada. Vê no avô uma figura paterna. O adolescente em tela está cumprindo há um ano e seis meses sua primeira internação, devido a ato infracional equiparado a um homicídio, cometido, conforme Renato, devido a dois roubos de droga nos quais, na primeira vez, um indivíduo lhe roubou uma quantia do entorpecente e, com isso, Renato ficou em dívida com outra pessoa, tendo que praticar um roubo pra pagá-lo; na segunda vez, Renato decidiu matar o homem que o teria roubado. No que se refere à escolarização formal, frequentou a escola até a quarta série do Ensino Fundamental, com 14 anos de idade. Nesse período, Renato começou a praticar atos infracionais e a se envolver com drogas. Por volta dos 16 anos, se envolveu com o tráfico de drogas e parou com furtos e roubos.

2.2.3 Entrevistado 3 (Antônio)

Antônio tem 19 anos de idade e é filho adotivo. Ele afirma que faz parte de sua família: seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua madrinha e seu padrinho, no entanto, considera os amigos “do lado do crime” (sic), também como familiares, devido ao fato de terem crescido e passado por “muito sofrimento” (sic) juntos. Antônio residia com seus pais e sua sobrinha, mas após a morte do seu genitor, o jovem passou a discutir com frequência com sua mãe. Esta estabeleceu novo relacionamento marital e foi morar em outra residência. Com isso, desde os

14 anos de idade, Antônio passou a morar sozinho. Trabalhou em uma marcenaria por poucos dias, mas refere descontentamento por ter que permanecer no sol nesse serviço, o que o levou a abandonar o emprego. Com relação à sua escolarização, o jovem pontua evasão escolar na 7ª. série, após a morte do genitor, que lhe dava o dinheiro do transporte para ir até a escola. Todavia, Antonio afirma que sempre apresentou problemas de comportamento na escola e desmotivação, apesar de não ter tido reprovos. Refere-se ao uso de álcool, tabaco e maconha desde os 12 anos de idade. Começou a praticar vandalismos na escola, ainda na 3ª série, realizar roubos aos 13 anos e, posteriormente, traficar entorpecentes, devido ao fato de não gostar de trabalhar e para “ganhar dinheiro fácil” (sic). Antonio está cumprindo a medida socioeducativa de internação há 9 meses, devido a ato infracional equiparado a roubo e menciona passagens pelos distritos de Aguaí e Águas da Prata, bem como pela Unidade de Atendimento Inicial (UAI) de São Paulo.

2.2.4 Entrevistado 4 (Luís)

Luís encontra-se cumprindo a medida socioeducativa de internação há 10 meses, devido a ato infracional equiparado a homicídio. Afirma que, após sua privação de liberdade, sua genitora começou a se reaproximar dele. Seus pais separaram-se e, quando Luis contava com 10 anos de idade, sua genitora o pôs “pra fora de casa” (sic) e o jovem passou a morar por determinado período com seu pai. Devido às frequentes discussões com ambos genitores, quando criança, Luís ficava alternando entre as duas residências por não aceitar as regras impostas, até começar a envolver-se com atos ilícitos. Evadiu-se da escola na 6ª série, sendo que afirma ter sido expulso da escola por três vezes, devido a problemas de comportamento. Menciona, ainda, que não gostava de estudar e decidiu abandonar os estudos. Com 16 anos, foi residir com a namorada de 13 anos, com os pais e o irmão mais novo da mesma, até ser internado. Diz ter experimentado cocaína, LSD e fazer uso de maconha desde os 10 anos de idade. Quanto à prática ilícita, realizou furto, tráfico de entorpecentes, roubo e o homicídio pelo qual está internado.

2.2.5 Entrevistado 5 (Leonardo)

Leonardo encontra-se internado há 10 meses devido a ato infracional equiparado a roubo. O jovem diz ter uma família numerosa e “alegre” (sic). Seus pais são separados desde que Leonardo contava com um ano de vida e ele morava com sua genitora, até esta ter seu trabalho transferido para uma cidade próxima. A mãe de Leonardo alterou domicílio para outro município e o jovem, inicialmente, foi junto, mas retornou para o município de origem, passando, então, a morar com a avó materna. Devido aos conflitos com o tio, por este não aceitar seu envolvimento com delitos e pressioná-lo a trabalhar, Leonardo foi residir na pensão da avó paterna e obteve maior liberdade. O adolescente namora há um ano, aproximadamente, e possui um filho, cujo nascimento ocorreu no início do período de sua internação. Leonardo se evadiu da escola no 1º ano do Ensino Médio e menciona ter apresentado dificuldades em algumas matérias e não gostar de ficar em sala de aula, apesar de nunca desrespeitar a professora. Durante a internação, concluiu o segundo grau e, no que se refere à atividade laboral, Leonardo trabalhou cortando couro para sapatos por 7 meses, embora tenha abandonado o serviço, devido ao cansaço e a sonolência que sentia, por apresentar vida social noturna. Menciona uso de cocaína, álcool, tabaco e maconha e afirma ter praticado atos infracionais aos 14 anos de idade por meio do tráfico de entorpecentes e, posteriormente, cometer furtos e roubos.

2.2.6 Entrevistado 6 (Jorge)

Jorge reside com seus pais e seis irmãos. A genitora trabalha como empregada doméstica e o genitor como cortador de cana. Ele afirma que no período antes da internação possuía vários amigos, todavia, afirma que atualmente foi esquecido por eles, recebendo carta e pertences (desodorante e cigarro) apenas de um único amigo. Diz que se evadiu da escola há 02 anos, na 8ª série do Ensino Fundamental, a fim de trabalhar cortando palha para fazer cigarros. Menciona ter apresentado problemas de comportamento na escola, referentes ao relacionamento interpessoal com professora e pares. O jovem possui experiência laboral na zona rural, arrancando milho e colônia. Jorge pontua que fazia uso esporádico de etílicos, faz uso de tabaco há 4 anos e fumou maconha por aproximadamente 4 meses, mas afirma que não

lhe fez bem. Quanto à prática ilícita, afirma que realizou furto, roubo, tráfico e usou entorpecentes. Está internado há 12 meses devido a ato infracional equiparado à tentativa de latrocínio.

2.2.7 Entrevistado 7 (Anderson)

Anderson é proveniente de uma família composta pelos genitores e 6 irmãos. O pai do adolescente trabalha em uma transportadora, sua mãe é faxineira e um irmão e uma irmã exercem a função de garçom. Anderson frequentou a escola até a 6ª série do Ensino Fundamental e se evadiu devido ao fato de ser influenciado por amizades inadequadas e pelas cobranças da diretora. Salienta dificuldade de relacionamento interpessoal com a professora, diretora, além de não querer cumprir normas. Afirma que nunca exerceu atividade laboral, apesar de já ter procurado se inserir no mercado de trabalho, não obtendo êxito. Anderson menciona que começou a fazer uso de tabaco durante a internação, embora já tenha usado etílicos, maconha e cocaína. Conforme relata, começou a praticar furtos aos 10 anos de idade e, posteriormente, começou a roubar e a traficar entorpecente. Está cumprindo a internação há 01 ano e 10 meses, devido a ato infracional equiparado a homicídio.

2.2.8 Entrevistado 8 (Alison)

Alison encontra-se privado de liberdade há 9 meses, devido a ato infracional equiparado a tráfico de entorpecentes. Proveniente de uma família composta pelo pai, pela tia (sua responsável legal, e que a chama de mãe), avós e quatro irmãos, frequentou a escola até a 6ª série do Ensino Fundamental, mas abandonou os estudos por não ter interesse. Diz, ainda, que apresentava problemas de comportamento e fugia da escola. No que se refere à atividade laboral, Alison trabalhou em uma vidraçaria por 3 meses e em um lava-rápido de automóveis, mas afirma ter ganhado muito dinheiro no tráfico de entorpecentes. O jovem acentua que fez uso de maconha e cocaína e que sente falta de maconha no período em que se encontra cumprindo a medida socioeducativa imposta. Iniciou a prática de atos ilícitos aos 13 anos de

idade, vendendo entorpecentes, embora já tenha cometido roubos. Menciona gosto pelo tráfico, pois refere estar acostumado.

2.2.9 Entrevistado 9 (José)

José tem 18 anos e está internado há 11 meses por ter cometido ato infracional referente à tentativa de latrocínio. No entanto, o jovem afirma que não participou do roubo, apenas emprestou a arma ao colega. Mencionou que já permaneceu internado provisoriamente por 45 dias, em uma Unidade na cidade de São Paulo, por outro delito. O adolescente saiu da casa de sua genitora com 16 anos, devido a uma discussão com a mesma e com seus dois irmãos e alterou domicílio para um município próximo, permanecendo primeiramente na residência de um amigo e, em seguida, passou a residir junto à namorada. Afirma que não teve contato com o seu genitor, apesar de conhecê-lo. José não foi alfabetizado e deixou os estudos na 3ª série do Ensino Fundamental por não ter interesse e pelas dificuldades apresentadas. Afirma ainda, que apresentava “péssimo” (sic) comportamento em sala de aula. Com relação à experiência laboral, o jovem trabalhou na zona rural arrancando colônia, como servente de pedreiro e auxiliando um colega a descarregar areia. Todavia, abandonou o trabalho devido ao cansaço e às dores nas costas que sentia. Menciona uso de etílicos, tabaco, maconha desde os 12 anos e cocaína desde os 16 anos, aproximadamente. Relata que começou a praticar atos infracionais aos 10 anos de idade, cometendo furtos de bolacha em mercados e, posteriormente, passou a cometer roubos em residências e a traficar entorpecentes.

2.2.10 Entrevistado 10 (Rafael)

Rafael tem 18 anos de idade e está cumprindo medida socioeducativa de internação há um ano e oito meses, devido a ato infracional equiparado a latrocínio. O jovem é o mais velho dos oito filhos de sua genitora, sendo esta separada de seu pai. Rafael morava sozinho, no fundo da casa da família de uns amigos, desde os 15 anos, pois tinha discussões com os avós maternos, que residiam na mesma casa. Abandonou os estudos na 6ª série do Ensino

Fundamental, apesar de não apresentar problemas de comportamento ou de aproveitamento escolar. Tal fato se deu por ter ido morar sozinho e por sua escola ficar distante de sua residência, bem como pelo seu envolvimento com a prática ilícita. Exerceu atividade laboral como servente de pedreiro e de pintor, ajudante de mudança e entregador de panfletos. Dos 14 aos 17 anos de idade, ia às festas para traficar entorpecentes, objetivando sua independência financeira. Afirma ter experimentado cocaína e fazer uso esporádico de maconha, pois ambas drogas lhe traziam sensações desagradáveis. Quanto aos atos infracionais que cometeu, iniciou vendendo drogas aos 14 anos e, posteriormente, passou a roubar residências.

2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES CUMPRINDO A MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO

Após a devida análise, as unidades de significado foram organizadas em categorias temáticas que serão apresentadas a seguir. Concernem à história de vida do adolescente no período anterior à internação, à experiência de institucionalização e aos planos de vida prospectivos. Buscou-se entender os temas recorrentes que emergiram nas entrevistas, objetivando-se obter as representações sociais dos internos a respeito da instituição na qual estão cumprindo a medida socioeducativa de internação.

As representações da instituição de internamento são constituídas em função do contexto em que o adolescente está inserido e pelas relações experienciadas por ele, tendo em vista, também, aquelas vivenciadas ao longo de sua vida.

Como as representações sociais têm na ancoragem um de seus processos constitutivos, analisaram-se as experiências vivenciadas pelos jovens nas primeiras instituições das quais fizeram parte, no período anterior ao cumprimento da medida de internação. Ou seja, com relação à instituição familiar, escolar, aos relacionamentos interpessoais, à instituição laboral etc., até chegar ao objetivo deste trabalho, o qual se refere aos significados que os adolescentes atribuem à instituição onde estão cumprindo medida socioeducativa de internação.

2.3.1 Família

Esta categoria refere-se à maneira pela qual os internos representam a família, seja por meio do grupo de indivíduos que a compõe, pelas funções e papéis que eles desempenham, bem como o relacionamento e interação entre os membros.

- 1- Jacinto** *[...] meu irmão, ele é envorvido no crime. Ele começou a se envorve, aí eu aprendi com ele a tá se envorvendo [...] meu pai é separado da minha mãe. Ele é separado, porque nós começou, tipo vende droga, aí também, ele já bebia, e também já vinha umas briga com a minha mãe antes [...] Queria bater na minha mãe também, chegava bêbado[...].*
- 2 – Renato** *[...] eu tenho minha mãe, minha avó, minhas duas irmã e minha tia [...] eu conheço ele, assim... Mas ele nunca me deu nada... Nem é como pai assim não. Meu pai pra mim é meu vô [...].*
- 3 – Antonio** *[...] alguns são unidos, alguns são desunidos, mas vive todo mundo em harmonia [...] tenho família tanto do crime, quanto do pessoal [...] moro sozinho, acho melhor [...] não tem tanta preocupação. Mãe fica muito pegando muito no pé [...] chegava a conversar os dois, vê o que é que um tava errando... Era um relacionamento mais sadio (com o pai) do que com a minha mãe. Agora a minha mãe julga muito as pessoa [...].*
- 4 – Luis** *[...] comecei a me aproximar da minha mãe agora, depois que eu tô preso, que lá fora, eu morava com a minha namorada e era difícil de a gente conversar. Morava eu, minha namorada, minha sogra, meu sogro e o irmãozinho dela [...] ela pois eu pra fora de casa várias vezes... com 10 ano de idade [...] as vez ela queria controlar meus horário de sair de chegar e eu não gosto disso. Aí eu peguei e fui ser mais independente [...] ela me mandava embora, eu ia pro meu pai. Meu pai brigava comigo, mandava eu pra ela. Ficava sempre nesse vai e vem [...] com meu pai também nunca... sentei pra conversar [...] nunca joguei uma bola, nunca brinquei, sempre fui afastado. Sempre fui um moleque mais fechado [...] depois que eu saí mesmo, foi com 15, 14. Comecei a morar com os outros [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] minha família é muito alegre, sabe... Tipo, toda semana eles se reúne na casa da minha avó [...] meu pai é separado da minha mãe. Aí ele tem outra mulher, tem filhos com outra mulher e mora lá com outra mulher [...] minha mãe tava ficando meio triste, essas coisa, aí eu falei: “ah não mãe, vou ficar lá na casa da avó memo”. Aí eu voltei. Aí depois eu saí da casa da minha avó e fui morar na casa da minha outra avó [...] nunca precisei deles, essas coisa, tipo, eu tinha mais minha independência financeira, eu achava que isso aí era tudo e esqueci mais o afeto né, lá em casa [...].*
- 6 – Jorge** *[...] moro com o meu pai e minha mãe [...] minha mãe trabalha de empregada, meu pai cortava cana [...] nós damo bem, senhora. Conversa bastante, ainda mais com a minha mãe. Com meu pai também [...].*
- 7 - Anderson** *[...] ela sempre tava do meu lado, não me abandonou em nenhuma situação... Mesmo eu tando nessa dificuldade aqui [...] minha mãe, meu pai e meus irmão.*

Nóis é em 7 irmão [...] minha irmã trabalha de garçõnete, meu irmão trabalha de garçõnete e as outras é criancinha ainda [...] minha mãe ganha mais do que meu pai. Aí meu pai, do dinheiro dele, ele paga aluguel, compra as coisas pra casa. Minha mãe paga a água e a luz [...] eu vejo ela (a genitora) como uma guerreira memo, batalhadora memo [...].

8 - Alison *[...] minha família é boa, né senhora. Não tenho nada que reclamar dela não. Boa demais ainda. Minha família é só meu pai, minha avó, minha mãe e minha tia... e meu vô... e meus irmãos [...].*

9 - José *[...] minha mãe trabalha cuidando de senhora no hospital, minha irmã trabalha num negócio de lanche, meu irmão não tá trabalhando, tem meu padrasto, tem minha irmãzinha e tem minha sobrinha. Mas o meu contato com eles é de vez em quando memo, porque agora eu tô morando em Morro Agudo [...] minha mãe gostava, tinha mais coleta com a minha irmã, aí eu já ficava meio assim... Aí nós fomos só começando a brigar, brigar... Aí foi onde que eu... Eles ficavam jogando na minha cara, pra mim ir embora [...] com 16... Não me recordo muito bem [...] eu comecei a morar com o Leoni, um colega meu lá, aí depois eu fui e conheci a Daiane e comecei a morar com a Daiane [...] meu pai, não tenho muito contato não [...] ele que não quis saber. Não quis saber de mim mais [...].*

10 - Rafael *[...] lá em casa nós somos em 8 irmãos... e nós se dá muito bem. Não muuuuito bem, tem horas que a gente briga de vez em quando. Igual todas família [...] minha mãe trabalha de doméstica, minha irmã também trabalha de garçõnete, meu pai é aposentado, mas é separado da minha mãe [...] se ele não fosse próximo, acho que taria um pouquinho mais bagunçado. Minhas irmãs, todas estudam [...] não tava dando muito certo, muita briga. Eu não tava trabalhando, não queria ficar dependendo da minha mãe [...] brigava porque eu não trabalhava e nem estudava. E eles falavam que tinha que estudar, trabalhar, pra ajudar minha mãe, que eu tava só atrapalhando [...].*

Os adolescentes representam o núcleo familiar primário como desarticulado, no qual, em sua maioria, as famílias são reconstituídas e numerosas, em parte, devido à separação dos genitores, com isso, ocorre uma segunda união, formando uma nova família, com uma nova prole. É comum que os filhos da primeira união permaneçam sob os cuidados da genitora, desenvolvendo, assim, um melhor relacionamento com esta.

Um fato relatado por diversos adolescentes privados de liberdade é o uso abusivo de etílicos por parte do genitor, que culmina em agressões físicas e morais. A violência doméstica pode ocasionar, muitas vezes, a separação do casal, o sentimento de raiva para com o genitor e o estreitamento de vínculo com a genitora. O uso do álcool reduz a criticidade, tornando o agressor mais violento, sendo que, em especial, a violência recai sobre a mulher e os filhos no ambiente familiar, conforme veicula o Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA) (2005). Com relação à agressão e ao uso de álcool e drogas, os adolescentes têm um modelo negativo no lar.

Conforme Adorno (1997), o envolvimento da figura paterna dos jovens autores de atos infracionais com o alcoolismo, traz como consequência uma dificuldade de relacionamento entre ambos, chegando a ocorrências de violência física e destruição da imagem paterna.

Pode-se observar nas marcas discursivas a existência de um melhor relacionamento, em alguns casos, dos adolescentes com a genitora, especialmente após a internação, devido à falta de diálogo no período pregresso, ou ainda, por ela representar a figura da genitora como forte, batalhadora, aquela que oferece respaldo nas situações difíceis e cuidados afetivo, amoroso.

Evidencia-se a ausência paterna na vida de muitos desses jovens, fazendo com que eles assumam o papel de provedor da família (o “homem da casa”), educando e colocando limites nos irmãos mais novos, demonstrando uma inversão nos papéis familiares. Essa inversão, vivenciada pelos adolescentes autores de atos infracionais, é mencionada por Sarti (1996) quando se refere que, se o dinheiro obtido de maneira suspeita é utilizado para o sustento da casa e da família, ele é visto com certa tolerância.

Tal inversão de papéis geralmente é notada no cotidiano da unidade quando os jovens realizam contato telefônico com a família. A cada duas semanas que o adolescente interno não recebe nenhuma visita, ele pode telefonar para a família, visando à manutenção dos vínculos afetivos. Nesses casos, é comum que a genitora peça aos adolescentes internados para orientar e aconselhar os irmãos menores, que estejam desobedecendo-a, ou dando algum tipo de trabalho. Assim, muitas vezes, os internos representam a figura de autoridade, que deveria ser o papel dos próprios genitores.

Fausto Neto (1982) afirma que, muitas vezes, os filhos compartilham com os pais as responsabilidades de provimento do sustento familiar, o que promove alterações no sistema de autoridade interna da família e modifica a relação dos pais com seus filhos, na qual o fundamento econômico da autoridade paterna fica reduzido ou até mesmo inexistente.

Balaguer (2005) menciona que é comum os adolescentes tornarem-se responsáveis pelos irmãos mais novos da casa ou pela família, trabalhando legal ou ilegalmente para obterem renda e sustento. A vida delituosa é estimulada pela necessidade de sobrevivência familiar.

Os jovens privados de liberdade são, em sua maioria, provenientes de famílias com condições socioeconômicas desfavorecidas, que residem em bairros periféricos, sendo comum a menção de familiares e amigos envolvidos com a violência e práticas ilícitas desde a tenra idade. Feijó e Assis (2004) afirmam que o imaginário social desses adolescentes é aprendido

na comunidade e em casa, o qual é passado adiante para seus filhos e, posteriormente, seus netos.

Como ilustração, cita-se um fato ocorrido durante procedimento de visita de familiares aos jovens: uma criança de aproximadamente cinco anos de idade, moradora em uma das favelas do interior de São Paulo e irmão de um dos internos, começou a dizer o nome de vários tipos de arma de fogo, afirmando que possuía uma delas. E, quando uma funcionária se aproximou da família, o adolescente disse ao irmão, em tom de brincadeira, que a funcionária era uma policial. A criança passou a agredi-la com chutes, sendo necessário que o irmão segurasse a criança, afirmando que era uma brincadeira. As representações negativas de policiais fazem parte do sistema de crenças familiares.

Tal fato evidencia que a família glorifica a violência e fica clara a inversão de papéis com relação ao conceito de “polícia x bandido”. Feijó e Assis (2004, p.164) relatam:

A violência parece ser algo tão comum nas famílias e comunidades destes adolescentes, que, muitas vezes, ela passa como algo natural e inevitável na vida. Esses jovens aprendem em suas casas, com os vizinhos, com sua comunidade, que a maneira de se agir diante de algo que não lhes agrada é com a violência. Eles viam seus avós, seus pais e seus irmãos fazendo isso com outros e com eles mesmos. Trata-se de um modelo aprendido que faz parte do imaginário social destes adolescentes, desde crianças, ocorrendo, assim, o que se chama de *circularidade da violência*, que passa de geração a geração e de uma camada social a outra.

Muitas vezes, os jovens significam a violência como natural e comum. Além dessa banalização, passam a cometer atos infracionais por influência dos membros familiares já envolvidos, para garantir sua independência financeira; auxiliar na manutenção das despesas domésticas; comprar bens de consumo, uma vez que, atualmente, buscam inclusão em uma sociedade capitalista e consumista. Conforme Kodato e Silva (2000), a entrada do jovem na vida infracional está relacionada, entre outros fatores, à extrema pobreza, à falta de opções de profissionalização, o que impulsionam o adolescente para a criminalidade, na qual ele é enlaçado pelos sonhos de consumo e grandeza, que são “veiculados pela mídia e valorizados socialmente, como sinônimos de felicidade e sucesso” (p.152).

De acordo com as marcas discursivas, muitos conflitos familiares têm início pelo fato de os genitores não aceitarem que os adolescentes cometam atos ilícitos e orientam os filhos a manter um estilo de vida pautado nos estudos e no trabalho legal. Com o não cumprimento de regras, os conflitos familiares geram um desgaste nos relacionamentos familiares e se agravam a tal ponto que fazem com que o jovem abandone o lar. Às vezes

ocorre de os pais, em sua minoria, expulsarem os filhos de casa. Com isso, os jovens passam a residir sozinhos, em pontos de tráfico de entorpecentes, com colegas ou namoradas e mantêm as despesas domésticas com o dinheiro de atos ilícitos.

Shorter (1995) menciona que, nas décadas de 60 e 70, houve no relacionamento entre as gerações uma grande mudança, devido aos divórcios e separações de casais, aumentando assim, a probabilidade dos adolescentes organizarem opiniões autônomas, muitas vezes opostas às convicções de seus genitores. Desde então, tal autor considera que a família nuclear está diminuindo sua influência e sendo substituída pelos grupos de pares. Ele ainda menciona que estudos realizados na Europa e EUA apontam adolescentes com aproximadamente quinze anos de idade preferindo a convivência com amigos e que, dessa forma, uma subcultura adolescente é constituída, através da influência de outros jovens em seus comportamentos, modo de vestir, hábitos e valores.

Branco e Wagner (2009) apontam características familiares consideradas preditoras de conduta pró-social ou protetora do ato infracional realizado pelos adolescentes, tais como: a definição de estrutura hierárquica; uma relação de qualidade com os pais; um padrão de apego seguro pelo jovem; a boa qualidade de comunicação do jovem com os pais e entre eles; bem como menos atitudes autoritárias pelos genitores. Essas características são difíceis de serem encontradas nos relatos dos adolescentes, ao contrário, aparecem as que incitam conflitos familiares, com ausência de diálogo.

A relação familiar surge em abandonados e infratores como uma marca ora da violência e revolta, ora da insatisfação, submissão e fuga. Há um traço, nesse discurso, em que uma perda irreparável deixa sem destino a criança. Até que a instituição se faz o destino (GUIRADO, 2004, p. 239).

2.3.2 Socialização

A categoria “socialização” inclui as falas que se referem às experiências de relacionamento dos adolescentes internos com o grupo de pares, no período anterior da privação de liberdade.

1- Jacinto *[...] Eu tenho alguns amigos sim, mas não de confiança total. [...] ele já era mais experiente de roubo também e foi me ensinando a roubar [...].*

- 2 – Renato** *[...] tenho. São do mesmo bairro que eu ali [...] tem uns 2, 4 amigo só. É pouco [...] raio que cai do céu. Caiu em cima deles assim e eles morreu. Era 4. Morreu 3 [...] eles mexiam com droga. 2, 3 ali me incentivavam naquilo memo, de seguir o ritmo da escola. Porque eles viam a vida dele assim... e eles achavam que não era bom pra mim [...].*
- 3 – Antonio** *[...] muito sofrimento que nós já passamo junto, eu e outros muleque. Conhece desde o prezinho, desde pequeninim, chega a ser até uma família [...] chega ser até irmão, aí, nem é amigo mais. Eles mora mais lá em casa que na casa deles [...].*
- 4 – Luis** *[...] Tenho um só lá do meu bairro [...] que nem carne e unha: nós sempre tá junto [...] o que eu não falava pro meu pai, a conversa que eu não tinha com meu pai, eu tinha com ele [...] fiquei só duas semanas fora de casa, fiquei na casa de um amigo meu. No primeiro dia que ela mandou, eu dormi lá na Praça XV. Aí depois, fui pra casa de um amigo meu [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] eu fiquei um tempo lá em Ibiraci. Eu tenho bastante amigo lá e tenho em Franca também [...] eu já comecei a levar umas droguinha lá boa, tipo cocaína, aí eu peguei uma sintonia com todo mundo, porque todo mundo tava usando, tipo, tinha virado moda usá droga [...] você tá lá na quebrada, pára de carro, pega dois papel co cê, papel de pó ou de maconha, cê fala: “puta... nem pensava que esse aí usava”. Aí cê vai conhecê as pessoa, tipo, pegava mais afinidade [...].*
- 6 – Jorge** *[...] eles moram na quebrada [...] eu ando mais sozinho. Anda eu e meu irmão [...] no mundão é amigo, agora não é mais não. Nem lembrou de mim. Só um só, só que não é envorvido não. Ele mandou carta, mandou desodorante, cigarro [...].*
- 7 - Anderson** *[...] na hora sempre que precisa, eles tá ali pra ajudar também, né. Só que tem uns que não ajuda [...] alguns ali ajudam sim, mesmo na hora da sua dificuldade ele ajuda. Não tá ali só nos momentos bons [...].*
- 8 - Alison** *[...] amigos não tenho, não [...] amigo é só minhas duas perna, só. Elas que me leva num monte de lugar, em qualquer lugar que eu for [...].*
- 9 - José** *[...] eles são lá de Morro Agudo [...] é amigo ali, que convive ali comigo. Todos envorvido [...].*
- 10 - Rafael** *[...] meu pai (ao ser indagado se possui amigos) [...] tinha uns amigos meus, aí tinha um cômodo lá no fundo da casa deles e eu aluguei. Lá tinha o pai dele, dois menino e a mãe deles. Eu ajudava só com o aluguel e com as despesas. O resto eles faziam [...].*

Observa-se nessa categoria marcas discursivas alusivas à falta de confiança no relacionamento interpessoal com pares do meio aberto. E, paradoxalmente, os companheiros são representados como membros da família, devido ao fato de terem crescido juntos, bem como, por terem passado por situações de dificuldades, ou ainda, por representarem os colegas como uma compensação pela falta de diálogo com os pais.

Silva (2002) salienta que os jovens infratores têm dificuldade para estabelecer e/ou manter relações afetivas confiáveis e duradouras devido à falta e modelos vivenciados em

suas histórias de aprendizagem. Ressalta-se ainda, que em um meio social marcado pela instabilidade e negócios ilícitos, os vínculos estáveis são raros.

Como já dito, algumas vezes os colegas envolvidos com atividades ilícitas são considerados como membros da família, devido aos sofrimentos e dificuldades que juntos vivenciaram e a semelhante situação de vulnerabilidades em que se encontram. Pode-se perceber a significância de tal fato no crime organizado, cujos membros de um mesmo grupo ou facção são denominados de “irmãos” ou “manos”.

Nota-se certa ambiguidade no relacionamento interpessoal dos adolescentes com os pares, pois, ao mesmo tempo em que os amigos são considerados como pessoas da família, os jovens apontam a falta de confiança na relação com eles e o abandono por parte desses colegas durante o período de internação.

No que se refere ao relacionamento interpessoal com outros jovens, Silva (2002, p. 21) aponta que,

uma vez que o jovem comece a cometer atos infracionais que não sejam tolerados socialmente, ele tende a se agregar a outros jovens que tenham o mesmo tipo de comportamento e que valorizam esta prática. Esta influência do grupo de pares, além de reforçar o comportamento delinquencial, tende a restringir as possibilidades de novas amizades, de novos contatos interpessoais e, conseqüentemente, restringir as possibilidades de aprendizagem de novas habilidades sociais que não envolvam a agressão ou violência.

Os jovens relataram que possuíam poucos amigos, os quais residiam no mesmo bairro em que moravam e que eles já haviam tido experiências com atos ilícitos. Dessa forma, o grupo de pares representa uma influência negativa aos jovens, ensinando-lhes a prática de atos infracionais, ou ao contrário, positiva, orientando-os a não se envolverem com atos ilícitos, para não terem o mesmo estilo de vida dos amigos. Assis e Souza (1999) mencionam que o grupo de amigos dos adolescentes infratores, na maioria dos casos, faz parte do mundo do crime, com relacionamentos de caráter efêmero, apontando, ainda, o interesse financeiro e de poder, em especial no tráfico de entorpecentes.

Os adolescentes citam relações permeadas por tragédias, solidão e representam o entorpecente como uma forma de conquistar amigos e pertencer a um grupo. Vargas (2006) aponta um predomínio de vínculos de afinidade sobre os de consanguinidade entre os usuários de drogas ilícitas, referindo que o uso de entorpecentes é capaz de promover uma aproximação das pessoas e de criar vínculos.

Tais jovens demonstram também o sentimento de abandono que sentem por parte dos amigos, enquanto encontram-se privados de liberdade, percebendo apenas os familiares como companheiros nos momentos de dificuldade.

Corroborando com essas indicações, Branco e Wagner (2009) também encontraram em seu trabalho a influência dos pares na iniciação à prática infracional dos adolescentes, os quais demonstram ressentimento com relação a tais pares por se apresentarem como parceiros apenas para o uso de entorpecentes e para a prática de atos ilícitos, mas que "somem" nos momentos de dificuldades. Na internação predominam a decepção com os pares e a desconfiança dos amigos, o que torna os relacionamentos vulneráveis e, diante dessa instabilidade, os adolescentes passam a valorizar a família.

2.3.3 Namoro

A categoria “Namoro” reúne as marcas discursivas no que diz respeito ao relacionamento amoroso dos adolescentes com o sexo oposto - duração e dificuldades encontradas.

- 1- Jacinto** *[...] não durou muito tempo também não, acho que uns 3 meses só. Ela não chegava junto e conversava comigo e... eu tive uns problema e invés dela tá ajudando, não. Não dava o apoio que eu precisava [...].*
- 2 – Renato** *[...] só escondido. Tinha vergonha da minha mãe. Até hoje [...] 4 mês só [...].*
- 3 – Antonio** *[...] a primeira namorada, tô com ela até hoje. Vai fazer 5 ano [...].*
- 4 – Luis** *[...] depois que eu entrei nessa vida aí, eu me afastei bastante da minha família. Quem mais me apoiô assim memo, foi minha sogra e minha namorada. E antes de conhecer ela, eu era mais sozinho [...] eu devia ter dado mais de mim. Muitos momento, eu deixei ela sozinha, tipo preferia ficar mais lá na rua, do que ficar com ela e ela sempre cuidava das minhas coisas [...] Foi em 2006... 16... e ela tava com 13 (foram morar juntos) [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] faz 1 ano e uns meses [...] meu filho nasceu, eu tava preso. Agora eu vejo ele aqui, ele fica rolando pros lado, fica rindo de qualquer coisinha que cê faz [...] ele despertou ni mim, uma sensação que eu nunca tinha sentido... de preocupação, tipo, na hora que ele for embora, ficá pensando em como é que eles foi [...].*
- 6 – Jorge** *[...] eu só brigava com a menina por causa de droga também, daí eu parei [...] foi pouquinho, eu nem lembro [...].*

- 7 - Anderson** *[...] minha namorada, fiquei dois meses com ela, ela ficava pegando no meu pé, tal, não queria que eu ficasse lá, vendendo droga, tal. Queria que eu mudasse de vida e aí, eu já larguei. Não quero saber de namorada mais não [...].*
- 8 - Alison** *[...] fiquei com uma menina 5 ano já [...] era normal, sossegado. Mas ela só tinha muito ciúmes, que eu não gostava. Muito ciumenta. Por isso que nós separou [...].*
- 9 - José** *[...] tô namorando, vai fazer 3 ano e uns dia [...] aqui tá bom, né. Porque se tivesse no mundo não tava bom não. Nós briga demais. Ela é ciumenta e briga de eu sair e não avisá [...].*
- 10 - Rafael** *[...] tô namorando há 3 anos e 3 meses [...] é bom. Não briga. Tem discussãozinha bem normal [...].*

No tocante às marcas discursivas referentes à duração de seus relacionamentos, algumas vezes são fugazes, devido à falta de diálogo, apoio, timidez, envolvimento com entorpecente - tanto relativo ao uso, quanto com relação ao tráfico; outras vezes têm longa duração, passando os jovens a conviverem maritalmente, culminando com o nascimento de filhos na adolescência.

Um dos jovens faz referência ao relacionamento com o filho, que nasceu enquanto ele estava internado, despertando-lhe o sentimento de preocupação, relativo à paternidade. Levandowski e Piccinini (2006) mencionam que os adolescentes tendem a preocupar-se com questões práticas como o sustento da criança, sentindo-se mais responsáveis nos cuidados com o próprio filho, ao assumir o novo papel.

A representação do relacionamento amoroso pelos jovens está vinculada, também, às dificuldades vivenciadas por eles, uma vez que as namoradas sentem ciúmes ou pedem para que os jovens deixem de se envolver com atos ilícitos, fazendo com que seus relacionamentos acabem. Ou ainda, mencionam a existência de sentimentos de culpa e arrependimento por terem preterido o relacionamento amoroso à prática de ilícitos.

Com relação às namoradas dos adolescentes privados de liberdade, por meio das anotações em diário de campo, observa-se que, muitas vezes, é a namorada desses jovens quem coloca limites, proibindo-os de se envolverem em atividades ilícitas. Oliveira (2002) considera que a afetividade de namoradas, esposas e filhos, aliada ao trabalho, funcionam como molas propulsoras na construção de um novo projeto de vida, desvinculado da prática ilícita. Entretanto, existem aquelas namoradas que se sentem valorizadas, seguras e poderosas por terem um namorado envolvido com a prática de atos ilícitos, configurando o amor bandido e a legitimação do delito como meio de vida.

2.3.4 Escolaridade

Esta categoria faz referência ao desempenho escolar dos adolescentes, ao comportamento no ambiente educacional, aos relacionamentos com os educadores e demais jovens e às causas da evasão e do abandono escolar.

- 1- Jacinto** *[...] eu fazia uma escola, mas eu não terminava, não ia, não dava continuidade não [...] eu fui normal, mas depois já não tava sobrando tempo... Assim, tempo tinha, mas não tava sobrando tempo suficiente [...].*
- 2 – Renato** *[...] eu parei na 4ª, acho que com uns 14 anos [...] ficava mais na rua vendendo droga [...] eu não aprendia e aí, eu não ia [...].*
- 3 – Antonio** *[...] tinha parado de estudar na 7ª série [...] eu era bagunceiro, ficava tumultuando a sala. Não gostava de fazer lição [...] quando meu pai era vivo, ele pagava pra eu ir pra escola. Depois ficou mais difícil, era longe de casa, aí eu parei [...].*
- 4 – Luis** *[...] parei na 6ª. Aí, quando eu vim pra UIP, eu saí, fiz uma prova de reclassificação e fui pro primeiro colegial [...] minha relação lá dentro, com as professora era normal, com os aluno também... conversava com todo mundo [...] não gostava memo não. Eu ia e não conseguia ficar dentro da sala. Eu pegava e saía. Aí, eu peguei e parei. Decidi não ir, invés de ficar dando problema [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] eu tinha parado. Eu estudei até o 1º colegial, depois eu parei [...] eu pulava o muro, enforcava aula, mas eu não respondia à professora, essas coisa não, ficava brigando... Meu problema era só ficar dentro da sala de aula [...] nós ficava no pátio, dava uns perdido atrás do refeitório, ficava lá de boa. Trocava idéia, nós já pulava o muro, fumava maconha... Depois, nós voltava na última aula [...] eu não tenho dificuldade de aprender muitas coisas, não [...] conclui até o 3º aqui [...].*
- 6 – Jorge** *[...] fazia 2 anos que eu tinha parado [...] pra trabalhar [...] 8ª série [...] eu fazia muita bagunça. Ah, eu não fazia nada na sala, não respeitava a professora. Brigava direto [...].*
- 7 - Anderson** *[...] parei na 6ª série [...] má influência. Por causa dos amigos tal, eu chegava na escola, a diretora ficava pegando no pé, tal. Aí, eu já desisti de ir pra escola [...] mãe, então eu vou sair da escola e tal, aí eu ficava só dentro de casa também. Nos período da escola, ficava dentro de casa. Porque minha mãe também, tipo assim, ela num... num gostou, mas fez aquilo lá pra melhor. Porque senão, minha mãe ia perder o serviço e ela que sustentava lá em casa [...] eu num copiava a lição... Não prestava atenção na explicação do professor... A minha letra era mó feia [...] dava trabalho pra professor... Diretora... Quebrava tudo as norma que tinha na escola, quebrava tudo as norma [...] na quarta série era tudo assim mais pivetaiada, né. Na quinta serie já era mais adolescente, tinha os menino mais velhos também... Quería se espelhar neles [...].*
- 8 - Alison** *[...] parei na 6ª [...] eu ficava tirando uma descontração com os moleque. Ia na escola, mas não gostava não. Nunca gostei [...] tinha muitas coisas pra fazer. Ia pra escola e pulava o muro [...].*

- 9 - José** *[...] parei na 3ª série [...] eu não gostava de escola memo. Eu não sabia ler, não sabia escrever [...] ficava jogando bolinha de papel na professora, nos alunos, ficava atormentando a sala [...].*
- 10 - Rafael** *[...] parei na 6ª [...] fiz só até o meio do ano e parei de ir pra escola, porque eu tava envolvido, não tava morando mais com os meus pais, tava morando sozinho [...] era bom aluno [...] tava tudo longe. Não tinha tempo de fazer as coisas [...].*

Nessa categoria incluíram-se marcas discursivas referentes à vivência desses jovens no ambiente escolar, ao desinteresse pelos estudos, à desestimulação devido, entre outros motivos, às dificuldades de aprendizagem, à falta de tempo originada pelo envolvimento com práticas ilícitas, ao desrespeito para com os professores, às brigas e brincadeiras inadequadas com pares.

Corroborando com essas marcas discursivas, Silva (2002, p. 21) refere que,

o jovem que comete delitos, tende, também, a apresentar dificuldades na escola, uma vez que suas atividades ilícitas e seu estilo de vida são incompatíveis com aquilo que a escola espera e cobra dele. Além disso, educadores nem sempre estão preparados para lidar com esta problemática, de modo que uma prática comum de resolver problemas decorrentes do fato de ter em sala de aula um aluno que comete delitos tende a ser a exclusão deste.

Estudos inseridos no contexto da realidade brasileira apontam que o adolescente infrator possui um nível educacional muito abaixo do esperado para sua idade cronológica, sendo que muitos nunca foram alfabetizados (ASSIS, 1999). Tal fato pode ser observado quando se compara a idade cronológica dos adolescentes com a série em que estão matriculados na unidade de internação. Porém, pode-se perceber no cotidiano da instituição, que alguns alunos mesmo já tendo passado das séries iniciais, ainda não foram alfabetizados, como é o caso do adolescente José.

Algumas das justificativas para a evasão escolar se devem: às dificuldades de aprendizagem, que desmotivavam o adolescente a dar continuidade aos estudos; à longa distância da residência até a escola; à influência negativa de colegas; e ao desinteresse pela escola e pelo aprendizado. Por outro lado, a escola não facilita a adaptação do aluno desviante, ao contrário, o discrimina.

Silva (2002, p. 61) salienta duas direções em que a baixa escolaridade está relacionada com a delinquência:

Primeiro, o comportamento delinquente do jovem e a agressão e violência que, por vezes, o acompanha são incompatíveis com a conduta exigida pela

comunidade escolar, que não tolera suas atitudes ilícitas e acaba por expulsá-lo da escola. Outra opção é a de que a interação de uma série de fatores sociais, familiares e individuais, anteriores à delinquência, faça com que o jovem evada da escola. Esta evasão escolar contribuirá para que o jovem se exponha mais intensamente e frequentemente a situações que estimulem o comportamento delinquente.

A representação de si como aluno é a de desadaptado e de desordeiro, pelo fato de apresentar problemas comportamentais e de sentir-se preso dentro da sala de aula.

Bolsoni-Silva e Del Prette (2003, p. 96) afirmam que

os problemas de comportamento aprendidos em casa colocam a criança em risco para desenvolver fracasso social, pois ela passa a emitir comportamentos que são aversivos para professores e colegas, levando à rejeição, a qual, por sua vez, pode levar a criança a episódios de tristeza; além disso, o aluno pode passar a evitar a escola, aumentando ainda mais suas dificuldades interpessoais e acadêmicas.

No que diz respeito à escolarização formal, pode-se observar um desinteresse pelos estudos por parte do jovem, sendo que um dos fundamentos está relacionado ao fato de que muitos genitores não valorizam os estudos. Poucos são os pais que concluíram o Ensino Fundamental, pois dão maior importância para a entrada no mercado de trabalho. Fausto Neto (1982) afirma que a partir dos quinze anos de idade, terminado ou não o primeiro grau, os jovens ingressam no mercado de trabalho, encerrando a manutenção em atividades exclusivas de estudo. Continuam os estudos apenas aqueles que conseguem conciliá-los com suas atividades ocupacionais.

A maioria dos jovens internados e todos os entrevistados não estavam frequentando a escola quando receberam a determinação judicial para o cumprimento da medida socioeducativa de internação. A evasão escolar, para a maioria, se deu antes do término do Ensino Fundamental, por creditarem maior importância às práticas ilícitas, representando o período de estudos como uma perda de tempo, pois, enquanto estudam, não ganham dinheiro. Tal fato, associado à dificuldade de aprendizagem e aos comportamentos inadequados, junto aos alunos e professores, agravaram o desinteresse e a desmotivação, acarretando defasagem da faixa etária correspondente à série em que os adolescentes deveriam cursar.

Martins e Pillon (2008) enfatizam que quanto mais baixo o nível de escolaridade, mais cedo os adolescentes se envolvem com ações de risco. Assim, a escolaridade pode ser considerada um fator de proteção importante contra o envolvimento dos adolescentes com atos infracionais.

As autoras supracitadas mencionam, também, que o afastamento da atividade escolar se deve à necessidade de trabalhar; à dificuldade de conciliar escola com trabalho; ao desentendimento com professores e colegas; ao desestímulo resultante de reprovações repetidas; à baixa qualidade do ensino; e a pouca supervisão família (no que se refere à frequência escolar). Todos esses fatores contribuem para o início da prática de infrações.

Nota-se uma repetição ao relacionar a família com a escola, no sentido de que os jovens saem de casa devido ao fato de se sentirem aprisionados e submissos, assim como se sentem na escola. As marcas discursivas apontam para uma representação negativa deles mesmos como alunos.

2.3.5 Trabalho legal

A categoria “Trabalho legal” refere-se às experiências laborativas aceitas pela sociedade que os jovens entrevistados já desenvolveram.

- 1- Jacinto** *[...] trabalhei de panfletagem. Ah, mas foi pouco tempo. Não fiquei nem uma semana, porque o serviço era muito pesado, tinha que andar muito [...].*
- 2 – Renato** *[...] mas não registrado assim... Já trabalhei de servente, na roça, de carpir quintal [...].*
- 3 – Antonio** *[...] trabalhei poucos dia lá de marceneiro, com os cara, carpinteiro. Daí, só que é o seguinte: não gostei muito não, ficava muito no sol [...].*
- 4 – Luis** *[...] trabalhei num lava-jato e de chapa, descarregar caminhão junto com meu pai [...] R\$ 350,00 no lava jato. Acho que era, né. De chapa era 20,00 por dia [...] ela tinha me contratado, porque tava com movimento grande e tal. Mas daí, depois ela falou que não tava precisando mais, ela pegou e me dispensou [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] trabalhei de cortar couro de sapato [...] acho que 7 meses [...] acho que R\$ 580,00 [...] dia que eu ficava meio amanhecido do pão, tipo dia de final de semana, aí, eu não ia trabalhar [...].*
- 6 – Jorge** *[...] é paieiro, senhora. Você mexe com palha, cê corta palha de milho com facão pregado na mesa pra fazer cigarro [...] às vezes, era 150, 200. Tinha dia que eu trabalhava bem, tem dia que eu só dormia no serviço. Acho que com 17 anos eu já tava trabalhando [...] trabalhei... vixe, numa banca de fita, senhora. Baguio de oficina... Cortar colonhã, também já foi. Arrancá mio [...] parei com tudo, senhora, comecei a vender droga [...].*
- 7 - Anderson** *[...] nenhuma vez [...] eu já cheguei a procurar. Ficou uma semana lá, eu e minha mãe, acordando cedo... Acordando cedo... Procurando... Procurando...*

Procurando... Não deu. Foi a única vez que eu procurei serviço. Aí, depois eu desisti [...].

8 - Alison *[...] trabalhei 3 mês na vidraçaria e acho que 2,5 no lava-rápido [...] ganhava 350 nos dois [...].*

9 - José *[...] trabalhei na roça arrancando colonhão, trabalhei de servente e trabalhei ajudando um colega meu a descarregar umas areia [...] dá muita canseira, muita dor nas costas [...].*

10 - Rafael *[...] de servente de pedreiro, já fui servente de pintor, ajudante de mudança e entreguei panfleto [...] era só temporada. Teve de uma semana... Um mês... Só biquinho [...] 20 por dia [...].*

As marcas discursivas referentes ao trabalho legal apontaram que as experiências laborais dos jovens, em geral, foram “bicos” ou trabalhos temporários, pertencentes ao terceiro setor, que utilizam a força física e apresentam condições ruins, em termos de ambiente laboral.

Os trabalhos mencionados foram: panfletagem, servente de pintor e de pedreiro, ajudante de mudança, lavador de carros, descarregador de caminhão, cortador de couro para sapatos, marceneiro, vidraçeiro, cortador de palha para fazer cigarro e arrancar “colonião”.

Para Vedovello (2008), os trabalhadores que desempenham atividades informais estão inseridos no mercado de bens de consumo e de serviços de modo precário; servem de mão-de-obra barata e transitam numa tênue linha entre a informalidade ou a ilegalidade do trabalho que se aproxima de atos considerados criminosos.

O trabalho legal é representado pelos jovens como árduo, penoso e mal remunerado. No que diz respeito ao cansaço físico, proveniente tanto das condições ambientais e da utilização de força física, quanto por permanecerem em eventos até altas horas da noite, o abandono do trabalho acontece em um curto período.

No que se refere ao trabalho legal, pode-se observar que a crença na falta de capacidade para obterem um emprego qualificado faz com que muitos jovens não perseverem na procura pela inserção no mercado de trabalho. Eles desistem rápido da busca e são impulsionados para a vivência infracional.

Diante de uma realidade de mercado de trabalho que se torna cada vez mais complexa e que exige cada vez mais e maiores habilidades de um candidato a emprego, a saída precoce do jovem da escola contribui para a entrada do jovem no mundo das atividades ilícitas, como tráfico e roubo, que lhe garantem bons resultados financeiros, além de status no seu próprio grupo de iguais (SILVA, 2002, p.21).

Outro fator representado pelos jovens, como alavanca para a prática de atos ilícitos, é a dificuldade de se inserirem em um trabalho que não necessite do emprego de força física associado à baixa remuneração; esse trabalho penoso causa um desinteresse pela prática legal, uma vez que empregam pouco esforço físico nas práticas de roubo e de tráfico de entorpecentes, recebendo até mesmo uma boa quantia em dinheiro para se manterem independentes financeiramente e comprarem bens de consumo e ostentação.

Silva (2002, p. 62) refere ainda em seu estudo, que os adolescentes mencionam o fato de que

[...] desempenhar funções que podem ser consideradas de baixa qualificação profissional, de baixo status social, que exigem baixa escolaridade e que, portanto, lhes fornecem uma baixa remuneração. Esta situação profissional pode contribuir para o ingresso do jovem em atividades delinquentes, que lhe garantem a aquisição de bens materiais inacessíveis através da remuneração como trabalhadores.

Menezes (1976) cita em seus estudos que a instrução tem valor, pois proporciona bons empregos. Daí, pode-se dizer que quem não tem conhecimentos, como é o caso dos adolescentes privados de liberdade, apresentando baixa escolaridade, fica restrito a despender força física e a ganhar pouco.

Fausto Neto (1982) salienta que “um baixo nível sociocultural de aprendizagem, somado a um adestramento prático, só permitirá aos indivíduos uma integração em ocupações (normalmente manuais) de menor qualificação” (p.63). O trabalho legal, portanto, é sentido como de difícil acesso, pesado e mal remunerado.

2.3.6 Drogas

A categoria “Drogas” diz respeito às substâncias psicoativas lícitas e/ou ilícitas consumidas pelos entrevistados, ao início e à frequência de uso, além das sensações ocasionadas.

1- Jacinto *[...] usava o álcool, o lança perfume, a cocaína, a maconha. E outros tipos de droga também, como a balinha [...] O que dá na pessoa é que ela quer tomar água... água. Ela fica muito louca [...] era com 14 pra 15 anos, que eu comecei a usar a cocaína e a maconha [...] só que uma que eu nunca experimentei e nem pretendo é o crack [...] o crack domina mais ainda a pessoa. Talvez a pessoa até quer sair do vício,*

mas a droga é mais forte que ela [...].

- 2 – Renato** *[...] cerveja, as vez pedia um conhaque assim... Ou outras bebida que eu nem sei o nome [...] cigarro, eu fumo ainda [...] desde 13, 14 anos acho [...] maconha [...] tinha uns amigo lá senhora, que eles fumava; aí, um dia, eu catei e fumei. Aí, eu gostei e continuei [...].*
- 3 – Antonio** *[...] já bebi álcool sim, mas não gosto de álcool, não [...] fumo cigarro desde uns 12 ano [...] fumo maconha só, desde uns 12 ano. Com os meus amigo, sozinho em casa [...].*
- 4 – Luis** *[...] já fumei (tabaco) um ano e meio. Mas eu parei. Quando eu era bem mais novo, uns 11, 12 ano. Me fazia mal, aí eu larguei mão [...] maconha, faz tempo, desde os 10. Maconha, eu não parei, não [...] só usei uma vez (cocaína) e não gostei não [...] quase me deu parada cardíaca, também. Prometi também, nunca mais ia cheirar. Aí eu parei [...] já usei era bala. Bala e doce. Bala é a pírula, né. O comprimido. E doce é o LSD. É um papelãozinho, que tem uma química frente e verso. Você coloca debaixo da língua, ele vai derretendo e vai dando a loucura. O doce, eu tomei umas duas vez. A bala, eu usei bastante [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] eu cheirava bastante [...] vamo pega uma caixinha de latinha, deixa ali, nós vai tomando e cheirando aqui memo e trocando idéia. Aí, nós ficava, ficava até altas hora [...] sempre cheirei coisa boa também e tipo eu nunca cheguei me levá também não, tipo: dinheiro meu, era dinheiro meu; dinheiro do cara, era dinheiro do cara. Eu tinha responsabilidade [...] eu era até cobrado depois, podia até acontecer uma coisa pior [...] quando eu dava uns cheiro do pó, ficava com vontade de ir em bar beber [...] Cigarro, fumava desde os 12 ano. Aí, eu fumava no banheiro lá em casa. Ia lá, roubava da minha mãe no banheiro, aí eu fumava na escola... Daí, eu comecei a fumar maconha [...] esquentamo um prato, depois esticou uns tiro. Aí, nós deu uns tiro, aí, nós fico locão. Aí, nós foi po pião, aí depois desse dia, nós foi cheirando [...] acho que eu tinha 15 ano [...] nunca fumei pedra, nunca fumei pedra com maconha, nunca fumei pó com maconha, sempre só usei só uma droga [...].*
- 6 – Jorge** *[...] usava pouquinho, senhora (álcool). Só quando eu saía. Era um fim de semana sim, outro não [...] fumo, senhora (cigarro). Vixe, já faz uns 4 ano que eu fumo já [...] usei uns 4 mês, 5 mês, depois parei. Não tava fazendo bem pra mim não. Eu chegava tarde em casa, por causa de droga aí. Aí, eu fiquei firmão [...] nunca cheirei, não. Só usei maconha, só [...].*
- 7 - Anderson** *[...] álcool? Já [...] só quando ia pra evento, só [...] tomava bastante, mas não chegava a cá também tal. Se eu via que já tava ficando bastante ruim, já parava. Eu tinha controle [...] cigarro também [...] só depois que eu vim internado só [...] as vez, tá muito chapado, tá com a mente a milhão e com o cigarro acaba ficando tranquilo [...] era raro, quando eu ia mais pra evento, que eu usava cocaína e maconha [...] maconha já era, tipo, era mais vezes e a cocaína era bem menos [...] eu cheirava mais, quando tava no evento, já tava louco memo, aí, se já queria ficar mais louco e cheirava. Aí, a maconha também, nuuummm... Fumava por fumar memo. Às vezes, fumava pra tipo, fazer gracinha [...] qualquer coisinha já é motivo de rir, tal. No sentido de dar uma distração, memo [...] eu já vi muitos mano viciado fazer besteira por causa do vício. Até tentar se matar por causa do vício, por causa de cocaína, maconha... [...].*
- 8 - Alison** *[...] de vez em quando eu fumo, senhora, mas não é todas vezes [...] Já usei pó e*

maconha. Comecei fumando maconha desde os 10 anos de idade, 11 anos [...] pó faz pouco tempo, senhora. Eu não cheiro mais, não. Mas a maconha, eu fumo. Agora não fumo, porque eu tô preso [...].

9 - José *[...] tomei cerveja, pinga, vodka... essas bebida aí. Era de vez em quando, em evento, em casa [...] fumo ainda [...] desde 11 anos de idade [...] já usei maconha, com 12 anos. Cocaína, o pó, com 16, 17 anos [...] parei de usar pó. Agora só tô na maconha, só [...].*

10 - Rafael *[...] só fumava só maconha de vez em quando. De vez em quando... fazia mal, me dava dor de cabeça [...] já experimentei cocaína, mas não gostei, porque é muita ilusão. Sai da realidade a mente. Eu tive uma impressão muito ruim, senhora. Fica meio angustiado, meio desanimado [...].*

As marcas discursivas dessa categoria evidenciam que os jovens começam a fazer uso de substâncias entorpecentes no fim da infância e início da adolescência. Citam os tipos de drogas lícitas tais como o álcool e o tabaco, e ilícitas experimentadas tais como a maconha (usada com maior frequência), a cocaína (experimentada posteriormente ao uso de maconha), o lança perfume, “doce e bala”.

O primeiro contato dos entrevistados com tais modalidades de substâncias psicoativas aconteceu, em geral, no fim da infância e início da adolescência, com idades variando entre 10 e 14 anos de idade. A maioria está inserida numa cultura de consumo de álcool e drogas, sendo o início bastante precoce nesse grupo de sujeitos.

Um estudo realizado por Martins e Pillon (2008) demonstra que os adolescentes tinham em média 12 anos de idade quando experimentaram drogas pela primeira vez e 63,3%, apesar de estarem na presença dos amigos, tinham experimentado por vontade própria. As drogas mais usadas pelos adolescentes, de acordo com esse estudo, eram, primeiramente, a maconha (82%), seguida pelo tabaco (77%) e pelo álcool (73,3%). O crack é representado pelos adolescentes como uma droga causadora de dependência e impotência. Sendo assim, demonstram preconceito com relação ao seu uso e ao usuário.

Pode-se observar em conversas no cotidiano e nas entrevistas esse preconceito com relação ao usuário de crack. Muitos adolescentes se sentem envergonhados em assumir que fizeram uso dessa substância e outros zombam e criticam quem o fez, pelo fato de relatarem que o usuário de crack é dominado por tal substância. “*Talvez a pessoa até que sair do vício, mas a droga é mais forte que ela*” (sic). Conforme os jovens relatam, esses viciados perdem o controle da realidade e de suas vidas, fazendo qualquer coisa para obterem a droga.

“Os próprios jovens são muito preconceituosos e contribuem para isolar o adolescente que usa crack, se descontrola e rapidamente se torna dependente. E isso não

contribui para que ele peça ajuda, peça socorro” - afirma a socióloga Sílvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes¹⁵.

Os adolescentes atribuem ao grupo de pares a influência para a primeira experiência com os entorpecentes. Falam que o início do uso se deu pelo fato de verem os colegas utilizando o entorpecente, que experimentaram por curiosidade e, ao gostar, deram continuidade ao uso. Schenker e Minayo (2005) mencionam que a influência do grupo e a disponibilidade do entorpecente na comunidade de convivência facilitam o uso da droga pelo excesso de oferta.

A utilização dos entorpecentes é feita por pressão dos iguais, por imitação dos atos dos colegas, por curiosidade, como manifestação de independência, rebelião, ou com a intenção de fazer uma "figura importante" (SILBER; SOUZA, 1998). Logicamente, numa cultura de dor e sofrimento, a droga representa um anestésico, um grande prazer, para alívio da dor.

Entre as drogas experimentadas e utilizadas que foram citadas pelos entrevistados, estão o álcool (cerveja, conhaque, tabaco, aguardente e vodka), o lança perfume, o ecstasy (bala), o LSD (doce), o crack e, com maior frequência, a maconha e a cocaína. Isso indica que a maior parte é politóxica.

O Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD) menciona que a quantidade de usuários de drogas é expressiva entre os adolescentes privados de liberdade no país. Em 2002, 85,6% faziam uso de drogas antes da apreensão, especialmente de maconha (67,1%), álcool (32,4%), cocaína/crack (31,3%) e inalantes (22,6%).

Pode-se perceber nos relatos dos adolescentes que a maconha, devido ao fato de ser significada como causadora de malefícios pequenos e sensações mais positivas, é o entorpecente mais usado. Corroborando com tais resultados, Schenker e Minayo (2005) afirmam que o álcool, o tabaco e a maconha são as drogas mais usadas no Brasil pelos adolescentes.

Os adolescentes não se representam como dependentes químicos, porém relatam que conhecem quem sofreu seus efeitos: “já vi muitos mano viciado fazer besteira por causa do

¹⁵ Disponível em: <http://www.tribunaimpressa.com.br/Conteudo/Dependencia-do-crack-gera-preconceito--diz-sociologa,129767,60038>. Acesso em: 20 maio 2009.

vício. Até tentar se matar” [...] “já vi menino ficar chapado, tipo até chorar por causa de cigarro”.

Os jovens mencionam a necessidade de ter responsabilidade com o dinheiro destinado para a compra e para a venda do entorpecente, evitando dívidas e cobranças, bem como fazer uso da substância ilícita. Leonardo relata que é necessário manter o controle com relação ao uso do entorpecente e o tráfico, uma vez que tem consciência da periculosidade em ter dívidas com um traficante e não ter o dinheiro para pagá-lo. Nesse sentido, Assis (1999) relata que o trabalho no tráfico é semelhante ao trabalho formal, no que se refere às questões relativas ao compromisso, à responsabilização, às técnicas, à hierarquia e às normas de ascensão profissional.

Entre as sensações que significam como positivas, estão a “loucura”, ou “ficar locão”, tranquilidade após situação de estresse, “ficar de boa”, sentir mais à vontade, como é o caso de “fazer gracinha”, rir e diversão. A maioria relata que o uso do entorpecente era feito apenas quando saíam, iam para eventos para sentirem-se mais à vontade.

No entanto, alguns jovens citam sensações desagradáveis causadas em especial pela cocaína, motivando a abandonar o uso da referida droga, tais como: atrapalhar a rotina de vida, “não fazia bem porque chegava tarde em casa”; “dor de cabeça”; “fazia mal”; “ilusão, a mente sai da realidade”, “impressão muito ruim”; angústia, desânimo, “quase me deu parada cardíaca” e, principalmente, a questão da dependência.

Dessa forma, a droga é representada como provocadora de estados alterados de consciência tanto positivos, quanto negativos. A continuidade e a descontinuidade do uso estão relacionadas às sensações que os adolescentes tiveram, como: loucura, “quase me deu parada cardíaca” (sic), dor de cabeça, “não tava fazendo bem” (sic), vontade de cometer suicídio, tranquilizante, sensação de ilusão e fuga da realidade, desânimo e angústia. Eles dizem que usam o entorpecente antes de irem aos eventos sociais ou entre amigos, para “fazer gracinha” (sic), visando à sensação de descontração.

2.3.7 Trabalho ilegal

Esta parte voltar-se-á para o momento e para contexto em que os jovens começaram a cometer atos infracionais e para as formas em que esses jovens obtinham dinheiro pelas práticas consideradas ilícitas.

- 1- Jacinto** *[...] de roubo esses negócio assim... Comecei a entrar no crime no começo de 2003 até hoje [...].*
- 2 – Renato** *[...] só vender droga, só [...] é estranho, porque quando cê trabalhava, cê ganhava assim 15 real por dia e cê vendendo, cê ganhava 200, 300 real num dia. Na noite assim ó [...].*
- 3 – Antonio** *[...] fumava, roubava e vendia droga [...].*
- 4 – Luis** *[...] vendendo droga uai, no 12 [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] eu já sempre tinha uma biqueira que eu vendia droga, sempre tive dois dinheiro [...] nós trabalhava muito com horário sabe, eu ficava das 5 da tarde até às 10 hora da noite, que era a hora que nós soltava mais no peso. No peso é assim, tipo, pegava 1 kg de pedra, picava tudo em petequim de 50 grama, 100 grama, 200 grama [...] o próprio usuário vinha, catava um dinheiro e catava uma droga no peso. 5 grama, 10 grama... Quantidade certa que ele fumava. Aí, já tinha outros que catava pra vender em outra biqueira, em outro lugar [...] se eu pagasse 12 real na grama da pedra, eu tinha que vendê ela a 17, pra mim ganhá 5 real por grama. Tem dia que cê vende 50 grama, 100 grama, ½ quilo [...] já cheguei a ganha num dia, 2 mil [...] ou cê cata a boa e sossega, ou cê morto, ou cê ir preso. Porque tem como você catar a boa e sossegar [...] quanto mais dinheiro tem, mais eles vai zelar pelo dinheiro que tem. Então, vai ser mais difícil, mas não tanto assim... O assalto em si não tem segredo [...].*
- 6 – Jorge** *[...] eu tava ganhando dinheiro mais fácil. Ganhava por dia 2000 real. Eu vendia bem, dona. Eu vendia pra um mano [...] comprava roupa, ia pra baile, esse baguio aí. Gastava tudo [...] ajudava em casa com o dinheiro do serviço, só. Meu pai não sabia que eu tava mexendo com esse baguio aí. Eu trabalhava de dia e vendia a noite [...].*
- 7 - Anderson** *[...] tráfico... Como que fala? Receitação [...].*
- 8 - Alison** *[...] meu trabalho, que eu faço, eu vendia droga [...] ganhava muito dinheiro, senhora. Nem sabia quanto. Por mês memo, por mês, eu tirava uns 3000 real, até mais [...] guardava, ia pras festa, investia em mim. Ah, comprava as coisa pra mim: roupa, tênis, comida [...].*
- 9 - José** *[...] vendia droga, de vez em quando usava droga [...] 200... 280 por dia [...].*
- 10 - Rafael** *[...] trafiquei [...] poucos tempo. Só em evento. Ia pra evento, aí levava [...] desde os 14 até os 17. Eu levava dentro da meia... Nem revista. Alguns seguranças até sabia que eu levava e deixava eu entrar, aí eu vendia [...] às vezes ganhava 200 real de lucro, fora o que tinha que pagar. As vez, ganhava pouco [...].*

Os jovens representam o trabalho ilegal relacionando-o ao tráfico de entorpecentes e ao roubo, realizando uma comparação do ganho obtido por meio da prática ilícita com a remuneração proporcionada pelo trabalho legal. No primeiro caso, além do valor ser

significativamente maior, é representado pelos jovens como uma forma fácil de obter recursos financeiros.

Conforme Assis (1999, p.87),

os jovens infratores que vivem do tráfico consideram como trabalho as atividades que desempenham. Dali se origina a própria sobrevivência, e, às vezes, a da família. O 'trabalho' no tráfico assemelha-se ao trabalho formal no que se refere a questões como compromisso, responsabilização, lugar no processo, técnicas, hierarquia e normas de ascensão profissional.

Vale ressaltar que um dos jovens (Leonardo) descreve o processo realizado desde a compra do entorpecente até sua venda, bem como pondera suas consequências positivas e negativas, como conseguir uma grande quantia de dinheiro, que serviria como uma "aposentadoria do crime", morrer ou ir preso.

Moura (2005) menciona que o tráfico de entorpecentes é uma forma de obtenção de meios para suprir necessidades, que é, portanto, uma forma de atividade remunerada de subsistência, marginal, porém, tão precária quanto às existentes no mundo do trabalho legal.

Referindo-se aos valores da sociedade atual, envolta em um movimento capitalista, os jovens de todas as classes sociais são diariamente bombardeados pela necessidade de consumir o que é estabelecido pela mídia como belo e bom, buscando aceitação social e status (PEREIRA, 2002).

As pessoas dão mais valor pelo que têm e não pelo que realmente são. Sendo assim, a prática do ato infracional torna-se uma forma para obtenção de bens de consumo inacessíveis à sua condição socioeconômica. E, como muitos relatam, conquistam a independência financeira tão almejada, uma vez que, por meio do tráfico de entorpecentes e do roubo, esses adolescentes obtêm quantias muito maiores do que as obtidas com o trabalho legal e podem se sentir incluídos na sociedade da qual são marginalizados.

De acordo com Neto e Quiroga (2000, p. 233), "hoje se radicaliza o fato de que o reconhecimento e a aceitação social dependem cada vez mais do consumo ou daquilo que se possui, ou seja capaz de possuir".

Nos discursos dos adolescentes é visto que a prática do ato infracional se deu não apenas pela ânsia do consumismo, mas também pelo desejo de independência financeira, caminhando opostamente ao que se percebe em relação aos jovens com condições financeiras mais favorecidas, pois estes adiam a entrada no mercado de trabalho e permanecem dependentes dos genitores para darem continuidade ou até concluírem os estudos. Conforme

Silveira e Wagner (2006), fatores concernentes às realidades social, política e econômica têm retardado a saída dos filhos da casa paterna, ao contrário do que é observado com as experiências dos jovens autores de atos infracionais.

Alguns adolescentes citam na entrevista e também nas conversas no cotidiano da internação, que além dessa forma ilícita de obtenção de renda, eles têm um trabalho paralelo, com salário bem menor, para justificarem aos genitores a forma como adquiriram certos bens. Com relação a esse fato, Santos (1999) menciona que os adolescentes “transitavam entre atividades lícitas e ilícitas, servindo de mão-de-obra em pequenos serviços e, na falta desses, entregando-se à prática de pequenos furtos e roubos...” (p.219).

Um dos jovens entrevistados cita ainda o desejo de obter em um roubo uma grande quantia de dinheiro e depois se afastar do envolvimento infracional, ao mencionar “*catar a boa e sossegar*”. Apesar de dizerem que o dinheiro proveniente do ato ilícito é fácil, esse jovem diz que terá sossego só após ter um bom dinheiro para se manter ou pode-se pensar, ainda, que só após obter essa quantia, é que dará sossego à sociedade.

Diante disso, “trabalho ilegal” é representado pelos adolescentes como forma de manterem uma vida independente, na qual uma alta renda obtida com o tráfico de entorpecentes e com o roubo garante a compra de bens de consumo próprio, sem a necessidade da utilização de força física. Os riscos de serem flagrados, vitimizados, ou presos são significados como riscos inerentes à atitude altamente rentável.

2.3.8 Práticas Infracionais

A categoria “Práticas infracionais” engloba as experiências delituosas dos adolescentes infratores desde as primeiras vivências, até o momento em que lhes foi determinado o cumprimento da medida de internação.

1- Jacinto *[...] eu vi que roubar ganhava mais dinheiro. Ganha mais que o tráfico. O tráfico você tem que ficar lá na esquina vendendo, se arriscando [...] Meu irmão, ele é zica. Aí, nós começou a vender droga, nós era pequeno, era junto [...] O primeiro 157, um assalto que eu fiz foi com o meu irmão, eu tinha 15 anos ou 14. Foi na época que eu comecei a envorve [...].*

2 – Renato *[...] com 13 anos... 14 anos [...] comecei a fumar maconha, comecei a roubar assim, senhora, aí foi até agora. Até os 16 [...] eu entrava na casa assim, catava dinheiro e*

saía quente assim. Roubava no mercado armado [...] porque eu tava vendendo droga; aí, eu parei de roubar [...].

- 3 – Antonio** *[...] desde piquininim, já. Os primeiro foi na escola [...] briga, riscava os carro dos professor, vandalismo [...] depois que eu peguei uma idade, já comecei a vender droga, comecei a roubar [...] comecei roubando, depois fui pro tráfico [...] cheguei lá na delegacia só. Mas não cheguei a ir preso [...] achava que era ganhar dinheiro fácil. Nunca gostei de trabalhar [...].*
- 4 – Luis** *[...]com... 11 ano. A primeira coisa que eu fiz, eu roubei uma bicicleta. Nós tava vindo em dois numa bicicleta, aí nós viu uma bicicleta da hora com um moleque, nós parou e tomou dele [...] depois, eu comecei a vender droga lá na onde eu morava [...] depois eu roubei outra vez, assim... 155 também de bicicleta [...] aí não deu certo, aí depois dessa vez aí, foi onde que eu comecei a roubar... 157. Aí, depois disso, eu não parei mais, aí eu comecei a roubar carro [...] eu parei depois que os policiais quase prendeu nós com um Golf. Nós trocou tiro com eles, aí foi na onde eu parei com isso aí. Não isso aí não vira não. Foi na onde eu voltei a vender droga [...] desde os 13... Quando eu fui preso, eu não tava mais vendendo. Eu já tinha parado fazia um ano. Em 2007 [...] conversei com a minha namorada e tal. Ela falou que ia largar e tal se eu não parasse. Aí, eu falei que ia ficar de boa, ia arrumar um serviço. Mas aí, antes de eu arrumar um serviço, antes de eu ficar de boa, eu vim preso. Eu já tinha feito o homicídio já. Tipo, eu tinha parado de vender droga, mas eu tava ficando na avenida. Ficava lá na avenida, cuidava das coisas lá [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] acho que eu tinha uns 14 anos [...] eu comecei a vender droga, depois eu comecei a roubar [...] Eu pegava muito de toca cd, só que tipo, eu tinha medo, meio receio de tá lá roubando e o povo chegar. Aí, eu já gostava mais de roubar com arma. Aí tipo, eu comecei a roubar, eu tinha 15 anos, 16 anos [...] mais era fita dada. Onde que tinha dinheiro, nós ia buscar... Casa, empresa, loja, fábrica, qualquer coisa [...].*
- 6 – Jorge** *[...] comecei foi roubando. Eu roubei um boy na rua, a primeira vez. Roubei a bombeta e a corrente de ouro dele. Depois fui pra frente usando arma, 157, comecei a roubar loja, esse baguio aí. Primeiro, eu roubei, depois eu comecei a vender droga. Depois comecei a usar droga, bebida [...].*
- 7 - Anderson** *[...] com 10 anos eu comecei a roubar [...] eu ia no supermercado e tava com vontade das coisas, eu nem pedia pra minha mãe. Eu já entrava lá e roubava, tal. Achava mais fácil. Ah bicicleta também, eu tinha mó vontade de ter bicicleta... Não vou pedir pra minha mãe, não. Ela já dá comida pra mim, já dá minha casa pra eu dormir, aí eu pegava e roubava a bicicleta. Chegava na minha casa e falava pra minha mãe: “não, mãe; não é minha não, tá emprestada [...] ia eu e um parceirinho meu [...] quando eu comecei, eu roubava mesmo, pegava e era escondido. Aí, quando começou a ser freqüente, aí eu já comecei a roubar armado. Roubava posto [...] aí depois, já ia por causa da adrenalina também. Achava o baguio louco memo, saía correndo... por causa de dinheiro também [...] já passei pela delegacia, mas nunca fui internado [...] 10 vezes de 55, um porte de arma, mas no 12 não, não tenho nenhuma. Extorsão também uma [...] minha mãe conversou comigo e aí eu falei pra ela: “não mãe, não vou fazer isso mais não.” Eu parei de roubar e fiquei só vendendo droga só e escondido dela. Aí foi quando eu vim preso [...].*
- 8 - Alison** *[...] eu tinha uns... 13 anos de idade [...] eu sempre vendi droga [...] já roubei, mas eu não gosto muito de roubar não, só de vender droga [...] sempre, desde pequeno vendendo droga, eu acostumei já. Não consigo fazer mais outra coisa [...].*

9 - José *[...] eu tinha 10 anos [...] furtá, catá bolacha em mercado, esses negócio aí, foi daí que eu entrei na vida do crime [...] não tinha dentro de casa, eu ia roubar. Eu pegava a bolacha e levava pra casa pra nós come [...] depois foi roubando casa dos outros, comecei a vender droga [...].*

10 - Rafael *[...] relacionamento com a família já não tava muito bom, aí eu não quis mais depender dos meus pais [...] dois meses antes de fazer 15 ano [...] tinha uns amigo meu que vendia, eu cheguei neles e falei que eu queria vender cocaína. Era amigo da rua. Eles me deu conselho: “você tem certeza que você quer isso?” falou pra mim: “esse não é um caminho certo, você é um menino inteligente”. Me deram um monte de conselho, mas eu já tava decidido. Aí eu comecei a vender droga. Daí droga já não tava lucrando muito, aí eu comecei a assaltar [...] furtava residência... Aí aos poucos eu fui pro assalto. Quando tinha uma fita dada pra pegar... Até chegar no que aconteceu [...].*

Nota-se que os adolescentes iniciaram a prática de atos infracionais no início da adolescência, mas não há uma ordem direta entre o início do ato infracional e seu desenvolvimento. Alguns jovens iniciaram no tráfico de entorpecentes e posteriormente passaram a cometer roubos, outros inversamente a essa ordem e alguns apenas traficaram.

O envolvimento dos adolescentes entrevistados na prática de atos ilícitos tem início no fim da infância e no início da adolescência, prevalecendo as idades entre 13 e 15 anos. Mas, de acordo com Almeida (2002), em seu estudo, encontrou-se que 56,7% dos adolescentes internados tinham entre 15 e 17 anos quando receberam a primeira internação como medida socioeducativa e isso mostra que o envolvimento ilícito está ocorrendo cada vez mais precocemente.

Muitos dos jovens tiveram outras “passagens” (sic) pela delegacia, mostrando que apesar dessa Unidade ser considerada para primários, não indica que tenham cometido o ato infracional pela primeira vez. Ou, ainda, já haviam recebido outras medidas socioeducativas, como é o caso da advertência, liberdade assistida, prestação de serviços à comunidade, semiliberdade e, até mesmo, internações provisórias. Contudo, os adolescentes são considerados primários por estarem cumprindo a medida de internação pela primeira vez.

Corroborando com os dados supracitados, Almeida (2002, p. 54) salienta que os adolescentes participantes de seu trabalho relataram

ter passado pelo Distrito Policial, devido à prática de furtos. Alguns jovens relataram que eram tantas as passagens pelos distritos, que não conseguiam definir o número de vezes. Portanto, a idade da primeira internação não significa necessariamente a idade em que o jovem iniciou a prática do ato infracional [...].

Vale ressaltar que alguns adolescentes relatam a existência de uma gradação, na qual o tipo de ato infracional cometido vai se agravando, demonstrando a ganância por dinheiro: “[...] roubei uma bicicleta [...]”, “[...] depois eu comecei a vender droga [...]”, “[...] roubei outra vez assim... 155 [...]”, “[...] comecei a roubar... 157 [...]”, “[...] comecei a roubar carros [...]”, “[...] nós trocou tiro [...]”.

Os adolescentes demonstraram ter conhecimento da linguagem técnica profissional, ao mencionarem os atos infracionais praticados, bem com os artigos a que estão relacionados no Código Penal (BRASIL, 2003). Citam os seguintes artigos do referido código:

- Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel (Furto);
- Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência (Roubo).

Citam ainda o artigo 12 da lei n. 6368/76 (BRASIL, 1976), referente ao tráfico de entorpecente:

- Importar ou exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda ou oferecer, fornecer ainda que gratuitamente, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a consumo substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.

Tal lei foi revogada pela lei n. 11.343/06 (BRASIL, 2006) e já se pode observá-la nos discursos atuais, no cotidiano dos adolescentes internos, quando se referem ao tráfico de entorpecentes por meio do artigo 33:

- Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar.

Esses jovens realizam uma comparação entre os ganhos obtidos com cada tipo de infração e os riscos a que estão ameaçados, demonstrando o sentimento de medo durante as práticas ilícitas, que são representadas como uma forma de obter dinheiro para conquistar a independência financeira e não mais dependerem dos genitores.

Zaluar (2000) considera que a ausência de oportunidades de trabalho no mercado formal, o consumo de drogas, a sedução pelo poder que a posse de uma arma de fogo fornece

e, sobretudo, a proteção que uma quadrilha bem armada pode oferecer, além da sensação de pertencimento são essenciais para compreender a delinquência juvenil.

A prática de atos ilícitos se inicia com o uso de entorpecentes e, posteriormente, progride para os atos ilícitos que variam desde o furto até o latrocínio. Pode-se observar que não há uma linearidade no desenvolvimento da prática ilícita, uma vez que metade dos adolescentes começou a cometer roubos e, posteriormente, direcionam-se para o tráfico. Outra metade dos entrevistados começou a traficar entorpecentes e depois passou à prática de roubos por diversos motivos: por considerar que a quantia de dinheiro obtida no roubo é maior, ou ainda porque no tráfico eles ficam expostos na rua e, por estarem armados no roubo, sentem-se mais seguros.

Silva (1999, p. 71) menciona que o uso de armas de fogo por esses adolescentes

[...] é um importante indício para uma reflexão sobre a busca de formas particulares de proteção pessoal, decorrentes das constantes situações de medo, de violência e de perigo às quais esta população em específico está submetida. Ademais, as armas podem possibilitar conjecturas a respeito de uma maior sofisticação das infrações e uma maior ‘profissionalização’, ou melhor, um maior engajamento à ‘carreira’ no mundo do crime.

Conforme Saraiva (2002, p.76), “ninguém, salvo raras exceções, inicia sua carreira de delinquente pelo fim. Antes do homicídio, antes do roubo, antes do latrocínio, via de regra, em 95% dos casos, houve outra infração mais leve”. Para o autor, o impedimento para que jovens avancem na carreira infracional é feito por uma rede de atendimento adequada e de um bem estruturado programa de liberdade assistida ou de prestação de serviços à comunidade, prevenindo, assim, a internação.

Uma questão anteriormente citada e relacionada à motivação para a prática do ato infracional diz respeito à independência financeira. Grande parte dos jovens afirma que a necessidade de terem o próprio dinheiro e não precisarem pedir para os genitores, para comprar roupas, tênis e sair com colegas, é o principal motivador. Entretanto, é mencionado o furto em mercados, por não terem o alimento desejado em casa e pela sensação de “adrenalina”, “dinheiro fácil” e por não gostarem de exercer atividade laborativa legal.

Conforme Assis (1999), os jovens que cometeram atos infracionais significam as atividades ilícitas que desempenham como trabalho, pois é a partir dessas atividades que sustentam sua própria sobrevivência e, às vezes, a de sua família.

Em entrevista do jornal Folha de São Paulo (PENTEADO, 2008), em 05 de janeiro de 2008, a presidente da Fundação Casa, Berenice Gianella, expõe que “muitos jovens internados na instituição consideram o tráfico de drogas como um emprego”, representando o tráfico como não sendo um ato infracional grave, pois não envolve o uso de armas ou morte. A presidente cita ainda, que há muitos anos o homicídio era a maior causa das internações.

Conforme o jornal Folha de São Paulo (PENTEADO, 2008), o roubo qualificado é a principal causa de internação, mas o tráfico apresenta um grande crescimento. Em dezembro de 2006, o tráfico era responsável por 18,1% das internações, já em dezembro de 2007, esse número aumentou para 28%.

Nesses dois últimos itens, algumas questões podem ser levantadas e que estão interligadas: Será realmente que pode ser considerado “fácil” obter dinheiro através da prática do ato infracional? É fácil arriscar a própria vida? Perdê-la, portanto, não tem importância? Percebe-se nas marcas discursivas que os adolescentes têm consciência de que arriscam suas vidas, apesar de terem muito medo da morte. Será também que os jovens não gostam de trabalhar ou não gostam do tipo de trabalho ao qual têm acesso - aquele que necessita do emprego da força física? A desadaptação ao trabalho legal se refere também ao fato de que ele é explorador e árduo.

2.3.9 Ato infracional pelo qual foram internados

A categoria “ato infracional pelo qual foram internados” está relacionada às motivações e significados que os adolescentes atribuem a infração, pela qual receberam a medida socioeducativa de internação.

- 1- Jacinto** *[...] tinha essa muié saindo do shopping, aí. Aí, nós tava pensando em roubá ela, mas nós não roubou não [...] não catou a gente com nada. Mas a vítima falou: ‘foi eles’ e não teve como. Mas não gosto de ficar comentando [...].*
- 2 – Renato** *[...] só eu, a pessoa e mais um mano lá. Aí, os dois não sabia que eu tava armado. Aí, eu tava na intenção de fazer sim, senhora [...] ele pegou a droga minha, senhora e sumiu com a droga. Aí eu fiquei devendo, senhora [...] eu pensava: ‘nossa, não devia ter feito, agora é tarde já’ [...].*
- 3 – Antonio** *[...] entramo num bar, eu e um cara, aí tinha uma menina esperando nós pra dar o cavalo, de carro, pra dar o jet de carro. Daí, nós pegou e enquadrou. Só que era tudo polícia civil [...] pegamo seis mil real em dinheiro e uma moto [...] eles*

sacaram da arma e começaram a atirar em nós e nós atirô neles. Daí, pegaram nós na pista [...].

- 4 – Luis** *[...] o cara roubou um dinheiro meu, do meu parceiro. Aí, nós pegou e correu atrás. Ele falou que não tinha sido ele, que não tinha sido ele... Aí, nós pegou, catou ele, levou ele pro meio do mato, aí, nós bateu nele... bateu... e no último momento, ele falou, só que ele já tava... já quase pra morrer. Tinha apanhado muito, já não dava nem pra ver o rosto dele. Aí, nós pegou e matou ele [...] pra mim foi normal [...] Deus me deu oportunidade de eu tá vivendo. Aí, é onde eu não poderia ter ido lá e ter tirado a vida dessa pessoa [...] mas, no momento, a gente não pensou, né... Fez as coisas de cabeça quente, mas aí também... por isso eu me arrependo. Então, se não fosse isso, eu não me arrependeria [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] nós de capacete fechado: “boa tarde”, “boa tarde”. Eles falô boa tarde. Tombei os dois, falei: “vai, isso aqui é um assalto, se ocêis ciscá, se ocêis mexê, nós vai assassiná todo mundo. Nós só que o dinheiro. Nós sabe que tem um cofre [...] nós pois eles sentado no chão, dei a arma pro meu parceiro, fui abri o cofre, catei o dinheiro do cofre, puis no bolso [...] abri a gaveta, catei o dinheiro que tinha no caixa, aí eu fui e catei um tanto de chave que era pra abri as vitrine pá catá os celular [...] nós se escondeu debaixo... dentro da mata e ficô. Cercô a mata, aquele monte de polícia entrou, aí pois nós deitado no mato lá, o policial falou: “prende”. Aí, nós foi e se entregou. Aí, já chegou repórter já, os povo... aí, nós foi preso [...].*
- 6 – Jorge** *[...] eu tava andando na rua, eu tava armado. Tinha uma farmácia aberta e já tava tarde. Aí, eu fui roubar ela. Aí, tinha um homem, que começou a segurar eu. Aí, eu dei um tiro no peito dele [...] eu tava chapado de droga e bebida. De maconha, porque cocaína eu não cheiro. Aí, eu saí de lá e fui correndo embora pra minha casa [...] eles me mandou por a mão na cabeça. Eu tava com a carteira cheia de dinheiro. Aí, eles levou eu e deu um pau ni mim, sem maldade e eu falei: ah, foi eu memo senhor [...].*
- 7 - Anderson** *[...] o homicídio? Foi por causa de eu vender droga. Ele foi e cagüetou eu, deu uns tiro ni mim. Por causo que era em frente a casa dele que eu ficava. Deu uns tiro ni mim, tal... Aí, eu comecei a andar armado [...] eu trombei ele de novo, aí, eu descarreguei o oitão que tinha 7 tiro e o 32 que tem 6. Aí, pegou 10 tiro nele. Aí, eles me levou pra delegacia, tal. Aí, num pegou os revorve também... porque eu joguei fora os revorve. Foi porque ele cagüetou eu e tinha dado uns tiro ni mim e falou que ia matar eu [...] os dois fïm dele que é pequenim, é ainda inocentão, não tem maldade na mente... eu só tenho pena deles só, mas das outras família dele eu não tenho não. Nem dele também [...].*
- 8 - Alison** *[...] tráfico. Fui buscá uma droga, os polícia prendeu eu [...] tava de bicicleta [...] fui comprei e vortei [...] a viatura enquadrô eu [...] achô e levô eu preso. Levô eu pro distrito. Aí, eu vim preso, aí eu tô aqui nesse lugar aqui agora [...].*
- 9 - José** *[...] não foi eu que fiz. Piqui, eu só emprestei a arma pro moleque [...] ele falou que a arma foi eu que tinha dado pra ele. Aí, a polícia foi na minha casa, pegou eu e mais 3 maior. Levou preso. Aí, eu vim pra cá. Fui pra reconhecimento, a vítima falou que não era eu. Depois a vítima falou que era eu [...].*
- 10 - Rafael** *[...] meu colega saiu pra assaltar. Nós ia assaltar... É dinheiro... Tinha passado uma fita pra nós [...] a hora que nós ia assaltar, não era o cara certo. Aí, nós deixou ele ir embora [...] esse cara da moto, me deu a mão, pedindo obrigado. No que ele deu a mão, não quis soltar a mão. Eu gritei meu colega. Ele pegou, sacou*

da arma de novo, no que ele sacou da arma, o cara soltou da minha mão e acelerou a moto em cima do meu colega. Meu colega disparou um tiro na perna dele pra ele parar e ele não parou. Meu colega disparou outro. Aí, nós fugiu. Aí, no que nós fugiu, depois de 5 dia descobriram que foi nós. Nós se entregou [...] na hora eu fiquei meio assustado. Falei: “nossa, olha o que que um assalto virou! O que que o outro acaba fazendo!” eu me arrependi bastante sim [...].

Nessa categoria os jovens descrevem o modo como praticaram o ato infracional pelo qual se encontram internados, com riqueza de detalhes. Tais atos são equiparados a roubo, latrocínio, homicídio e tráfico de entorpecentes. Os adolescentes representam a prática infracional, em sua maioria, como vingança e ganância por dinheiro, nos quais se pode perceber que não agiram sozinhos durante o ato - estavam com pelo menos um colega, no momento da prática delitiva.

De acordo com Bauman (1999), o cometimento do ato infracional é consequência de diversas privações, faltas materiais, bem como uma tentativa de pertencimento ao mundo. O adolescente, autor de ato infracional, busca sua inclusão na sociedade, marcada pelo imperativo do consumo e por relações capitalistas, onde todos podem ser lançados na moda do consumo, todavia, nem todos podem efetivamente assumir o papel de consumidores.

Um fato comum presente na vida desses adolescentes é a prática de homicídio como consequência da cobrança de uma dívida referente ao uso de entorpecentes ou ainda de furto de determinada droga, que pertence a outro traficante. Ou ainda por ameaça anterior ao adolescente infrator. No que diz respeito aos latrocínios, pode-se perceber que a tentativa de assassinato ocorre por causa da reação das vítimas ao roubo.

Conforme Kodato e Silva (2000), os homicídios em geral são motivados por vinganças, dívidas contraídas em aquisições de entorpecentes, conflitos de natureza subjetiva e desentendimentos ocasionados por brigas anteriores. Esses autores atribuem a prática homicida a um ato impensado, a um impulso incontrollável, ou ainda, à defesa no sentido de matar ou morrer - atitude necessária pelo fato de a vítima do assalto ter reagido - não percebendo, nesses casos, indícios de culpa dos jovens infratores com relação ao homicídio.

Eles expressam sentimentos ambíguos de frieza e indiferença pela vítima e outras vezes arrependimento e reflexão sobre a ocorrência. Descrevem também as práticas abusivas de violência cometidas por policiais. Sobre isso, Kodato e Silva (2000) apontam também situações de espancamentos e constrangimentos sofridos por adolescentes internados, quando foram surpreendidos por policiais.

Entre os sentimentos que os jovens referem nas entrevistas estão a compaixão, que Anderson pontua que sente pelos filhos pequenos de sua vítima. Renato afirma que “*não*

devia ter feito” (sic), mas já era tarde, demonstrando arrependimento; Luis relata que como quase perdeu a vida quando era criança e Deus lhe deu a *“oportunidade”* (sic) de continuar a viver, não poderia ter tirado a vida de outra pessoa; e por último Rafael pontua que quem cometeu o latrocínio foi seu amigo para salvá-lo, mas se sente arrependido.

Um dos adolescentes menciona que foi delatado pela vítima, demonstrando que mesmo diante da negação de ter praticado o ato infracional, o reconhecimento de suas características, realizado pela vítima, tem um peso maior que a fala do jovem. Demonstram também que, por motivos de delação contra eles, são capazes de cometerem um homicídio, devido ao sentimento de vingança.

A respeito do ato infracional pelo qual esses jovens receberam a medida socioeducativa de internação, poucos são aqueles que se sentem incomodados em falar a respeito do assunto. A maioria gosta de contar como cometeram a infração e contam com riqueza de detalhes, sendo que no cotidiano na instituição, observa-se entre os pares que quanto mais grave foi o ato infracional cometido, mais o adolescente se sente importante, poderoso e bem conceituado pelos demais. A prática delituosa passa a ter um sentido glorificante.

2.3.10 Internação

A categoria “Internação” refere-se à caracterização que os adolescentes, cumprindo essa medida socioeducativa, conferem a tal experiência. Encontra-se aqui dividida em outras subcategorias: a “objetivação da internação”, “dinâmica da internação”, “rotina”, “saúde/falta”, “visita” e “restrições e desejos”.

- **Objetivação da internação**

Essa subcategoria refere-se à maneira pela qual os jovens entendem a internação, refletindo sobre a imagem que lhes vem à mente.

- 1- Jacinto** *[...] a imagem que vem é: pode esquecer do mundão. Não adianta ficar querendo: ah, eu vou embora. Tem que ter calma e tem que esperar [...].*
- 2 – Renato** *[...] é ficar um tempo longe da rua, longe da sociedade [...].*
- 3 – Antonio** *[...] ficar preso, privado da minha liberdade [...].*
- 4 – Luis** *[...] tá aqui preso, né, privado da minha liberdade [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] aqui, esse lugar, preso [...].*
- 6 – Jorge** *[...] é eu ficar preso, né senhora [...].*
- 7 - Anderson** *[...] eu vejo que nós tá, tipo, isolado da sociedade [...].*
- 8 - Alison** *[...] muito sofrimento. É, ficar internado é foda, senhora. Sofrimento pra coroa, pra mãe, pro pai, pra família inteira [...] pra mim é mais sofrimento ainda, mas eu tô de boa, né. Tiro tirando... Onde que for. Onde que for, eu tiro tirando [...].*
- 9 - José** *[...] tipo uma pessoa que tá condenada [...].*
- 10 - Rafael** *[...] FEBEM. Eu imagino preso [...].*

Verifica-se que os adolescentes entrevistados representam a instituição de internamento como uma prisão por não terem liberdade ou pela situação de isolamento da sociedade e do contato com o mundo externo. Eles significam a instituição como causadora de sofrimento para si e para seus familiares.

Conforme Goffman (1961), as prisões são caracterizadas pelo trancamento de portões e construções de grandes muralhas, pela troca das roupas pessoais pelas da instituição e pela organização da vida dos indivíduos que se encontram nelas, mediante realização de tarefas estipuladas por outras pessoas. Observa-se que todos os itens apontados por Goffman são citados nas marcas discursivas e, posteriormente, apresentados pelos adolescentes entrevistados no presente trabalho.

Teixeira (2006) salienta em seu estudo que alguns adolescentes associam a FEBEM com uma prisão, contribuindo para uma representação negativa das atividades realizadas cotidianamente na instituição, corroborando com as marcas discursivas dos jovens entrevistados. A significação da instituição como cárcere, como instituição total, dificulta a assunção de sua função educativa e ressocializadora.

- **Dinâmica da internação**

A subcategoria “Dinâmica da internação” diz respeito ao modo como os adolescentes percebem o que fazer na instituição e aos sentidos que atribuem ao período em se encontram cumprindo a medida socioeducativa.

- 1- Jacinto** *[...] não tem o que fazer. Tem que deixar rolar e ver aí, o dia que eu sair daqui. Eu não nasci aqui. Eu vou saí. E no dia que eu sair, eu nem vou querer olhar pra trás [...] tá sendo difícil, no sentido que eu tô preso, que eu quero ir embora e não tem como modificar o tempo que eu vou ficar [...].*
- 2 – Renato** *[...] se você fez, cê tem que cumprir [...] de bom aqui: as aulas, as pessoas que chega e conversa com você pra você praticar um esporte, esses negócio aí do crime, que isso aí não vira [...].*
- 3 – Antonio** *[...] eu sou sincero, o que eu fiz eu pago. Pra mim é normal. Já que eu fiz mesmo, não tem como correr. Tem que ficar, né [...] não tem nada de mal, não. A única coisa ruim é tá privado da liberdade, mais o resto pra mim é sossegado [...].*
- 4 – Luis** *[...] foi criado pra quê? Pra nós tá... refletindo aqui dentro, tá pensando se é isso mesmo que nós qué. Porque aqui é só o primeiro passo né... se caso nós não saí dessa vida, aí é cadeia. A situação já é mais difícil [...] eu refleti bastante [...] tá servindo pra mim refletir, tá mudando meu pensamento, tá amadurecendo mais, já deu pra mim decidir que não é isso que eu quero pra mim mais [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] o tratamento que nós tem aqui... tem um certo respeito aqui com a gente, tipo as refeição, tipo, nós chepa 7 vez, 6 vezes ao dia. Tipo cama... tem lugar que a gente dorme na praia, no chão. Aqui não, aqui cada um tem sua cama, tem sua cobertura, seu colchão. Mas não deixa de tá preso [...] pelo ato que nós fez e o tempo que nós vai ficar, aqui pra mim é suave. Respeito, nós dá o respeito pra eles dá pra nós [...] mas aqui passa muita raiva, tipo, cê convive com pessoa... Tipo, é todo mundo diferente um do outro [...] as vez você acorda de mal humor, o senhor fala uma coisa pro cê e cê já chega e não quer aceitar o que ele falou pro cê. É um pouco difícil ficar aqui [...].*
- 6 – Jorge** *[...] pra mim está de boa, senhora, eu faço a minha, senhora [...] de ruim é só quando você desce lá pra baixo, senhora. No 3. Fica o dia inteiro sentado, em pé. Fiquei lá só antes de subir, nunca desci pra lá não. Aqui já é de boa [...] o que eu gosto de fazer mais é futebol, baguio de tapete ali ó [...] esse baguio aí de computação, porque eu não me dou muito bem na aula. Eu tava, mas eu saí porque eu não consegui fazer [...] (coisas ruins).*
- 7 - Anderson** *[...] eu penso que não é muito apropriado não. As regra que tem, não é muito apropriado não [...] dependendo do funcionário, você fala uma coisa, não tem nada a ver, nada de mais, ele: “não, você não vai fumar e pronto”. Sem às vezes, você sem ter feito nada. Um faz ali e já paga todo mundo [...] cada um tinha que pagar pelo que fez e não todos. Independente, que é todo mundo um grupo [...] numa parte até que tá bom. Não que lá em casa fartava as coisa, mas aqui também tá bom, porque não tá faltando nada pra mim. Não tá faltando comida, nem roupa, minha*

higiene [...] tipo ruim, às vezes tem que até... engolir, escutar qualquer coisa ali óó, que nem era pra você tá escutando. Você tem que escutar, porque cê tá na internação [...] aqui funcionário que manda [...].

- 8 - Alison** *[...] pra mim é ruim, né senhora. Ficar aqui preso, né. Eu penso na minha família [...] o único lugar que eu fui parar mesmo pra pensar foi aqui. Porque na rua eu não pensava não [...] mudou muita coisa minha vida. As coisas que nunca pensei na rua, aqui eu parei pra pensar. Falei: “nossa, não é assim que eu tenho que fazer. É desse jeito.” Foi aqui mesmo que eu parei pra pensar, que eu mudei bastante. Parece que a minha vida evoluiu bastante [...] até aprende algumas coisa. Um coisa do bem, umas coisa do mal. Mas eu pretendo usar pelo caminho do bem [...] do mal é muita maldade, do bem é coisa bem... Fazer o bem pras pessoa, ajudar os próximo [...] tá ruim, né senhora, minha família sofrendo [...] pra mim também, né. Ficá preso, né. O dia inteiro preso, cê não pode fazê nada [...].*
- 9 - José** *[...] ninguém gosta de ficar preso. Mas ninguém também, se ouvisse os conselho das nossas mãe, ninguém era pra tá aqui [...] ficar preso, né senhora. Não poder fazer um pião, não poder sair pra namorar, não poder ir num evento [...].*
- 10 - Rafael** *[...] eu acho bom senhora, pra quem quiser tomar um outro rumo na vida... é ruim, mas ao mesmo tempo é bom. É ruim porque tá longe da família, mas é bom porque tem uma oportunidade de estudar, aprender alguma coisa que pode usar lá fora [...].*

As marcas discursivas dessa categoria apontam que os adolescentes representam a dinâmica da instituição como um local para aprendizados positivos e negativos. No entanto, afirmam que cada um escolherá o caminho que desejar. Referem ser um local para reflexão de sua situação de vida atual e do que farão no futuro. Significam a instituição como pregadora de limites por causa das normas que devem ser cumpridas e como protetora, no sentido de que poderia ter lhes acontecido algo ruim, se estivessem fora da instituição.

Como pontos negativos mencionam o sistema de regras e obediência, sentimentos de impotência e submissão, a falta de liberdade, a distância dos familiares e as situações em que são punidos pelo erro cometido por outro adolescente, bem como ser levados ao módulo 3, quando descumprem, de forma grave, algumas normas.

No módulo supracitado, o adolescente permanece em três ocasiões:

1) quando chega à Unidade e permanece em um quarto separado dos demais jovens, para que as normas e as regras da Unidade lhes sejam passadas pela equipe multiprofissional (setor pedagógico, técnico e de segurança);

2) quando não pode permanecer ou não é aceito no convívio com os iguais, por diversos motivos, tais como: ter cometido ato infracional equiparado a estupro ou atentado violento ao pudor, ter delatado alguma pessoa envolvida com o crime;

3) quando é indisciplinado, deixando de cumprir as regras da unidade, cometendo uma indisciplina grave. Nesse caso, o jovem é avaliado pela chamada “Comissão de Avaliação Disciplinar”, que é formada por aproximadamente seis funcionários das diferentes equipes. Essa comissão escuta o que o adolescente envolvido na intercorrência tem a dizer e também o que diz o funcionário que presenciou a ação inadequada do jovem. A partir daí, essa comissão irá aplicar ao adolescente uma sanção que pode variar desde uma advertência ao encaminhamento para um quarto, no qual permanece sozinho e separado dos demais adolescentes, só podendo sair para participar da escolarização formal ou para atendimento médico e técnico (psicológico e social).

Muitas vezes, quando um jovem tem conduta inadequada no módulo em que está inserido, ou mesmo em seu dormitório, vários jovens perdem alguns benefícios (participar de eventos externos a unidade, assistir aos filmes durante o fim de semana etc.), o que é proibido conforme o Regimento Interno da Fundação, ou ainda, o adolescente que desacatou as normas ou as orientações dos funcionários é conduzido para o módulo três.

Apesar dos fatos supracitados, a maioria dos adolescentes tem a percepção de aspectos positivos na medida socioeducativa de internação, como a oportunidade de aprendizado na escolarização e nas atividades pedagógicas; o diálogo que mantêm com alguns funcionários que lhes aconselham a praticar esportes e a se afastarem das práticas delitivas; a participação das oficinas ocupacionais; a reflexão sobre os planos de vida prospectivos; espaço físico, materiais de higienização e alimentação adequados.

Representam a dinâmica institucional e a medida socioeducativa de internação como uma obrigação, uma pena, a qual terão que se resignar. Encaram-nas como algo imutável, porém, têm consciência de que a medida que estão cumprindo terá fim. A instituição é vista como um local para cumprimento de pena e não como um lugar com caráter educativo, apesar de mencionarem o aprendizado e as orientações recebidas pelos profissionais como algo positivo.

Os sujeitos da entrevista representam a medida socioeducativa como uma punição pelo ato infracional cometido, uma situação a ser enfrentada, uma vez que não há outra alternativa, a não ser vivenciar a dificuldade que sentem por estar presos, querer sair e não poder. A compreensão da internação como punição é citada por Santos Filho e Silva (2005) evidenciando um tratamento dado aos adolescentes da mesma forma como é dado aos adultos cumprindo penas.

Esta fala: “*é ruim, mas ao mesmo tempo é bom*” (sic) demonstra bem o modo como os jovens percebem a internação e também a representação paradoxal em que a instituição está envolta.

- **Rotina**

A categoria “Rotina” está relacionada às referências que os jovens fazem do dia-a-dia vivenciado na instituição.

- 1- Jacinto** *[...] quando eu cheguei era até melhor. Cheguei tal, tinha acabado de vir do mundão. Vou dar um tempinho aqui e vou embora [...] agora começou as aulas é até um pouco melhor né, que no meu ponto de vista, passa mais rápido. Mas não deixa de ter o seu dia igual aos outros [...].*
- 2 – Renato** *[...] eu faço o dia de boa... Estudo, faço atividade, jogo esporte, depois é ir dormir [...].*
- 3 – Antonio** *[...] pra mim é normal. Porque em casa eu era caseiro, gostava de ficar dentro de casa. Pra mim é normal [...].*
- 4 – Luis** *[...] eu acordo, escovo os dente, se for na época de escola toma banho, depois sai, vem pra escola, toma o moca, depois volta pra escola, almoça, depois tem as atividade. Aí, igual hoje, tem atividade noturna, futebol, depois nós toma o moca, entoca e dorme [...] aqui nós tem dias bons, tem dia ruim, tem dia que as vez a gente acorda triste, que a gente acorda... com raiva. Aí vai variá [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] terrível. Uma chatice. Sempre a mesma coisa. Nada de diferente. Nada de anormal [...] eu jogo futebol, tapete, faço curso profissionalizante, se tiver uma externa eu faço... Sempre alguma coisa pra tá ocupando a minha mente... Jogo xadrez [...].*
- 6 – Jorge** *[...] igual sempre. Toda hora que você acorda é a mesma coisa [...] só tapete, mais nada, senhora. Eu tava fazendo padaria com o Sr. Mário, mas eu terminei. Agora é só tapete e futebol [...] pra mim é de boa, firmão [...].*
- 7 - Anderson** *[...] diariamente a mesma rotina. É difícil mudar alguma coisa [...] demora a passar. Tem pouca coisa pra favorecer. Se tivesse mais coisa, passaria até mais rápido [...].*
- 8 - Alison** *[...] um pouco é triste, um pouco é alegre [...] triste, porque quando você acorda, você não tá na sua casa. Você acorda e tá preso [...] fico pensando, né senhora, na família. Dá tristeza [...] depois cê vai animando né. No dia a dia, cê acorda, cê se anima, não pode ficá triste. Eu troco idéia com os menino né, converso com eles. Conversando né, daí fica de boa [...] ruim tem... de toda hora mão pra trás, pedir licença [...] não vejo muita coisa de bom não, senhora. Bom é as atividade que tem*

pra nós aí, pra distrair a mente, uma escola pra aprender as coisa [...].

9 - José *[...] meu dia? Bom [...] acordo 5 horas da manhã, vou pra escola, saio da escola, vou pro tapete, saio do tapete vou pro curso de fotografia [...] péssimo (ao ser indagado o que acha do seu dia). Era bom se fosse tá no mundão, cê podia ir pra onde você quisesse [...].*

10 - Rafael *[...] oficina profissionalizante, panificação, hidráulica, fotografia, computação, que preenche muito no seu currículo. Tem até o karatê, também... Esporte, muitas vezes aquele que se destaca é chamado [...] se não quiser mudar, não adianta nada. Vai de cada um [...] tô tentando aproveitar tudo que eles me oferece. Tô tranqüilo. Saudade tem mesmo, mas tô tranqüilo [...] acordo 6 horas, escovo os dente, saio, tomo café pra ir pra oficina, almoço, depois do almoço vai pra escola, assiste televisão e entra pra dormir sete e meia [...] um pouco ruim por tá preso, mas bom também, por tá aprendendo [...].*

As marcas discursivas, nessa subcategoria, estão relacionadas às atividades que os jovens praticam no período de cumprimento da medida. Representam as atividades como uma forma de estarem pensando em algo, em “ocupar a mente” (sic).

Alguns percebem a rotina diária como algo ruim, devido à monotonia, à falta de liberdade, à saudade da família e à dificuldade de passar o tempo, por terem as mesmas atividades todos os dias; outros a percebem com naturalização e aceitação. Percebem como positivas as oficinas profissionalizantes de panificação, hidráulica, fotografia e computação, assim como as aulas e os professores. Mencionam também as aulas de karatê, pelas quais os jovens têm a oportunidade de participar de campeonatos em outras cidades e dar continuidade quando desinternados, caso se destaquem.

Os jovens têm a percepção de maior agilidade no passar tempo ao participarem das aulas do ensino formal. Afirmam que sentem tristeza, às vezes alegria e outras vezes raiva ao acordarem e perceberem-se privados da liberdade.

Para ilustrar, Rafael retrata a realidade do que lhe é oferecido durante esse período de internação, ao afirmar “*se não quiser mudar, não adianta nada*” (sic) e que há coisas ruins, tais como: estar preso e a saudade que sente da família, mas também afirma que há muito o que aprender.

- **Saudade / Falta**

Tal subcategoria refere-se às perdas ocasionadas pela privação de liberdade de algo que os jovens atribuíam um importante valor.

- 1- Jacinto** *[...] sinto falta de tá lá fora, sinto falta da minha irmã [...].*
- 2 – Renato** *[...] mais mesmo é da família e namorada [...].*
- 3 – Antonio** *[...] sinto falta mais do meus amigo, da minha mina. Só disso [...].*
- 4 – Luis** *[...] falta de carinho né... De uma pessoa... De uma companheira mais próxima, uma pessoa que você tá conversando [...] conversar com pessoas mais velha, gostava de conversar bastante [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] tô sentindo muita saudade lá de casa, da minha namorada, do meu filho... Tá sendo meio difícil [...].*
- 6 – Jorge** *[...] minha família [...].*
- 7 - Anderson** *[...] só da família perto né... da família perto tal, porque é... tipo assim... uma vez por mês tem visita tal [...].*
- 8 - Alison** *[...] vou te falá aí, falta sim, mas não pode... Usar droga, mas não pode. Mas eu pretendo tá parando [...] eu sinto muita falta né senhora, mas eu pretendo controlar meu vicio, né. Parar de uma vez, né [...].*
- 9 - José** *[...] da minha mãe, da minha muié, da minha sobrinha, do meu sobrinho, da família inteira [...].*
- 10 - Rafael** *[...] saudade da família [...].*

As marcas discursivas dessa subcategoria demonstram que os sentimentos de perda e/ou diminuição de vínculos afetivos, seja de familiares, em sua maioria, ou da namorada, são os mais enfatizados pelos adolescentes. No entanto, contam que sentem falta do meio externo, dos amigos, do uso de entorpecente e de alimentos não fornecidos pela unidade.

A instituição é, portanto, representada como a falta de afeto, a separação dos cuidados familiares e a ausência de carinho. Os sujeitos afirmam que sentem muita falta da convivência familiar, no entanto, citam em conversas informais que a relação com seus genitores era conturbada e iam para casa apenas para dormir.

Vale ressaltar que a partir da internação, os adolescentes passam a dar mais valor aos seus familiares. É também citada, por alguns adolescentes, a falta de liberdade, dos amigos, de diálogo, de carinho, das drogas. A falta de liberdade permite uma idealização da vida familiar e comunitária.

- **Visita**

A subcategoria “Visita” diz respeito aos sentimentos gerados pela expectativa de receberem seus familiares na instituição e as pessoas que vêm visitá-los durante a internação.

- 1- Jacinto** *[...] falo pra minha mãe pra não tá deixando ela vir aqui não, porque pra idade dela, é um pouco constrangedor [...] minha mãe também não costuma vir, não. Às vezes ela me surpreende vindo [...] se eu falar pra ela que eu preciso dela, aí ela vem [...] meu pai tá em Goiás. Aqui ele nunca visitou, mas na primeira passagem que eu tive ele visitou [...].*
- 2 – Renato** *[...] é o dia mais bom, né senhora, que você vê a família [...] minha avó, minha mãe e minha irmã [...].*
- 3 – Antonio** *[...] eu não tenho muita visita não. Pra mim é bom... Meia hora que seja que você vê sua família, já mata saudade [...] é muito longe de casa, minha mãe gasta muito pra vir também... Eu nem peço pra ela vir não [...].*
- 4 – Luis** *[...] tô refletindo no tempo que eu tô aqui, fui vendo o sofrimento deles, o constrangimento que é pra eles vim pagá revista aí, essas coisa aí, foi na onde eu pensei melhor [...] meu pai que vem de vez em quando. Mas minha mãe vem, nem que seja pra ficar uma hora, mas ela vem. Quem vem me ver mais memo de domingo, é minha irmã [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] sempre tem gente que come pouquinho, é ansiedade, você vai pro quarto e não consegue dormir, cê fica em pé. O refeitório não tem conversação igual tem que ficar dando idéia pra fazer silêncio. Dia de visita fica meio tenso, sabe. Todo mundo ansioso. Fica dentro do quarto, querendo escutar o senhor aqui gritando, falar seu nome [...] da minha mãe, do meu pai, minha namorada, do meu filho, da minha madrasta, da minha avó... Nunca fiquei sem visita. Nunca eles me abandonaram [...].*
- 6 – Jorge** *[...] meu pai e minha mãe. Vêm um domingo sim e um domingo não. Tem dia que vem um, tem dia que vem outro [...] firmão também [...].*
- 7 - Anderson** *[...] as vez tô aqui tal, não tô tendo visita, aí falo, minha família não quer nem saber de mim. Porque eu tô longe, mas eu não entendo que eu tô longe. Eu entendo é que eles tá desfazendo memo de mim e não quer saber de mim. Mas nem procuro saber do lado dele, se tá fartando alguma coisa lá, nem nada. Agora eu tando lá, eu vou saber, vô tá se preocupando tal [...] eu entendia que ele não queria saber de mim tal, mas depois eu comecei a entender [...] ela tem que pensar neles também e principalmente neles, que ela tá lá tal e pequeno ainda... e às vezes, minha mãe trabalha de domingo tal, também o dinheiro também... aí eu já entendo. Eu mesmo cheguei a falar pra minha mãe: “aí mãe, não precisa tá vindo não... só por telefone, por carta, nós se corresponde [...] você não vê o dia, a hora de chegar... Quando chega o domingo, você fica dentro do quarto ansioso, esperando pra ver se você tem uma visita. Quando você tem, você já sai todo alegre tal. E aí, naquele momento ali, você esquece tudo [...] alegria, você sente, porque tá vendo ela ali. Tristeza, você sente quando ela tá indo embora, tal. Você sente mais saudade ainda de não tá podendo ir embora com ela [...] meu pai já veio duas vez. Mas é ela mais,*

porque minha mãe conversa mais tal. Ele é meio caladão. Minhas irmã, vem só uma irmã minha, também. Minha mãe procura não trazer elas aqui, tipo, pra não fica na mente delas [...].

- 8 - Alison** *[...] é ótimo. É o dia mais alegre que eu tenho aqui. A minha família traz notícia lá de casa [...] desde quando eu tô preso, nunca fiquei sem visita. Vem meu pai, minha mãe e minha avó. Sempre esses que vêm [...].*
- 9 - José** *[...] é bom né senhora. Dá pro cô vê um pouco a família, distrair a mente um pouco ali com família, conversar, ver seu sobrinho, sua sobrinha [...] minha mãe tá doente, tá tratando de uma cirurgia que ela fez. Meu pai, eu não tenho muito contato com ele, mas de vez em quando eu ligo pra ele [...].*
- 10 - Rafael** *[...] é tranqüilo. É um dia, se vê é bom. Tá bom [...] da minha namorada, minha mãe e minha irmã. Ah, e meu pai de vez em quando. Tá cuidando da mãe dele, tá com 89 anos [...].*

Os adolescentes representam a visita de seus familiares como constrangedora para estes, devido ao procedimento de revista pelo qual têm que passar para terem contato com os adolescentes. Apesar disso, encaram o dia de visita como o melhor da semana e paradoxalmente causador de alegria, ansiedade e expectativas pelo reencontro dos familiares, bem como tristeza e saudade pela obrigação da separação no final da tarde. O contato com a família é uma forma de o adolescente manter-se vinculado ao mundo exterior.

São as mães dos jovens quem mais acompanham o desenvolvimento dos filhos na instituição e os mesmos, esporadicamente, recebem a visita do genitor. Tal fato é citado por Vedovello (2008) em que é imputado à mulher o papel de cuidadora.

Os adolescentes têm consciência das dificuldades financeiras vivenciadas pelos familiares e, com isso, sentem-se conformados por não receberem visitas com frequência. Entretanto, a falta de visitas faz com que eles se sintam abandonados e rejeitados.

Os jovens recebem visitas das mães, pais, irmãs, namoradas, sobrinhos e filhos, mas há familiares que vão até a unidade apenas em caso de necessidade do jovem, quando de seu pedido por exemplo. Isso ocorre por residirem em município distante e gastarem uma grande quantia com a viagem e outros, dessa maneira, simplesmente, não recebem visitas.

Aos domingos, os jovens mencionam que desde o almoço, já estão tensos e ansiosos devido à expectativa de reverem seus pais, irmãos e namoradas. Os preparativos para a recepção têm início no sábado, quando os adolescentes realizam a limpeza do pátio, dos banheiros e refeitório: locais onde ficam com seus visitantes. Também realizam o corte de cabelo, sendo que um jovem auxilia o outro, raspam a barba, recebem roupas limpas e mais novas do que as que vestem no dia-a-dia. Após o almoço dominical, os internos vão para seus

quartos e aguardam serem chamados por um funcionário, caso tenham visita, o que conforme relatam, gera ansiedade e tensão.

Volpi (2001) realizou um estudo com jovens egressos da medida de internação que encontraram a família e 74% dos entrevistados afirmaram ser a instituição familiar o ponto principal de apoio durante a privação de liberdade que lhes fornecia durante esse período: compreensão, amor, carinho, segurança afetiva e emocional.

A maioria dos adolescentes tem consciência do constrangimento que causam aos pais no momento da revista, como já foi mencionado, pois, para os familiares entrarem no módulo precisam tirar toda a roupa, que é analisada pelos vigilantes da Unidade, contratados por uma empresa terceirizada. Após tirarem suas vestimentas, os visitantes têm que agachar algumas vezes – procedimento chamado pelos jovens de “*pagar canguru*” (sic) - realizado para evitar que materiais proibidos adentrem aos módulos, como celulares, isqueiros, entorpecentes etc. Diante de tal procedimento, alguns adolescentes pedem para que os pais não venham, ou até mesmo que os irmãos menores não passem por isso.

Os adolescentes que não recebem visitas passam toda tarde em seus quartos e ficam preocupados pela possibilidade de ter acontecido algo de ruim aos familiares ou se sentem esquecidos e abandonados (“*entendo que eles tá desfazendo memo de mim e não quer saber de mim*”).

- **Restrições e Desejos**

A subcategoria “Restrições e Desejos” engloba as restrições percebidas pelos adolescentes internos durante o cumprimento da medida socioeducativa.

- | | |
|--------------------|--|
| 1- Jacinto | <i>[...] não posso sair daqui, não posso comer um x-tudo. Tô na maior vontade de comer um x-tudo. Tô com vontade de várias coisas do mundão. Até fruta! [...].</i> |
| 2 – Renato | <i>[...] mexer com droga, é... desrespeitar funcionário, funcionária [...].</i> |
| 3 – Antonio | <i>[...] eu não tenho a mesma liberdade que tá em casa, tem que tomar banho a hora que os outro fala, dormir a hora que outros fala [...] eu acho que chega até a virar um bichinho de estimação dos outros [...].</i> |
| 4 – Luis | <i>[...] andar sem a mão pra trás, não posso descumprir uma regra, tenho que fazer as coisa certo, senão... a gente escuta. As vez, dependendo da situação vai pra tranca e</i> |

tal. Não tem uma liberdade de conversar o que eu quero, não posso cantar uma música que eu quero. Só isso senhora [...].

- 5 – Leonardo** *[...] fazer as coisa que eu quero, na hora que eu quero, comer na hora que eu quero... Tem que comer na hora que tiver fome... Tomar banho na hora que eu quero [...].*
- 6 – Jorge** *[...] não posso fazer? Roubar [...].*
- 7 - Anderson** *[...] tem várias coisas que não tem nada a ver. Eles falam que não pode ser feito e tal, sendo que não tem nada a ver, não tem nada de mais [...] o que que custa ter todo dia carta? Porque tem pessoas tal que a única forma de entrar em contato é pela carta. Escreve um dia só da semana [...] tipo assim, chinelo, tipo, não poderia ser as nossas roupas mesmo? Qualquer tipo de chinelo... não tem nada a ver. Você não tá fazendo nada de errado mais [...] tem hora do cigarro tal... um viciado em cigarro, aqui não tem como! Vai piorar a situação mais dele. Vai ficar mais revoltado [...] andar com a camisa pra fora também, andar com os braço livre... eu não vejo nada a ver nisso aí [...] dependendo da situação não posso nem expor sentimento... uma carta que você vai escrever, dependendo da palavra que você por, já não passa [...].*
- 8 - Alison** *[...] tudo o que eu não posso fazer. Não faz nada aqui. Não pode fazer uma coisa que tá chamando a atenção. Vou fazer uma coisa, funcionário fica chamando a atenção, vem o outro e chama mão pra trás [...].*
- 9 - José** *[...] Não posso sair, não posso ficar com meu sobrinho, não posso ficar com a minha sobrinha, não posso namorar direito [...].*
- 10 - Rafael** *[...] nossa tem muitas coisas... Não posso sair no momento [...].*

As marcas discursivas dessa subcategoria dizem respeito às situações que restringem o que o adolescente pode fazer. Por exemplo: não é permitida a utilização de entorpecentes dentro da unidade, bem como desrespeitar os funcionários.

Os jovens mencionam, também, a falta de liberdade para fazerem o que têm vontade, como cantar e dizer o que quiserem, bem como a obrigação no cumprimento de regras e horários, representando a si mesmos como se fossem animais de estimação. Em caso de descumprimento das normas, os jovens referem que são repreendidos pelos funcionários.

Ao serem arguidos a respeito das restrições vivenciadas pela internação, os adolescentes fazem referências aos seus desejos: “x-tudo”, fruta, corresponder-se com familiares diariamente, usar suas próprias roupas. E, diante dessas restrições, mencionam o sentimento de revolta.

Conforme Vedovello (2008, p. 152) “os presos respeitam as normas e a disciplina imposta pelo temor de serem transferidos de unidade”, mas no caso dos adolescentes o respeito é obtido por meio da coerção e sentimentos de medo de irem para a “tranca” no módulo III.

Apesar das atividades oferecidas, muitos jovens as criticam por serem as mesmas todos os dias, por terem que cumprir horários e também por não poderem fazer o que bem entendem. Tais críticas demonstram que antes de receberem a medida de internação não tinham o hábito de cumprir horários, indicando também falta de disciplina – o que gera problemas para o desenvolvimento adequado de crianças e adolescentes. Um dos jovens até se compara a um animal de estimação, demonstrando como se sente por ter que cumprir regras e horários pré-estabelecidos. O paradigma de funcionamento de modo análogo a uma prisão de não permitir a individualidade e a singularidade favorece a “mortificação do eu”, como afirma Goffman.

2.3.11 Percepção de figuras de autoridade

Aqui virão à tona às opiniões que os adolescentes internos formulam com relação às figuras de poder. Essa categoria subdivide-se em instituição policial e instituição judicial.

• Instituição Policial

- 1- Jacinto** *[...] se não houvesse polícia, também... muito da violência ia acabar [...] polícia tira a vida de muitos ali. Igual aquele grupo de extermínio [...] nós pode tá indo lá, matando, falando que tava armado, que a pessoa tava armada, joga uma arma na mão dela e não tava nada [...] eles mostra uma face pra sociedade, mas vai ver não é nada disso [...].*
- 2 – Renato** *[...] gente trabalhador né, senhora. Eles tão fazendo o serviço deles [...].*
- 3 – Antonio** *[...] olho a polícia com mal olhos [...] as vez se tá de boa, eles já forja ocê e cê não tem nada. Daí já não se dou muito bem com eles não [...].*
- 4 – Luis** *[...] são covarde, né. Pra mim não... Eles abusa né do poder deles. Polícia é pior que bandido, muito mais suja que nós [...] eles mata e não tá nem aí. Mata sua família... Eles vêm, te forja ocê, às vez cê com nada, eles vem te põe droga nocê. Te prende, te deixa lá, um monte de tempo lá. Então, eu quero é distância deles [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] se eles fizesse o trabalho deles, seria uma coisa, mas quem é nós pra julgar... Quem é o homem pra julgar outro homem...? Do jeito que eles te humilha [...] quando eu fui preso eu apanhei bastante [...] eles foi querer saber de umas coisa... Mas não pode falar, né dona. Porque eu prefiro morrer na mão deles, do que*

morrer aqui dentro dum lugar desses [...] senhor, não posso falar, eu prezo pela minha vida. Aí, eu era humilhado, esculachado mesmo [...].

- 6 – Jorge** *[...] eu acho errado. Qualquer fitinha senhora, você pode ser o cara ou pode não ser, você tá na rua, eles põe a mão no cê. Já apanhei muito e não tinha nada a ver aí, na rua, indo pro serviço. Já apanhei demais. Eu trabalhava tarde, 5, 4 hora da manhã. Aí, eles pegava eu na rua, indo trabalhar. Aí, depois levava eu pra delegacia e minha mãe tinha que ir buscar eu. Eu falava que tava trabalhando e eles não acreditava ni mim [...].*
- 7 - Anderson** *[...] oportunista, tudo safado. Porque às vez cê tá ali, ele tá com bronca de você, e sem você devê nada, vai colocá droga no teu bolso. Por exemplo, chega na favela matando todo mundo, dando tiro pra lá e pra cá e não qué nem saber [...] eles é tudo policial corrupto tal. Pra mim, eles é tudo verme [...].*
- 8 - Alison** *[...] saí quente dela. É muito ruim. Saí quente dela. É muito mal. Tenho alergia dela [...] só qué deixá os outro preso [...].*
- 9 - José** *[...] destruindo família, porque tem vez que eles não vai com a sua cara ali, independente que a pessoa é trabalhadora ou não é [...] você mesmo acaba chamando a polícia ali de uma hora pra outra. Você esquenta a mente ali, porque eles fala um negócio pro cê e cê não concorda, eles já é capaz de te matar ocê. Eu penso isso: destruidor de lar [...].*
- 10 - Rafael** *[...] eles faz o trabalho deles, mas eles é injusto às vezes: bate, isso daí não é certo; forja as pessoas. Às vezes tem menino que sai da FEBEM e que cai num B.O. grave, aí chega lá fora, eles acha que o menino não pagou e precisa de pagar e forja eles pra eles ir pra cadeia [...] coloca droga, às vezes alguém morre, eles vai lá e forja um homicídio na pessoa [...].*

Aqui, os adolescentes relatam o desrespeito, a tortura e a corrupção praticada pela instituição policial, demonstrando uma inversão de papéis, em que os adolescentes passam do papel de infratores para o papel de vítimas.

Apenas um jovem menciona que os policiais são trabalhadores, que realizam o serviço que lhes foi atribuído. Porém, essa instituição é representada, pela maioria, como produtora de violência, como se os policiais abusassem do poder, fossem fraudulentos, agindo com agressões físicas injustamente, além de forjarem situações inexistentes, como: a atribuição de um homicídio ou colocação de entorpecentes na posse de pessoas que nada têm a ver com as situações. Referem desejo de se manterem distantes dos mesmos.

Aranzedo e Souza (2007) afirmam que a violência cometida por policiais contraria os preceitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que visam garantir a integridade psicológica e física dos adolescentes. Kodato e Silva (2000) apontam relatos de espancamentos e abusos sofridos pelos adolescentes quando detidos por policiais. Esses autores afirmam, ainda, que esses atos violentos são dificilmente denunciados, devido ao medo de novas agressões ou injustiças, sedimentando, a partir de então, o ressentimento, o

ódio e a crença de que a polícia seja pior que o bandido. A instituição policial é representada como uma inimiga a ser evitada.

- **Instituição Judicial**

- 1- Jacinto** *[...] não é juiz que vai tá mandando embora. É Deus, né. Na hora que ele vê que é a hora... Porque deus é o juiz. Aquele que tá lá fora é apenas um homem [...].*
- 2 – Renato** *[...] serviço dele também [...] você vai preso lá, aí você tem que demonstrar melhora até o juiz te liberar de novo [...].*
- 3 – Antonio** *[...] juiz é só um homem, pra mim ele pode julgar as pessoas na lei dele, mas pra mim quem pode julgar as pessoas é só Deus [...] tem uns mano que vem preso e tava até trabalhando, tava até sossegado... Depois vem uma busca aí... Os mano tava até com fio aí, pensando num jeito melhor pra eles aí... Só porque eles vêm preso, são tratado que nem gente que tava no crime [...].*
- 4 – Luis** *[...] o papel dele é esse mesmo né senhora. Dá o tempo certo, ele vê como que nós tá aqui dentro, se nós tá preparado que vocês que estudou pra isso, sabe o jeito que nós tá, como nós tá, da maneira de nós conversa [...] eu acho que na decisão dele, ele não acha, ele tem certeza. Então, quando ele toma a decisão dele é a certa. Então, eu não vejo ele como uma má pessoa não [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] nem mesmo pela pessoa, porque eu nem conheço quem que é a pessoa dele, mas pelo cargo dele. Quem é o homem pra julgar outro homem? [...] tem menino que vem preso forjado, que não roubava uma bala no mundão. Tipo igual nós, que era terrível no mundão, fica o mesmo tempo que nós. Tipo, tem umas injustiça [...].*
- 6 – Jorge** *[...] essa fita eu não entendo não. Pra mim é errado também senhora. Porque é ele também que julga os menor né. Um homem não pode julgar o outro. Só Deus que pode, né senhora [...].*
- 7 - Anderson** *[...] ele nem analisa certas situação [...] tem menino com tempo de ir embora, ele já assina e nem lê. Chega muito papel pra ele e ele lê tal. É raramente ele vem na unidade tal, perguntar... pra saber como é que tá, tal se tá precisando de alguma coisa pra melhora [...] o que passa pra ele é de um jeito e ele vindo aqui, vai ver que é totalmente diferente [...].*
- 8 - Alison** *[...] ele tem que sortá nós. Tem que sê mais light. Tem que sortá todo mundo. Na minha opinião nem cadeia tinha [...].*
- 9 - José** *[...] não podia condenar ninguém não né. Porque esse negócio aí não vira não. Não vejo nada nele não [...].*
- 10 - Rafael** *[...] eu não gosto da profissão de juiz, nem de promotor, porque eu acho que a única pessoa que pode julgar nós é Deus. Mas o juiz é um cara que tá pra avaliar nós e vê se nós tá preparado... Bom pra voltar pra sociedade [...] às vezes ele toma umas decisões injustas [...].*

As marcas discursivas dessa subcategoria apontam o distanciamento da instituição judicial da instituição de internamento. Os adolescentes mencionam as injustiças cometidas em determinadas sentenças por tratar os que cometeram um ato infracional há muito tempo, alteraram seu estilo de vida, voltando a estudar e se inserirem no mercado de trabalho e são novamente internados, tratados igualmente aos jovens com atos ilícitos graves, envolvidos na prática infracional.

Ao se tratar de injustiças, os jovens relatam que algumas vezes acreditam que há adolescentes preparados para a desinternação e recebem o prosseguimento da medida, ou ainda, que há adolescentes internados por terem sido “*forjados*” (sic), mas permanecem internados o mesmo período dos que cometeram uma infração grave.

Almeida (2004, p. 37) afirma que apesar da lei existir visando à garantia ao adolescente do direito de se defender e ser escutado, “ainda é muito discreto o movimento dos profissionais dispostos a escutá-los falar sobre suas trajetórias de vida durante as audiências judiciais. Os jovens continuam sendo “réus confessos” antes, durante e após as audiências”.

Mesmo com esses relatos de injustiças, alguns jovens têm consciência de parte do trabalho realizado pelo juiz, que é avaliar os adolescentes com o auxílio do setor técnico da Unidade e, a partir daí, decidir se estão preparados para receberem a desinternação. Um dos adolescentes sugere que o juiz se aproxime e vá mais à unidade para conhecer melhor essa realidade, para que se cometam menos injustiças: “[...] *o que passa pra ele é de um jeito e ele vindo aqui, vai ver que é totalmente diferente*” (sic).

Tais fatos demonstram que os adolescentes têm consciência do que é justiça e constroem critérios para serem internados e desinternados, bem como relatam as injustiças que sofrem por parte dos policiais, da instituição e do poder judiciário.

Acreditam que um homem não possui condições morais para julgar outro homem, direcionando esse poder apenas a Deus, embora refiram que o trabalho do juiz é avaliar os jovens a fim de verificar se estão preparados para retomar a vida em sociedade. Assim, os adolescentes representam a justiça como algo divino, mas não reconhecem a instituição judicial.

Enquanto um jovem afirma que o juiz não pode condenar as pessoas, outro refere que todos eles deveriam ser soltos. E é quase que uma unanimidade entre os adolescentes dizer que o juiz é apenas um ser humano e, assim sendo, não tem o direito de julgar outro ser humano, pois conferem esse poder apenas a Deus. Em contato com as cartas escritas pelos

adolescentes, foi observado que os adolescentes associaram as falas da entrevista, do tipo “[...] juiz é só um homem, pra mim ele pode julgar as pessoas na lei dele, mas pra mim quem pode julgar as pessoas é só Deus [...]” (sic), com uma letra de rap denominada “Vida Loka – Parte II”, do grupo Racionais MC’s, que menciona “[...] Quente é mil grau/ O que o guerreiro diz/ O promotor é só um homem, Deus é o juiz [...]”.

Conforme Contier (2005), esse grupo musical discute em suas músicas os problemas sociais vivenciados pelos excluídos da sociedade, como o racismo, protestos contra o governo, violência policial, tráfico e uso de entorpecentes, cadeia, entre outros assuntos relacionados a esses e, por essa razão, os adolescentes se identificam com tal estilo musical, derivado da cultura hip-hop e, em especial, com esse grupo.

2.3.12 Percepção sobre a Fundação CASA

A categoria “Percepção sobre a Fundação CASA” refere-se às marcas discursivas correspondentes à maneira como os internos percebem a instituição.

- 1- Jacinto** *[...] eu entrei aqui, sem saber quase nada... Quase nada comparado do que hoje eu sei [...] sobre novas palavras, saber conversar melhor, aqui a gente tem tempo pra tá correndo atrás do conhecimento [...] entrei aqui, eu não sabia conversar. Agora, várias atitudes que eu tomo, antes de eu tomar, eu já sei a consequência [...].*
- 2 – Renato** *[...] aqui eu aprendi ler, escrever uns negócio assim, jogar esporte, que eu não jogava, eu entrei no karatê [...].*
- 3 – Antonio** *[...] é só um momento que eu vou passar, porque é passageiro, é um momento passageiro, daqui uns dia, eu tô indo embora [...] não é um bicho de 7 cabeça não isso daqui pra mim, se for vê é que nem um acampamento. Porque você conhece pessoa, conhece gente, passa uma temporada aí de 1 ano, 9 mês se vai embora [...].*
- 4 – Luis** *[...] tá ajudando bastante né, mas eu não queria tá aqui. Mas já que tô, vamo refletir. Pensa pra nós saí e mudá né, lá fora [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] isso aqui pra mim é um acampamento. Tô aqui tirando férias. Mas vou sair daqui com outra mente. Tipo, igual roubar, vender droga... Isso aí, não quero mais não. Eu fico sentindo falta da minha família [...] minha avó já é velhinha, já. E ela não agüenta mais me ver. Por causa disso também, que eu escolhi outra coisa pra mim também. Não quero isso aí. Tô de boa [...].*
- 6 – Jorge** *[...] pra mim senhora, não podia existir, pra mim. Nosso corre é no mundão [...] pra mim não tinha que existir nem FEBEM e nem cadeia [...].*

- 7 - Anderson** *[...] tem as parte boa e tem as parte ruim. A parte de professor tal... agora, a parte ruim é os funcionário que num procura entender. Na parte boa também, tem alimentação sempre, tem como fala? Nutricionista tal tudo certinho. Remédio, tal, medicação tudo. Nunca farta nada. Todas as vacina cê já toma. E no mundão às vezes cê nem tinha tempo pra isso [...].*
- 8 - Alison** *[...] não tem que ter. Menor não podia vir preso [...] tinha que ficá sorto [...] nós não é bicho pra ficá preso [...].*
- 9 - José** *[...] eu acho ela ruim. Não pode fazer várias coisas que cê tem vontade de fazer [...] tem algumas coisa boa, tem. Panificação, computação, é negócio de tirar foto aí agora, tem trabalho, tapete, tem umas coisa boa aqui [...].*
- 10 - Rafael** *[...] um lugar que tá pra educar nós, reeducar [...].*

As marcas discursivas mostram que os jovens representam a instituição de maneira ambivalente, no sentido de que sua permanência na Fundação lhes proporcionou aprendizados relativos à comunicação verbal, à leitura, à prática desportiva, bem como refletirem sobre as consequências, antes de tomar uma atitude violenta. Todavia, eles mencionam que a instituição não deveria existir, pois se sentem como animais presos em jaulas, incompreendidos pela equipe funcional da unidade.

Em alguns momentos, os adolescentes representam a Fundação CASA como um acampamento, onde conhecem pessoas novas - um lugar transitório por passarem um período de suas vidas que sabem que será passageiro. Dizem ser uma pausa para refletir e organizar seus planos prospectivos, quando da desinternação.

Os adolescentes apontam também como fatores positivos a possibilidade de terem medicação, quando necessário, alimentação adequada e vacinação, uma vez que afirmam que antes de receberem a internação, não tinham “*tempo para isso*” (sic).

Muitos adolescentes internos chegam à unidade em séries avançadas do Ensino Fundamental sem ao menos estarem alfabetizados e durante o período que permanecem internados, aprendem a ler, escrever e sentem-se orgulhosos, aumentando, assim, sua auto-estima. Jacinto relata que aprendeu a conversar melhor, usar novas palavras, apesar de demonstrar certa ansiedade enquanto fala, consegue expor o que pensa e passou a refletir sobre as consequências de suas atitudes. As menções aos conteúdos e às atividades aprendidas mostram que a vertente educativa começa a ser reconhecida e representada.

2.3.13 Reflexões e alterações de crenças e comportamentos

Esta categoria inclui referências às alterações ou à permanência de crenças, comportamentos e percepções, durante o cumprimento da medida de internação. Dividida em três subcategorias, são elas: “Alteração com relação à escola”, “Alteração com relação ao trabalho” e “Alteração no Relacionamento Interpessoal”.

- **Alteração com relação à escola**

A subcategoria “Alteração com relação à escola” diz respeito se houve ou não alteração de crenças e percepções com relação à escola, a partir do período de internação do adolescente.

- 1- Jacinto** *[...] aqui dentro a escola é até um passatempo, acho até bom. Mas não sei se lá fora eu diria a mesma coisa [...] não vou ficar perdendo tempo com escola não. Tem que... Tipo dá uma estrutura pra minha vida [...].*
- 2 – Renato** *[...] hoje, eu sei ler um pouco [...] eu sei mais ler, do que escrever [...] antes, eu não pensava em estudar, agora, assim que eu sair, eu já vou atrás de um estudo [...].*
- 3 – Antonio** *[...] penso em terminar o estudo só. Vai que um dia eu preciso dele [...].*
- 4 – Luis** *[...] não gosto memo. Ninguém vai tirar isso da minha cabeça. Mas já que eu tô aqui, eu vou terminar, né. Aproveitar a chance de terminar e sair daqui concluído já. Fica mais fácil pra arrumar um serviço, quando sair lá fora [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] tinha coisa que eu sabia mais ou menos sabe, mas aí, eu fui aprofundar mais estudando aqui dentro [...] poucas pessoa dentro da sala, dá mais atenção tá dirigida mais pra você mesmo, qualquer hora que você levantar a mão e fazer pergunta, ela vai ter resposta pra te dar. No mundão não... Não, mundão é mais gente... É menina que já tá dentro e você não quer prestar atenção na aula, você quer trocar idéia com seu colega [...] aprende mais. Lá no mundão não [...].*
- 6 – Jorge** *[...] mudou sim, porque aqui eu aprendi mais, senhora. Porque na escola, senhora, eu não fazia nada, aqui eu faço [...].*
- 7 - Anderson** *[...] na escola eu não fazia nada e tal. Aqui já... uma que é obrigada também, mas agora eu já entendo isso, que é melhor pra mim [...] aprendi mais as coisa aqui também. Nessa parte de escola que nem, aqui, no mundão, se o professor tá lá no meio, não dá pra explicar. Agora aqui, aqui é pouco, aí ela explica, você entende certim [...] por ser pouca gente, o professor ensina mais e porque o povo aqui tem*

mais interesse também. Aqui eu tenho interesse de querer melhorar minha letra, e querer aprender também [...] se eu tivesse feito isso e tal eu não taria aqui. Como é tarde, agora então, não tem como vortá atrás, mas tem como fazer daqui pra frente ser melhor [...].

8 - Alison *[...] fui pegar pra estudar bem aqui, só aqui na FEBEM mesmo [...] as nota que eu nunca tirei no mundão, aqui eu tô tirano tudo. Aprendi muita coisa de escola, não sabia muito lê, agora sei lê, sei escrevê, sei fazê um monte de coisa [...] só sabia juntá as palavra [...].*

9 - José *[...] agora minha mente só tá pra mim poder aprender ler e escrever, pra mim poder tirar minha carta. Pra depois mais pra frente, piquei você vai assinar um B.O., você ler o B.O., pra depois você acabar não se prejudicando [...].*

10 - Rafael *[...] meu objetivo era o que eu tava fazendo: vender droga, roubá e agora eu vejo que isso daí é sem futuro. Não tem uma saída a não ser cadeia. Aqui dentro eu tenho outra visão já [...] eu aprendi muito, pra agora tentar ser alguém [...]*

Os jovens referem que, durante o período de internação, aprenderam mais do que quando frequentavam a escola regular e participaram das atividades propostas. Alguns foram alfabetizados, devido ao número menor de alunos em sala de aula, bem como maior atenção por parte do professor. Relatam que estão mais interessados no aprendizado, em busca de um estilo de vida e um trabalho melhor.

A representação da importância da vida escolar é ambivalente, pois alguns adolescentes aprendem a ler e a escrever dentro da unidade, fazendo com que se sintam motivados a dar continuidade nos estudos, após a desinternação. No entanto, alguns ainda veem na escola algo positivo por agilizar o tempo na instituição, mas consideram uma perda de tempo, quando da desinternação.

Kodato e Silva (2000), ao realizarem uma análise institucional da antiga FEBEM – SP, apontaram que era optativo o período escolar para os adolescentes e que este tinha duração de 50 minutos. Atualmente, a participação dos jovens no ensino formal é obrigatória, com 32 horas/aula por semana, o que vem motivando os jovens a darem continuidade após a desinternação, sendo o período escolar caracterizado pelos internos como um dos fatores positivos oferecidos pela instituição.

A escola, dentro da instituição de internamento, possui um pequeno número de alunos por classe, o que é representado por vários adolescentes como um facilitador para o aprendizado, sendo que mencionam haver maior atenção por parte do professor, visando a sanar as dúvidas dos alunos, bem como maior interesse pelo aprendizado por parte dos jovens.

Conforme a superintendente pedagógica da Fundação, Aparecida Soares¹⁶, há uma modalidade alternativa de educação, que desde julho de 2005 é aplicada junto aos adolescentes da Febem-SP, denominada Projeto de Reorganização da Trajetória Escolar (PRTE), desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação, no qual é analisada a última série cursada pelo adolescente antes de sua entrada na Fundação Casa e, a partir daí, ele é encaminhado para um dos três níveis previstos nessa proposta pedagógica: Nível I (1ª a 4ª série do Ensino Fundamental), Nível II (5ª a 8ª série do Ensino Fundamental), e Nível III (1ª a 3ª ano do Ensino Médio). Aparecida Soares relata, ainda, que o programa contribui para o interesse pelo estudo e resgate da auto-estima, possibilitando uma diminuição da defasagem entre a idade dos adolescentes e a série em que estão matriculados.

- **Alteração com relação ao trabalho**

Essa subcategoria faz referências se houve ou não alteração de crenças e percepções com relação ao trabalho, a partir do período de internação do adolescente.

- 1- Jacinto** *[...] o que eles ganha num mês, eu ganho num dia [...] já vi muitos trabalhador aí que tem casa, moto, carro, família, entendeu? E eu até hoje não consegui o que eles têm [...] trabalhando, poderia tipo... Seria um dinheiro suado e eu taria dando mais valor né, ao dinheiro que eu tenho em mãos [...].*
- 2 – Renato** *[...] fica aqui onde que eu tô, fica preso longe da família, não compensa mais não. Melhor arrumar um serviço e ficar de boa [...] antes eu só pensava em vender droga. Agora não, agora eu vou trabalhar memo [...].*
- 3 – Antonio** *[...] no começo eu acho que eu vou ter que trabalhar, pra minha mãe parar de pegar no meu pé [...] se não for um trabalho bom, eu não vou trabalhar não [...] quem sabe fazer uma faculdade boa e trabalhar [...].*
- 4 – Luis** *[...] agora eu quero trabalhar né senhora. Antes eu, tipo, não ligava muito não. Mas agora eu quero trabalhar [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] Não.*
- 6 – Jorge** *[...] mudou nada [...].*
- 7 - Anderson** *[...] as vez até eu penso em saí, trabalhar, mas no mesmo momento já vem: não, não quero trabalhar não. Quero continua vendendo droga memo [...]*

¹⁶ Retirado de: <http://www.febem.sp.gov.br/site/noticias.php?cod=315/>. Acesso: 21/04/2009.

- 8 - Alison** *[...] antes eu trabalhava, mas não mudou muito não [...].*
- 9 - José** *[...] agora eu penso em sair daqui e ir trabaiá. Ficar de boa [...].*
- 10 - Rafael** *[...] eu achava que não tinha capacidade de entrar num serviço fixo, pra mim me manter, eu e minha família. Agora eu acho que já tô preparado pra entrar num serviço, poder ajudar minha família [...].*

Alguns adolescentes dizem que já exerciam atividade laboral no período anterior à internação e nada mudou com relação ao que pensam atualmente sobre trabalho. Um jovem menciona que decidirá, quando de sua desinternação, se procurará um trabalho.

No entanto, as marcas discursivas demonstram: a valorização da obtenção de recurso financeiro, quando este vem através do trabalho; a crença de incapacidade para obtenção de emprego fixo, anteriormente a internação; desejo de serem inseridos no mercado de trabalho; e por meio do estudo obter um bom emprego.

Percebe-se também uma oscilação entre manter um estilo de vida pautado na prática ilícita e ser inserido no mercado de trabalho. Com isso, a representação dos adolescentes relativa ao trabalho, quando da desinternação, é ambígua e paradoxal.

Os adolescentes têm consciência que trabalhando legalmente poderão permanecer próximos da família, ter liberdade e darão mais valor ao dinheiro, uma vez que a grande quantidade de dinheiro que ganhavam com o ato infracional era rapidamente gasta com roupas, tênis, bares e mais entorpecentes: “[...] já vi muitos trabalhador aí que tem casa, moto, carro, família, entendeu? E eu até hoje não consegui o que eles têm [...]” (sic).

Rafael menciona que acreditava não ter capacidade de ter um trabalho fixo, pois a maioria dos jovens, que trabalhavam antes da internação, eram empregados temporários ou realizavam “bicos”. Após as experiências de aprendizado na instituição de internamento, o jovem acredita que poderá se inserir no mercado de trabalho e garantir a sua subsistência e a de sua família. Tal fato demonstra que esse adolescente tinha a representação de si como um incapaz e a instituição, então, representa o lugar que lhe dá poder e autoconfiança de que pode conseguir um bom emprego.

- **Alteração no relacionamento interpessoal**

Essa subcategoria diz respeito se houve ou não alteração no relacionamento interpessoal dos internos, a partir do período de internação.

- 1- Jacinto** *[...] se eu falar alguma palavra que eu não devo ou uma palavra na arrogância com alguém, vão chegar e chamar minha atenção. Por isso tem que conversar da maneira certa [...] eu falava um montão pra pessoa. Às vezes era até eu que tava errado e nem enxergava isso [...].*
- 2 – Renato** *[...] eu era mais esquentado. Acontecia um negócio, eu já ficava chapado. Agora eu falo, tem hora que eu nem ligo [...].*
- 3 – Antonio** *[...] aqui é um lugar que cê tem que ter mais paciência né. Porque no mundão eu era muito arrogante, qualquer coisinha, eu já xingava. Mudou um pouco sim. Agora eu tenho mais paciência, sei escutar as pessoa [...].*
- 4 – Luis** *[...] Tô vendo que eles é a única pessoa que até agora no momento me ajuda... Minha irmã... Porque os outro mesmo que dizia que era meu amigo, dizia que tava sempre do meu lado me esqueceu [...] tá normal... Converso... Tá normal pra mim [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] mudou bastante. Tipo ser mais humilde com as pessoas, saber relevar muitas coisas, mesmo cê certo, se a pessoa tiver de cabeça quente e já tiver errado, saber abaixar a cabeça, depois conversar na hora certa... Tipo, não ser cabeça dura nas coisas [...].*
- 6 – Jorge** *[...] não. O que eu sou aqui, eu sou lá fora, senhora [...] sou de boa, senhora. Dou respeito pra ser respeitado [...].*
- 7 - Anderson** *[...] no mundão se uma pessoa viesse falar comigo, eu não queria nem conversa, eu já brigava, tentava matar. Agora aqui dentro não. Quando tem qualquer coisa, tem que tá sentando, conversando... tentando amenizar a coisa na idéia ali, não na agressão tal [...] às vezes no mundão não tem como cê conversar. Às vezes você tá querendo conversar e a outra pessoa não tá com pensamento querendo conversar. Aí às vezes conversa e se não der conversa saio andando e viro as costa [...].*
- 8 - Alison** *[...] eu penso a mesma coisa. Converso de boa [...].*
- 9 - José** *[...] antes eu era muito arrogante, agora eu sei conversar com as pessoas [...].*
- 10 - Rafael** *[...] mudei minhas atitude um pouco. Eu era meio... Não gostava de ouvir, cabeça dura. A senhora viu o jeito que eu cheguei e como eu era. Falava demais, tinha mania de achar que eu tava sempre certo. Agora, não. Agora, eu aprendi a ouvir, abaixar minha cabeça quando eu tiver errado e ser um pouquinho mais educado [...].*

As marcas discursivas referem que os jovens que já mantinham um bom relacionamento no período anterior à internação, permaneceram agindo da mesma forma. A maioria deles afirma que com a internação aprendeu a ter humildade para assumir os erros, ser

mais educado, escutar e compreender o outro, saber o melhor momento para conversar, ser paciente e saber ignorar determinadas situações.

Os adolescentes representam o período em que estão cumprindo a medida socioeducativa como positivo, pois esse momento os auxiliou a melhorar o modo de se relacionarem com as outras pessoas e, até mesmo, de ser e agir em situações de conflito. Contam que no período anterior a internação, consideravam-se “arrogante”(s), “esquentado”(s), não gostavam de ouvir o outro e acreditavam estar certos em todas as situações. André chega a relatar que sempre brigava, não queria conversa e logo “tentava matar” (sic).

Atualmente, representam-se como mais humildes, educados, pacientes; aprenderam a ouvir o outro e a reconhecer quando estão errados; procuram resolver conflitos através do diálogo, com respeito e no momento certo, aguardando quando o outro ainda estiver nervoso com a situação; e também procuram relevar determinadas situações.

No entanto, vale ressaltar a zona muda das representações sociais, uma vez que a pesquisadora é também funcionária da instituição e, com isso, os adolescentes podem responder às questões da pesquisa de acordo com o que se espera deles.

2.3.14 Modificações na Instituição

A categoria “Modificações na Instituição” engloba as alterações que os adolescentes privados de liberdade fariam nas regras e normas estabelecidas pela instituição.

- 1- Jacinto** *[...] meu relatório mesmo ficou 2 meses lá em cima, que é um absurdo. Muitos menor acabam sendo prejudicado com essa nova lei aí. Não é só eu, são todos menor [...].*
- 2 – Renato** *[...] do jeito que tá, eu nunca tive nenhum problema. Assim tá bom [...].*
- 3 – Antonio** *[...] no meu ponto de vista, tudo é bom, só não gosto de ficar andando com a camiseta pra dentro, mão pra trás, isso daí. Não tem o porquê [...].*
- 4 – Luis** *[...] do jeito que tá senhora, tá bom. Só esse negócio de mão pra trás senhora, que não tem nada a ver. Eu não sei qual é o motivo de ser desse jeito [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] ia ter visita íntima, ah porque... O negócio de ficar trancado... Que eu ia mudar é só a visita [...] bolasse um quarto ou um espaço, que cê ficasse só você e sua companheira e... Mas só isso que eu ia mudar [...] esse negócio de ficar pondo*

camiseta pra dentro, mão pra trás... Porque, qual é o porém de você andar de camiseta pra dentro a hora que você tá aqui e na hora do esporte você pode andar coma camiseta pra fora [...] e andar com a mão pra trás por causa de quê? [...] essas coisa de andar com a mão pra trás, camiseta pra dentro, eu acho que não tem sentido [...].

6 – Jorge *[...] esse baguio aí, senhora, de andar com a mão pra trás. Camisa pra dentro da bermuda. Isso aí não tem nada a ver não, senhora. Pedir licença, tem que passar na frente dos outros toda hora e pedir licença [...].*

7 - Anderson *[...] se você ficasse na internação tal e voltava pra sua casa e ficasse com a sua família tal, acho que seria melhor. Tipo assim, você fica aqui o dia inteiro, você fica o dia inteiro na sua casa tal, aí você vem aqui pra internação só pra dormir. Todos dia. Aí se ocê quebrá com isso, e deixa de vir um dia, aí já solta... tipo tem a aberta e a fechada. Se quebrasse a aberta, aí ia pra fechada [...] se tá perto da família tal, lá não vai se revoltar, ele vai castelar. Ele vai falar: vixe, é quente memo, minha família tá perto tal, vou se regenerar [...] os funcionário, procurar tá conversando com os adolescente também, o que tá precisando melhorar, porque é poucos que eu vejo chegar e falar assim: o que você tá precisando? [...] cada um tivesse as suas coisas tudo separado: suas toalha, suas roupa. Agora se cada um tivesse a sua, cada um ia zelar pela sua [...] mais atividade tal... mais uns lazer. Sempre tá fazendo uma atividade diferenciada. Teatro por exemplo, vir alguém e dá uma palestra que interessa a nós, tal. Falar por exemplo, tipo drogas, sobre as DST/HIV tal. Isso aí interessa pra todo mundo. E tem gente que nem sabe disso. Tipo as consequência que o cigarro pode ter, dar pra nós, da droga também. As consequência de você roubar aí, o que vai tá acontecendo [...] sempre tá mudando, tipo fazendo umas gincana [...].*

8 - Alison *[...] mudaria tudo [...] não ia prendê ninguém não. Era tudo liberado... Os muleque tudo solto [...] os muleque tudo a vontade, solto. Não precisava ficá na formação, nada [...].*

9 - José *[...] eu ia pô roupa do mundão, visita íntima, que mais... só isso aí só [...].*

10 - Rafael *[...] pelo menos no meu ponto de vista tá bom. Não mudaria nada, porque eles já oferece bastante perto de outras unidade. Tá ótimo [...].*

De modo geral, os adolescentes percebem a instituição de forma ambivalente, pois, inicialmente, referem que a instituição é boa da forma como é, mas, em seguida, relatam que fariam alterações, no que se refere aos prazos para encaminhamento de relatórios para a instituição judicial, andar com as mãos para trás e a camiseta para dentro da bermuda, pois não entendem o significado dessa norma.

Outras modificações que deveriam ocorrer na instituição citadas pelos jovens foram: a melhora do diálogo com alguns funcionários, para que estes soubessem o que realmente os jovens precisam, bem como permissão para visita íntima, uso de roupas pessoais e cada adolescente ter o seu pertence separado dos demais.

Nesses dois últimos itens pode-se perceber que os jovens não veem sentido em tal procedimento, pois nunca lhes foi explicado o motivo pelo qual eles têm que seguir tais regras, relacionadas à segurança - a camiseta deve ficar para dentro do short para facilitar a visualização da equipe de segurança, caso o adolescente esconda algum objeto dentro da roupa e as mãos para trás é obrigatório para dificultar uma agressão brusca da parte do adolescente, em caso de ficarem com as mãos livres.

Goffman (1961, p. 50) salienta que esse “estado de ordem”, relatado pelos adolescentes é um “conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado”. As normas supracitadas levam os jovens internos a uma posição submissa, sendo obrigados a dizer todas as vezes que passam na frente de um funcionário: “Licença, senhor”.

Quanto às visitas íntimas sugeridas pelos adolescentes, apesar de ainda não ter sido implementadas na unidade em que a presente pesquisa foi realizada, tal procedimento está contido no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SUBSECRETARIA DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (SPDCA/SEDH); CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA), 2006, p. 69), através da necessidade de:

garantir local adequado e reservado para a visita íntima dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa, assegurando sigilo e proteção da imagem dos adolescentes e, sobretudo, observando os pressupostos legais no que se refere à idade dos parceiros, consentimento por escrito dos pais ou responsáveis, garantindo e condicionando a participação dos envolvidos na prática da visita íntima bem como de seus familiares em atendimentos individuais e/ou em grupos referentes à: orientação sexual e reprodutiva, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS e outros temas pertinentes.

Um adolescente cita que deveria ocorrer mudança no prazo para o reenvio dos relatórios para o judiciário; que os funcionários deveriam escutar a opinião dos jovens para melhorias na instituição; que deveriam usar sua própria roupa; e participarem de atividades diferenciadas, tais como: teatro, gincanas e palestras sobre doenças sexualmente transmissíveis, drogas e consequências das atividades ilícitas.

2.3.15 Relacionamento Interpessoal na Instituição

- **Funcionários**

A categoria “Funcionários” volta-se para o relacionamento que os internos têm com os funcionários da Unidade, bem como o modo de tratamento entre ambas partes.

- 1- Jacinto** *[...] é até um relacionamento bom, mas as vez até um funcionário que eu tenho um relacionamento bom, acaba criando um desavença, discutindo [...].*
- 2 – Renato** *[...] são de boa, senhora [...].*
- 3 – Antonio** *[...] eu deixo mais eles pra lá e eu pra cá, porque querendo ou não, eles não vai entender nada da minha vida e eu não vou entender a deles também [...] tem uns que até entende o seu lado, mas têm outros que pensa que só porque você tá internado, você é bicho [...].*
- 4 – Luis** *[...] com alguns é bom, com outros é ruim, mas também nem converso [...] com alguns até dá uma descontraída, as vezes conversa ali, brinca, tipo no respeito certo, no limite certo, dá risada [...] eu converso com eles, passo às vezes algum problema que tá acontecendo comigo, sei que vai me ajudar né. Uma relação boa, sossegada [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] tem muitos lugar que os muleque fala que é opressão sabe, funcionário põe a mão, aqui eles resolve tudo na idéia... Tipo igual... Esses negócio de ficar andando com a mão pra trás, pedir licença... Não pode questionar com as coisas, às vezes cê não pode falar, porque cê vai tá questionando... Mesmo sendo certo tem que abaixar a cabeça... E as vez nós é cabeça dura e não quer abaixar a cabeça... Aí na onde que se prejudica ... O ritmo daqui é escutar mais e falar menos [...] tem funcionário que tá aí já há um tempo já, conhece como que é. Você troca uma idéia, ele sabe entender você. Tem respeito... É bom [...] mas tem uns funcionário, que eles é muito chato, não sei, parece que... Tipo já fala: “hoje é até 7 hora, enquanto eu não arrastar um é dia” [...] aqui é a maioria. Você pode contar no dedo quem é os chato [...].*
- 6 – Jorge** *[...] comigo senhora? Firmão, de boa, me respeita [...].*
- 7 - Anderson** *[...] as vez funcionário fala uma coisa pra nós, desrespeita nós ali, nós chega passa, tanto faz tanto fez. Ai nós faz um negocim simplisim assim, só fala um negocim nada a ver, sem querer desrespeitar o funcionário, ele entende como desrespeito, já toma a atitude dele tal [...] que nem na UIP (Unidade de Internação Provisória), você chega lá, cê apanha. Chega e apanha sem ter feito nada. Cê fez, já vai pagar por cê tá preso, não tem precisão de você ficar apanhando também. Por quê? Quanto mais bate, mais revortado vai sair. Vai sai e vai falar: “o que? Eu só apanhei lá, então agora o que eu fiz lá... o que fizeram comigo também, eu vou fazer pros outro. Aí sai mais pior [...] já puseram a mão ni mim tal quando eu cheguei, ou quando eu descí de tranca puseram a mão ni mim tal. Aí eu falei: pois a mão ni mim*

aqui. Eu não esqueci. Eles pode até esquecer em quem pois a mão. Eu não esqueci. Aí é na onde que tal... vai sair, aí acaba encontrando ele. Ta com revolve, aí é na onde que acaba matando[...] quando eu cheguei, eu não fiz nada, cheguei e apanhei. Prefiro ficá quieto, porque é ocê e 8 funcionário. Só ocê num adianta, você não tem como se defender [...] funcionário não. Só quer saber de criticar, cobrar regra, tal. Não quer nem saber seu lado, não quer nem entender seu lado. Às vezes você tá com problema familiar e eles não quer nem saber [...] não quero nem conversa não. É só o necessário memo, só falo o que precisa ali ou o que eles pergunta [...].

- 8 - Alison** *[...] tem uns que é chato, tem uns que não tem nada que reclamar não [...] eles tá no trampo deles, eu tô tirando minha caminhada. Tem uns que é sossegado, respeita... Primeira coisa é o respeito... Eu respeito todo mundo, pra recebê o respeito [...] é de boa, converso, de boa, troco idéia [...].*
- 9 - José** *[...] com alguns é bem senhora, mas tem uns que quer pagá de arrogante, depois nós acaba se entendendo aí, mas é poucos que queima idéia [...].*
- 10 - Rafael** *[...] hoje é bom [...] por causa de mim mesmo. Eu não tinha educação, aí tinha muita discussão, brigava... verbal. Só tava sendo prejudicado. Agora, eu dou o respeito e sou respeitado. Sou visto de outra maneira: um moleque legal [...].*

A representação do relacionamento interpessoal entre adolescentes e funcionários também é paradoxal, uma vez que as marcas discursivas apontam a existência de dois tipos de funcionários, de acordo com o modo como se relacionam com os jovens: em um grupo encontram-se os funcionários que mantêm um diálogo com os adolescentes, que os respeitam, compreendem e conseguem até mesmo criar um clima descontraído, dividindo seus problemas e estabelecendo uma relação de confiança; em outro grupo encontram-se os funcionários que os jovens consideram arrogantes, críticos, que não os respeitam e não os compreendem, sendo que um dos jovens citou que até sofreu violência física. Com esse último grupo os jovens preferem conversar apenas o necessário, a fim de evitar desavenças, pois apontam situações de demonstração de poder x inferioridade por estarem privados de liberdade, estabelecendo com estes uma relação de opressão e desigualdade. Antonio demonstra em sua fala a animalização do adolescente internado, mencionando a seguinte frase: “[...] tem uns que atende seu lado, mas têm outros que pensa que só porque você tá internado, você é bicho [...]” (sic).

No entanto, conforme a maioria dos adolescentes cita, as desavenças são resolvidas por meio da “ideia” (sic) e que precisam ser submissos, divergindo da representação que os jovens têm de outras unidades de internação, que ainda nos dias atuais, são permeadas por violência física.

O relacionamento entre os adolescentes e os “monitores”, que são profissionais responsáveis por garantir a segurança interna da instituição, locomoção interna e externa dos

adolescentes, atendimento das demandas dos internos, conforme as normas da instituição, são permeadas por tensão, conflito e ambiguidade (ASSIS, 1999).

Eduardo comenta que o relacionamento interpessoal com os funcionários consolida-se dependendo da maneira como os adolescentes comportam-se. Fala que ao chegar na instituição “[...] não tinha educação, aí tinha muita discussão, brigava... verbal [...]” (sic) e a partir do momento em que mudou seu comportamento, passou a ser respeitado e fortaleceu sua auto-estima, considerando-se uma pessoa “legal” (sic). Guirado (2004, p. 230) salienta que no “movimento mesmo de autopreservação, preservam-se as normas”, demonstrando que os adolescentes são obrigados a se submeterem ao cumprimento de normas, visando evitar conflitos, guardando, conforme esta autora, uma relação de controle e contenção com a clientela.

No caso supracitado, poder-se-ia citar a teoria da reciprocidade, porém, conforme o trabalho de Sabourin (2008), a reciprocidade implica uma preocupação pelo outro, para produzir valores positivos ou éticos. Já Eduardo refere-se mais ao conceito de troca, do referido autor, que diz respeito a utilização dos primeiros valores humanos, para se poupar da violência, tratando-se de uma relação de interesses, supondo uma reciprocidade mínima. Com isso, existe a possibilidade de facilmente confundir a troca com uma forma de reciprocidade, mas, na realidade, ao invés de se preocupar com o outro, que é caso desta forma, aquela procura a satisfação do interesse próprio.

Contudo a relação entre funcionários e adolescentes não é a mesma em todas as unidades. André menciona que chegou a ser agredido fisicamente quando entrou em outra unidade, demonstrando a existência de modelos de internação antiquados, que não respeitam o Estatuto da Criança e do Adolescente e o próprio jovem. Conforme Aranzedo e Souza (2007), o processo de socialização do adolescente estará fadado ao fracasso, enquanto se der ênfase ao aspecto coercitivo da medida privativa de liberdade.

Sabemos que existem diferenças entre as estratégias de atendimento em cada Unidade da FEBEM; práticas estas que se particularizam até pelas pessoas que ocupam determinados cargos na direção, no serviço técnico e de atendimento direto, ou se particularizam pela clientela atendida (GUIRADO, 2004, p. 234).

- **Pares**

A categoria “Pares” diz respeito ao relacionamento interpessoal que os adolescentes têm com seus pares, durante o cumprimento da medida de internação.

- 1- Jacinto** *[...] eu tenho uma coletividade com todos os meninos daqui, sem exceção [...] com alguns eu converso mais, com outros eu converso menos. Mas não é porque eu converso menos, que eu não tenho uma amizade com ele também [...].*
- 2 – Renato** *[...] normal também. Sossegado [...].*
- 3 – Antonio** *[...] tá todo mundo junto. Pra mim é normal. Um tem que entender o sofrimento do outro [...].*
- 4 – Luis** *[...] eu não converso com todo mundo. Converso mais com os meninos que ficam próximo de mim. Com os outros assim é difícil conversar, só se chegar mesmo. Porque eu não procuro também não, fico mais no meu canto, pensando lá fora [...]eu converso com todo mundo, não tenho raiva de ninguém. É sossegado também essa parte [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] é mais difícil adequar às normas, porque entre nós, nós mesmo resolve várias coisa, troca idéia... nós sabe o jeito que nós troca idéia um com o outro e tipo contorna a situação [...] é bom também [...].*
- 6 – Jorge** *[...] é tranqüilo também, de boa, senhora. Nunca briguei aqui não [...].*
- 7 - Anderson** *[...] às vezes tem um ali que só vai fazer coisa de errado memo, pra se prejudicar memo e não tá nem vendo pros outros. Os outros tá fazendo tudo certinho pra não se prejudicar tal, e acaba se prejudicando por causa deles [...] é um dependendo do outro. Se eu querer arrumar problema e se acontecer alguma coisa comigo, eu não vou poder contar com ninguém [...] tá sempre demonstrando o bem pra todo mundo, eles vai sempre tá me ajudando. Agora se eu demonstrar o mal, eles não vai me ajudar... vai virar as costas [...] com os adolescente, eu ponho minha mão no fogo [...] sempre tem um ou outro que não gostam de você ou que você também não gosta. Tem sempre aquele também que você pega mais uma afinidade, tá sempre conversando, desabafando ali e que desabafa com você [...].*
- 8 - Alison** *[...] de boa. Não tenho nada que falar não [...].*
- 9 - José** *[...] bem [...].*
- 10 - Rafael** *[...] tranqüilo. Me dou bem com todos [...].*

Apesar de a maioria dos jovens representar o relacionamento interpessoal com pares como tranqüilo, “de boa” (sic) e normal, devido a todos vivenciarem a mesma situação, a privação de liberdade, outros referem que há divergências entre o modo como se relacionam, relatando a existência de maior afinidade entre alguns jovens.

Mencionam ainda que, quando um jovem realiza um ato fora das normas, tal ato prejudicará os demais adolescentes. No entanto, alguns jovens apontam que há divergências entre o grupo, mas que são resolvidas entre os próprios adolescentes através do diálogo.

O relacionamento com os pares, apesar de a maioria dos jovens dizer que é “tranquilo”, “de boa” e “sossegado”, nota-se na fala de três entrevistados que apesar de terem essa afirmativa, também há conflitos entre eles que são resolvidos “trocando ideia”, ou seja, através do discurso, que muitas vezes é feito em tom agressivo. Quando não existe possibilidade de um acordo entre os adolescentes, quando um deles teve uma atitude considerada inaceitável pelos demais, um grupo de adolescentes procura os funcionários da equipe de segurança, pedindo para que esse jovem seja retirado do módulo para que não haja violência física, dizendo que o mesmo “*não é digno de convívio*” (sic).

Aun et al. (2004) afirma que as regras de conduta e de convivência entre os próprios adolescentes podem ser mais rígidas que as regras da instituição, padronizando o modo como os jovens gesticulam e até mesmo pensam. Com isso, o eu do adolescente é mortificado, conforme Goffman (1961, p. 31), mesmo que essa intenção seja velada, e é invadida “a fronteira que o indivíduo estabelece entre seu ser e o ambiente”.

Por meio das observações, sabe-se também que alguns adolescentes sofrem ameaças e agressões físicas dos pares durante a noite, dentro dos dormitórios, pois ao amanhecer apresentam marcas pelo corpo, justificadas, muitas vezes, como se fossem ocasionadas por uma brincadeira entre os colegas do quarto. Observa-se com isso e também pelos poucos relatos nas entrevistas, no que se refere ao relacionamento com os pares, que há uma lei do silêncio que deve ser respeitada entre os adolescentes.

Yokoy e Oliveira (2008) mencionam em seu estudo a existência de uma lei do silêncio e de não-delação, que se trata de uma norma implícita, que implica em punições generalizadas e tratamento dos adolescentes como um grupo homogêneo, em episódios de ocorrências de infração dentro da instituição.

2.3.16 Direitos e Deveres

Nesta parte, serão observados os deveres percebidos e os direitos garantidos que os internos têm conhecimento enquanto cumpridores da medida socioeducativa.

	(Direito)	(Dever)
1- Jacinto	<i>[...] de visita... Ah, tenho direito de liberdade de expressão [...].</i>	<i>[...] seguir as regras da unidade, dever de o dia que for minha faxina ta fazendo [...].</i>
2 – Renato	<i>[...] visita, esses negócio aí tem que ter [...].</i>	<i>[...] tem que estudar aqui [...].</i>
3 – Antonio	<i>[...] queria ter é mais igualdade... Mais conversa, cada um expressar o que pensa [...]. parece que a FEBEM só oferece o que eles acham... não pensa o que os outro acha [...].</i>	<i>[...] estudar, fazer as atividades que tem que fazer, mostrar um bom relatório pra juiz [...].</i>
4 – Luis	<i>[...] de visita. Tem alguns direito que eu não sei te falar certim né, mas tipo, nós tem direito da escola, tipo... atividade pra tá distraindo [...].</i>	<i>[...] dever tem bastante. Dever tem: ir na escola tal, ta cumprindo com as dessas norma certinho [...].</i>
5 – Leonardo	<i>[...] direito de falar na hora que te cabe... Tem direito a refeição... Banho... direitinho... Direito, direito, de falar, você não pode falar muito não. Você já tá ali, você já tá cumprindo a medida [...].</i>	<i>[...] meu dever é fazer a minha pra ir embora [...].</i>
6 – Jorge	<i>[...] um só senhora, de tá com a minha família [...].</i>	<i>[...] esses baguio que eu faço aí oh... atividade [...].</i>
7 - Anderson	<i>[...] direito, eu acho que é visita [...].</i>	<i>[...] eu acho que é cumprir o que os funcionário fala [...].</i>
8 - Alison	<i>[...] não tem direito a nada. Tem direito a que? [...].</i>	<i>[...] dever é mão pra trás, licença senhor, ir pra escola, respeitar os professor e tem mais coisa né [...].</i>
9 - José	<i>[...] aqui não tenho nenhum direito, não [...].</i>	<i>[...] eu tenho que ficar cumprindo norma [...].</i>
10 - Rafael	<i>[...] visita, estudo, banho de sol... ah e mais algumas coisas que eu não lembro [...].</i>	<i>[...] de cumprir as normas [...].</i>

As marcas discursivas dessa categoria demonstram que alguns adolescentes desconhecem seus direitos e outros os percebem como sendo a liberdade de expressão, afirmando que são recriminados por consolidarem algumas formas de expressão. Significam como direito: visita, estudo, “banho de sol”, atividades ocupacionais e que gostariam de terem mais igualdade entre adolescentes e funcionários, melhorando o diálogo entre ambos.

No entanto, quando se trata de deveres, os adolescentes os representam como cumprimento das regras da instituição, impostas pelos funcionários, como manutenção da limpeza da unidade e participação das atividades pedagógicas e do ensino formal.

Nota-se também que os adolescentes desconhecem seus direitos durante o cumprimento da medida de internação, ao citarem apenas como direitos que possuem a manutenção do contato familiar realizado através das visitas que os genitores fazem a eles, além da alimentação, higienização e escolarização. Dois jovens referem não ter direito algum durante esse período, demonstrando certa revolta pela repressão que sentem e que estão submetidos. Diante de tal fato, vale ressaltar que a maioria dos jovens cita que tem o dever de cumprir com as normas e regras da unidade.

Apesar de terem mencionado a escolarização como um direito, os adolescentes também a representam como um dever, uma vez que são obrigados a frequentar as aulas do Ensino Formal e Médio na unidade e, também, a participar das atividades oferecidas, sejam elas profissionalizante, cultural, ocupacional ou esportiva.

2.3.17 Fantasia de não-internação

A categoria “Fantasia de não-internação” diz respeito às experiências que os internos acreditam que teriam vivenciado fora da internação e ao modo de vida que teriam caso não tivessem recebido a medida socioeducativa de internação.

- 1- Jacinto** *[...] taria livre, mas é o seguinte: por outro lado, eu não ia saber o tanto que eu sei hoje [...].*
- 2 – Renato** *[...] se eu não tivesse vindo também senhora, eu não tinha aprendido o que eu aprendi e talvez, pudesse ter até acontecido coisa mais grave lá fora [...] não tinha ninguém pra dar uma ajuda lá né. Tava do mesmo jeito, vendendo droga, roubando [...] eu entro numa loja pra roubar, o cara tá com uma arma lá, te dá um tiro, cê morre e já era [...].*
- 3 – Antonio** *[...] acho que eu taria vendendo droga ou roubando, alguma coisa assim [...].*
- 4 – Luis** *[...] ou eu taria, tipo de boa assim, trabalhando, sossegado, ou poderia até já tá morto [...] tem males que vem pra bem né, as vez Deus jogou eu aqui dentro pra não acontecer o pior lá fora. Porque tava ruim minha situação lá, o que tinha de policia que tava querendo matar eu [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] se eu estivesse lá, eu ia tá do mesmo jeito, fazendo corre, arrumando dinheiro*

pra mim gastar ali, gastando ali pra mim ser feliz aqui. Essas coisa, correndo atrás de alguma coisa pra mim saber o que eu queria [...] eu gostava de andar bem vestido... Gostava tipo de ir nos lugares da hora, gostava de levar umas menina nuns lugarzim da hora, tipo num motel, sauna, hidromassagem... Já gostava de sair, já tumultuar tudo [...].

- 6 – Jorge** *[...] acho que eu ia tá vendendo ou roubando. Porque aqui você faz uma pra ficar de boa, chega no mundão você tá roubando, fumando de novo. Ficar de boa... fica não! Sempre tem um pra chamar ocê pra roubar, pra fumar [...].*
- 7 - Anderson** *[...] às vezes eu penso que tô aqui, pra não ter morrido lá [...].*
- 8 - Alison** *[...] eu taria bem pior do que eu tava... Muito pior. Aqui foi o lugar que... Acho que foi Deus memo, senhora. Não sabia onde que eu tava. Eu podia tá morto, podia tá pior que eu tava. Deus parece que trouxe eu pra cá, pra mudar minha vida memo. Eu mudei muita coisa, senhora. Foi o lugar que eu mais pensei aqui. Que eu parei pra refletir as coisa que eu fazia no mundão. Pra mim, eu falei: nossa, não é isso que eu quero da minha vida. Tanta tristeza pra minha família [...].*
- 9 - José** *[...] eu tava deitado uma hora dessa, dormindo [...] às vezes era pra mim tá morto, era pra mim tá numa cadeira de rodas [...].*
- 10 - Rafael** *[...] eu acho que eu estaria preso na cadeia, eu acho. Porque eu não ia ter parado pra pensar [...] ou ido pra cadeia, talvez morto, talvez ganhando dinheiro [...].*

Os jovens não têm a percepção de um mundo diferente do que tinham, afastados de práticas ilícitas. Nas marcas discursivas aqui expostas, acreditam que a internação foi algo positivo em suas vidas, no sentido da aprendizagem proporcionada por ela, bem como, uma experiência de vida, ou para que não ocorressem outros fatos do tipo: ir para a cadeia, ficar paraplégico, estar morto, permanecer envolvido com atos infracionais, como o roubo, o tráfico e o uso de entorpecentes, representando a internação como um presente de Deus.

2.3.18 Planos para o futuro

Essa categoria volta-se para as reflexões que emergiram a partir da internação e expectativas e planos de vida, quando de seu retorno ao meio social.

- 1- Jacinto** *[...] agora eu vou tá saindo lá pra fora, com uma visão mais melhor do que é o mundo. Um ponto de vista mais melhor, porque agora eu sei muita coisa que eu não sabia. Eu não vim pra cá por acaso [...].*
- 2 – Renato** *[...] vai ser mais melhor que antes, senhora. Trabalhar, estudar... É o que eu quero fazer [...].*

- 3 – Antonio** *[...] eu vou dar mais atenção pra minha muié, pra minha mãe, e depois de um tempo vou ver o que eu faço. Por enquanto eu não sei não [...] ficava mais envolvido nas correria, nos negócio, dava pouca atenção pra elas, ficava mais envolvido [...] tem que mudar. Tá trincando comigo aí na caminhada enquanto eu tô preso. Tem que dar uma atenção pra elas [...].*
- 4 – Luis** *[...] Decidi que a hora que eu sair daqui, vou seguir uma vida diferente, vou ta trabalhando lá, pra topa uma menina... Uma namorada nova. Vou ta me dedicando a ela, ficar bem sossegado né senhora. Essa vida aí já deu pra mim [...] eu tenho que me dar uma chance de ta mudando de vida e ta sendo uma pessoa melhor. Provar pras pessoas, que eu não sou essa pessoa ruim que eu deixei a imagem. Provar que eu posso ser uma pessoa melhor [...] vai ser melhor. Ser mais alegre, mais alegria, mais descontração [...] minha irmã largou do marido dela agora, vou morar junto com ela e dar uma força pra ela [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] vou trabalhar com meu pai [...] vou morar com a minha avó. Vou ficar lá em casa até eu conseguir uma casa pra mim morar com a minha namorada [...].*
- 6 – Jorge** *[...] eu vou tentar ficar de boa, senhora, trabalhar, tá com a família [...].*
- 7 - Anderson** *[...] tem hora que eu, antes eu tava com um pensamento: quero sair tal, espero ter um filho, mas ao mesmo tempo já mudo esse pensamento também. Tem hora que eu descabelo. Vixe, se eu sair não quero saber de nada mais não [...] aí eu quero ver a hora que eu saí lá pro mundão. Aí eu quero ver, que eu vou decidir memo o que eu vou querer. Porque quando eu tiver lá, eu vou falar: Não, se eu vender droga, eu posso tá indo preso e se eu tiver trabalhando, eu não vou. Então é escolher [...] penso em tá saindo e várias pessoas ficá olhando tal e fala aquele ali é assassino tal. Às vezes esquecer o que aconteceu e deixar pra trás e tentar fazer nova vida [...] eu penso, se eu voltar, as pessoas não vão nem querer saber onde eu vou chegar, vão desfazer de mim [...].*
- 8 - Alison** *[...] depois que eu saí, eu pretendo parar (de fumar maconha) [...] Vou torcer pra mim conseguir [...] mas eu pretendo sair (parar de traficar entorpecentes) ... e mudar [...] dar mais alegria pra minha mãe. Dei muita tristeza pra ela já [...] agora eu penso em sair, arrumá um trampo, acabá meu estudo, construir minha família, meus filhos, ficá de boa e segui a vida [...].*
- 9 - José** *[...] agora só tô na maconha só, mas na hora que eu sair daqui vou parar [...] porque eu vi que não me leva a nada, porque se eu quiser ter um filho depois, acaba matando o espermatozóide [...] sair daqui, eu vou trabalhar, vou dar valor na minha família, dar valor na minha liberdade [...].*
- 10 - Rafael** *[...] quero trabalhar, ajudar meu pai, minha mãe, meus irmão e que isso que eu tô passando hoje sirva de lição de vida pra não ta acontecendo [...] vou dar valor no dinheiro também. Porque o que vem fácil nós não dá muito valor [...].*

Pode-se perceber a existência de uma representação de futuro positiva, por parte dos adolescentes e, como planos de vida futuros, os adolescentes relatam que a internação é um exemplo de vida a ser utilizado para que não volte a se repetir. Referem pretensões de

trabalhar, auxiliar seus familiares, dar continuidade nos estudos, valorizar o dinheiro, a liberdade e a família, manter um relacionamento amoroso com uma namorada.

Os jovens mencionam a possibilidade de permanecerem envolvidos com a prática ilícita e ganharem muito dinheiro, além de serem presos novamente ou até morrerem.

Paradoxalmente, são otimistas ao traçar planos futuros para quando forem desinternados. Os adolescentes acreditam que será um período melhor, no qual pretendem trabalhar, dar continuidade aos estudos, concluindo o Ensino Médio e, principalmente, valorizar os familiares que estiveram presentes no momento de sua internação, acompanhando o desenvolvimento deles. Contudo, nota-se certo receio e preocupação da parte desses jovens com relação ao preconceito que poderão enfrentar provenientes da sociedade que estarão em contato novamente: “[...] *eu tenho que me dar uma chance de tá mudando de vida e tá sendo uma pessoa melhor. Provar pras pessoas, que eu não sou essa pessoa ruim que eu deixei a imagem*” (sic).

Aranzedo e Souza (2007) também encontraram em seu trabalho a existência de uma perspectiva positiva de planos futuros por uma parte dos adolescentes, que está baseada na possibilidade de constituição familiar, trabalho e estudo. Todavia, outros jovens possuem uma perspectiva desfavorável de planos futuros, baseada na discriminação da sociedade, na culpa pela prática do delito, nas dificuldades de mudança e medo da morte.

Entre os planos prospectivos está a inserção no mercado de trabalho. Antonio refere que tem esse desejo apenas se for um bom emprego e Anderson menciona que seus planos ainda estão oscilando entre ter um trabalho lícito e dar continuidade à venda de entorpecentes. De acordo com Violante (1982), durante todo o processo socioeducativo, os adolescentes vivenciam um conflito entre seu “sentimento de decência” e o fato de se regenerar, ou continuar a ser “malandro”. Mas, a maioria dos adolescentes afirma ter o desejo de ter uma atividade laborativa.

2.3.19 Morte

Essa categoria apresenta dados a respeito de experiências dos adolescentes nas quais estiveram próximos da morte, do modo como a representam, bem como sentimentos e pensamentos que lhe atribuem.

- 1- Jacinto** *[...] teve uma vez que eu até pensei em me jogar na frente dum carro, só que era de madrugada. Era de madrugada... Tava com um problemaço esse dia [...].*
- 2 – Renato** *[...] não acho nada não. Nem penso nesses negócio aí não [...].*
- 3 – Antonio** *[...] não sei qual que é a hora, não sei qual que é o tempo, um dia eu vou morrer, não sei quando [...].*
- 4 – Luis** *[...] uma vez uma caminhonete me atropelou, eu tinha uns 8 anos. Quebrei o fêmur, tive duas fratura no crânio, fiquei de gesso daqui pra baixo... do peito pra baixo. Aí eu quase morri. Aí eu tava melhorando desse acidente, fui pular um portão de lança, eu e mais um moleque, brincando [...] aí quando eu fui pular, ele veio e chutou o portão, aí minha mão escorregou. Era aquela lança de 3 pontas. Aí entrou aqui no esôfago. Faltou um centímetro pra furar a artéria [...] todo mundo tem que morrer um dia né. Pra mim a morte é normal. Acho que morrer, vai pra um lugar melhor [...] com o passar do tempo, quando eu tiver meus filho, ter criado minha família e tal. E não agora. Agora não. Agora eu quero criar minha família. Quero viver bastante ainda [...].*
- 5 – Leonardo** *[...] eu tenho medo dela. Não sei o dia que eu morrer, o que as pessoas vão pensar de mim... o que elas vai falar. Como que a minha mãe vai reagir... Minha avó... Medo de morrer... De perder tudo o que eu tô vivendo... Ser feliz [...].*
- 6 – Jorge** *[...] é ruim né senhora. A dor de morrer? É você tá largando a sua família pra trás, nunca mais vai ver, nem sabe pra onde que eu vou [...].*
- 7 - Anderson** *[...] eu tenho medo de morrer, mas se chegar a hora, vai ser essa hora memo [...] muitas pessoas vai sofrer com a minha morte e muitos vão... agradecer. A minha família vai sofrer muito tal... mas as pessoas que não gostam de mim vai rir... até fazer festa [...].*
- 8 - Alison** *[...] cê é doido. Morrê... Ah, muito ruim, né senhora... Muita tristeza pra família né... Vixe, é foda a morte... Muita tristeza pra família [...].*
- 9 - José** *[...] acho ela estranha. Só isso só [...].*
- 10 - Rafael** *[...] consequência da vida. Um dia vai chegar. Tranquilo. Que seja uma morte natural e só [...].*

As marcas discursivas dessa categoria apontam experiências em que os jovens internos se “aproximaram” da morte, seja em uma ideia suicida, ou ainda em acidentes vivenciados.

Os adolescentes contam que não é digno morrer por terem delatado algum parceiro envolvido na prática infracional, bem como relatam os sentimentos de tristeza para seus familiares e de alegria para os inimigos. Representam a morte como ruim, estranha, lhes proporcionando medo do desconhecido, dor por deixar a família, sentimentos de resignação e

aceitação por ser uma consequência da vida. Eles veem a morte como algo normal desde que seja de forma natural ou num futuro distante, após terem formado suas famílias.

A morte é uma questão muito presente na vida desses adolescentes, pois já tiveram experiências que poderiam tê-la ocasionado. Eles têm consciência de que a prática do ato infracional é um facilitador para sua ocorrência. Com isso, referem sentir medo de morrer e tristeza por terem que abandonar a família, causando-lhe sofrimento; têm medo de perder o que vive e o que as pessoas irão pensar. Aranzedo e Souza (2007) salientam que entre grupos rivais ligados ao tráfico de entorpecentes, a morte é considerada quase inevitável na resolução de conflitos.

Dessa forma, a internação é considerada por vários adolescentes como algo positivo, enviado por Deus, para refletirem e terem uma nova oportunidade para modificar o modo de vida que tinham.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se evidenciar por meio desse trabalho, a produção de representações sociais dicotomizadas que os adolescentes internos constroem, com relação à instituição em que estão inseridos, cumprindo a medida socioeducativa de internação. Representações estas que encontram-se ancoradas nas diversas instituições que vivenciaram desde o nascimento, tais como no relacionamento conflituoso com familiares, bem como na ambiguidade de sentimentos pelos amigos, no desinteresse e dificuldades vivenciadas na escola, nos conflitos com a instituição policial.

No momento em que os adolescentes falam de suas experiências, das instituições e de si, eles faziam referência à representação “não como imagem-cópia do vivido, mas como um modo de organização desse vivido no discurso” (GUIRADO, 2004, p. 31).

Os jovens representam a instituição familiar permeada por conflitos, nos quais significam negativamente a ausência paterna, o uso exacerbado de etílicos pelo genitor, gerando violência doméstica, o envolvimento de um membro familiar em atividades ilícitas e a não aceitação da imposição de limites feito pelos genitores. Havia pressão para exercer uma atividade laboral legal, darem continuidade nos estudos e se afastarem de práticas ilícitas, que, muitas vezes, culminaram no abandono do lar, acarretando com isso, uma maior aproximação de amizades perniciosas.

Pôde-se perceber que o relacionamento interpessoal dos jovens com os pares do meio aberto está envolto pela desconfiança, porém, paradoxalmente, estes colegas, muitas vezes, são considerados como membros da família, devido à cumplicidade estabelecida nos momentos de dificuldade e sofrimento, tanto na prática dos atos ilícitos, quanto na ausência do diálogo com familiares.

A evasão escolar destes adolescentes pode ser justificada pelas dificuldades de aprendizagem, pela desmotivação e desinteresse, bem como pelos problemas de comportamento e indisciplina na instituição educativa, sendo constante a discriminação do aluno desviante por parte da escola, ao invés de encontrar meios para sua adaptação. Os jovens representam o período em estão estudando como perda de tempo e dinheiro, pois enquanto estão na escola, não estão envolvidos na prática ilícita, que lhes proporciona um bom rendimento financeiro.

O estreitamento de vínculos com pares envolvidos em atividades ilícitas, bem como o abandono da escola, serviram como facilitadores para a entrada do adolescente no mundo do

crime e para o uso de entorpecentes, sendo que o consumo é considerado como uma forma de estabelecer novos vínculos e o tráfico, como forma de obtenção de bons resultados financeiros. Os sujeitos significam a atividade ilícita como possibilidade para obtenção de bens de consumo, uma vez que o trabalho legal é representado como penoso, árduo e mal remunerado. A prática infracional, em sua maioria, é sentida como possibilidade de poder e ganância por dinheiro, no sentido de permitir sua inclusão social.

Após a internação, os adolescentes demonstram o sentimento de abandono vivenciado por terem sido esquecidos pelos amigos, fazendo com que os familiares sejam valorizados, por estarem presentes durante o cumprimento da medida socioeducativa, restabelecendo e fortalecendo o vínculo afetivo.

A unidade de internação na qual foi realizada a presente pesquisa é representada pelos adolescentes ao mesmo tempo como uma prisão, pois estão privados de sua liberdade e têm que cumprir as regras impostas, causando sofrimento para seus familiares e para si. No entanto, paradoxalmente, representam a instituição como um lugar que lhes proporcionou educação, aprendizado formal e um melhor relacionamento interpessoal, bem como o período de internação como uma fase protetiva, embora haja ainda questões a serem melhoradas e atualizadas.

É urgente a necessidade de capacitações da equipe de apoio técnico (antigos agentes de segurança), para a melhoria do atendimento junto aos jovens internos. São esses os funcionários que passam 24 horas por dia ao lado dos adolescentes e as críticas feitas nas entrevistas se referem à forma como são tratados por parte dessa equipe, que ainda mantém uma mentalidade obsoleta, estereotipada e repressiva.

De acordo com as marcas discursivas, muitas vezes os adolescentes sentem-se humilhados devido ao relacionamento conflituoso, submisso e opressivo que têm com parte desses funcionários, que parecem não querer aceitar qualquer tipo de alteração no atendimento socioeducativo. Não há um diálogo digno e respeitoso com o jovem, de forma que beneficie seu desenvolvimento, devido ao fato de terem cometido um ato infracional.

Nesse contexto de reordenamento das políticas de atendimento da Fundação Casa, também começa a se falar na necessidade de os internos não terem que pedir licença todo o momento que tenham que passar por um funcionário, além de não precisarem andar com as mãos para trás do corpo, mas tal procedimento ainda é aplicado, pois se espera que algum documento judicial desobrigue essas regras a tanto tempo estabelecidas, as quais os jovens tanto criticam.

Outras alterações realizadas, provenientes do poder judiciário e da defensoria pública, tratam-se do direito de escolha que os adolescentes têm de raspar seus cabelos ou não, bem como uso de algemas quando o jovem é levado fora da unidade, para tratamento médico ou audiências judiciais. Tais procedimentos demonstram um início da preservação da identidade e individualidade do jovem, bem como evitam que eles passem por situações vexatórias e constrangedoras, diante da sociedade.

Em relação ao judiciário, sobretudo, seria necessária a criação de mecanismos nos quais juízes e promotores estivessem mais presentes nas unidades, estabelecendo contatos com os adolescentes, dispensando maior interação com o corpo funcional, visando à diminuição de “injustiças” cometidas.

Pode-se identificar que a maioria dos adolescentes representa a instituição como local de reflexão e tomada de consciência dos riscos de morte advindos da prática ilícita e, nesse sentido, ela é tida como uma interdição ao modo de vida que estavam mantendo, como local de abstinência do uso de substâncias psicoativas, bem como um local de proteção para que nada de mal ocorresse aos adolescentes internos.

Por meio dessa tomada de consciência, tais jovens têm planos prospectivos à internação, como: a valorização da família, continuidade nos estudos e inserção no mercado de trabalho. Todavia, diante desses planos, ainda não tão concretos, seria necessário que a Fundação CASA se organizasse para o acompanhamento e orientação aos adolescentes egressos.

A instituição tem em sua essência a ambiguidade, por se tratar de uma unidade que educa e ensina e ao mesmo tempo restringe a liberdade dos adolescentes. Com isso, as representações sociais que os jovens possuem a respeito da instituição são paradoxais, uma vez que o modo como a instituição é significada está relacionado também com a conjuntura atual da Fundação, que é de transformações positivas e melhoria nos atendimentos.

Assim, pode-se perceber pelas representações sociais dos adolescentes internos, que o modelo socioeducativo atual está passando por um momento transitório, no sentido de deixar no passado o modelo punitivo para executar um novo paradigma, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), bem como as demais legislações vigentes, que garantem os direitos dos adolescentes privados de liberdade, sendo de extrema importância o aperfeiçoamento das alterações que vêm sendo feitas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil: juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, São Paulo, n. 5/6, 1997.

ADORNO, R. C. F. **Caracterização das famílias de autores de atos infracionais da FEBEM/SP**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública/USP, 1997. Relatório de Pesquisa.

ALMEIDA, M. M. **Compreendendo as estratégias de sobrevivência de jovens antes e depois da internação na FEBEM de Ribeirão Preto**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

_____. O jornal e o vídeo como meio de expressão. **Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 33-8, jan./abr. 2004.

ARANZEDO, A. C.; SOUZA, L. de. Adolescentes autores de homicídio: vivência da privação de liberdade e planos para o futuro. **Revista Electrónica de Psicología Política**, San Luis, v. 5, n.15, dez. 2007.

ASSEMBLÉIA Geral das Nações Unidas – Convenção sobre os direitos da criança. Resolução n. 44, de 20 de novembro de 1989.

ASSIS, S. G. de. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, jan./mar. 2005.

ASSIS, S. G.; MINAYO, M. C. S.; CONSTANTINO, P.; ESTEVES, M. **Cumprindo medida sócio-educativa de restrição de liberdade: perspectiva de jovens do Rio de Janeiro e seus familiares**. Rio de Janeiro: Claves/Ipea/SEDH, 2002.

ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. de. Criando Caim e Abel: pensando a prevenção da infração juvenil. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1999.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CENTROS DE DEFESA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ANCD); FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DAS ENTIDADES NÃO-GOVERNAMENTAIS DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E ADOLESCENTE (FÓRUM DCA). **Situação de adolescentes em conflito com a lei no Brasil**: relatório sobre a situação dos direitos da criança e do adolescente na Brasil. 2004. p. 62 – 69.

AUN, H. A. et al. Plantão psicológico em Unidades de Internação da FEBEM/SP: resgate da subjetividade autores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte, 2004.

BALAGUER, G. Violência e adolescência: uma experiência com adolescentes internos da FEBEM/SP. **Imaginário**, São Paulo, v. 11, n. 11, dez. 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A. Construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: _____. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. Problemas de comportamento: um panorama da área. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 5, n. 2, dez. 2003.

BOYD, E. M. **Adolescent violence**. Case Western Reserv University, 2002. Disponível em: <http://www.cwru.edu/med/epidbio/mphp439/Adolescent_Violence.htm>. Acesso em: 19 maio 2006.

BRANCO, B. M.; WAGNER, A. Os adolescentes infratores e o empobrecimento da rede social quando do retorno à comunidade. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, mar./apr. 2009.

BRANDÃO JUNIOR, P. S. **Biossegurança e AIDS**: as dimensões psicossociais do acidente com material biológico no trabalho em hospital. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000.

BRASIL. Lei Federal n. 6.368, de 21 de outubro de 1976. Dispões sobre medidas de prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 de outubro de 1976.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: 1988. Texto constitucional de 5 de outubro de 1988. 12. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1999.

BRASIL. **Código penal**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2003.

BRASIL. Lei Federal n. 11.343, de 26 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo. Brasília, DF, 24 de agosto de 2006.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto e Contexto**, Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. Metodologia e caracterização sociodemográfica. In: _____ **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004. p. 49 – 65.

CATALÃO, N. (Coord.). Sem prazer e sem afeto. **Revista ANDI**, Brasília, 2002.

CHILDREN AND YOUTH IN ORGANISED ARMED VIOLENCE (COAV). 2006. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/pt-br/node/11556/>>. Acesso em: 05 maio 2006.

CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL (CISA). 2005. Disponível em: <<http://www.cisa.org.br/categoria.html?FhIdTexto=c61f080b87fc9a9b552a5ed98e1419cc>>. Acesso em: 07 jun. 2008.

COLPANI, C. F. **A responsabilização penal do adolescente infrator e a ilusão de impunidade**. 2003. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4600>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

CONTIER, A. D. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005. In: **Anais...** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

COSTA, A. C. G. **O cenário da privação de liberdade no Brasil: sem prazer e sem afeto**. Revista ANDI, Brasília, p. 9 - 14, 2002.

_____. **Os regimes de atendimento no estatuto da criança e do adolescente: perspectivas e desafios**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006a.

_____. O sistema de administração da justiça juvenil. In: _____ **Por uma política nacional de execução das medidas socioeducativas: conceitos e princípios norteadores**. Brasília: Secretaria Estadual dos Direitos Humanos, 2006b. p. 44 – 54.

COYLE, J. P. **Methods for preventing and reducing violence by at-risk adolescents:** common elements of empirically researched programs. New York, 2002. Disponível em: <[http://www.socialwork.buffalo.edu/fas/smyth/Personal_Web/Projects/Coyle-Preventing%20and%20reducing%20adolescent % 20violence.pdf](http://www.socialwork.buffalo.edu/fas/smyth/Personal_Web/Projects/Coyle-Preventing%20and%20reducing%20adolescent%20violence.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2006.

DAWSON, D.; REITER, J. Juvenile violence overview: an introduction to the available literature. **American Academy of Psychiatry and the law**, Bloomfield, v. 23, n. 2, p. 10-11, 1998.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (E.C.A.). Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990.

FAUSTO NETO, A. M. Q. Família operária: organização doméstica e ação da mulher. In: _____. **Família operária e reprodução da força de trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FEIJÓ, M. C.; ASSIS, S. G. de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 157-166, 2004.

FISHMAN, G.; MESCH, G. S.; EISIKOVITS, Z. Variables affecting adolescent victimization: findings from a National Youth Survey. **Western Criminology Review**, Rohnert Park, v. 3, n.2, June 2002.

PENTEADO, G. Reportagem local. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 jan. 2008. p. C7.

GARBIN, L. FEBEM chega aos 30 anos. **Jornal O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26 abr. 2006. p. C4.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GUERESI, S.; SILVA, E. R. A. **Adolescentes em conflito com a lei**: situação do atendimento institucional no Brasil. Brasília: IPEA/Ministério da Justiça, 2003.

GUIRADO, M. **Instituições e relações afetivas**: o vínculo com o abandono. São Paulo: Casado Psicólogo, 2004.

HUMAN RIGHTS WATCH. Confinamento cruel: abusos contra crianças detidas no norte do Brasil. **Relatório Global**, v. 15, n. 1 (B), abr. 2003.

IKUMA, D. M. **Privação de liberdade**: representações sociais de atos infracionais por adolescentes em conflito com a lei. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A PREVENÇÃO DO DELITO E TRATAMENTO DO DELINQUENTE. A criminalização das drogas e a delinquência juvenil. 2004. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/Ferramentas/Conteudo/tabid/77/ConteudoId/5cee9119-d9c6-453d-a6e1-eca9eac94c1f/Default.aspx>>. Acesso em: 11 maio 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Mapeamento nacional da situação do atendimento dos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas**. ago. 2003. (Texto para Discussão, n. 979).

JODELET, D. La representation social: fenômenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. (Org). **Psicologia social**. Barcelona: Paidós, 1984. p. 469-494.

KODATO, S.; SILVA, A. P. S. Homicídios de adolescentes: refletindo sobre alguns fatores associados. São Paulo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p.507-515, 2000.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22,n.1, jan./apr. 2006.

LÜDCKE, M. (Coord.). **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papirus, 2001.

MARCÍLIO, M. L. (2007) O jovem infrator e a Febem de São Paulo: história e atualidade. **O Estado de São Paulo**, 27 mar. 2000. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/10anos/Artigos/O%20jovem%20infrator%20e%20a%20Febem%20de%20S%20E3o%20Paulo.htm>>. Acesso em: 16 maio 2009.

MARTINS, M. C.; PILLON, S. C. A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, maio 2008.

MENEZES, C. de S. **A mudança**: análise da ideologia de um grupo de migrantes. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10,1994. Suplemento 1.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, M. J. **Porta fechada, vida dilacerada – mulher, tráfico de drogas e prisão: estudo realizado no presídio feminino do Ceará**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) - Universidade Estadual do Ceará, 2005.

NETO, A. M. Q. F.; QUIROGA, C. Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais. In: PEREIRA, C. A. M. et al. (Orgs.). **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

OLIVEIRA, M. C. R. de. **O processo de inclusão social na vida dos adolescentes em conflito com a lei**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004.

PEREIRA, F. R. P. **Jovens em conflito com a lei**: a violência na vida cotidiana. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, fev. 2008.

SANTOS, M. A. C. Criança e criminalidade no início do século. In: PRIORE, M. D. (Org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 210-230.

SANTOS FILHO, J. R.; SILVA, T. M. Notas sobre o processo de institucionalização do adolescente responsável por ato infracional. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005. **Anais...** 2005.

SARAIVA, J. B. C. **Desconstruindo o mito da impunidade**: um ensaio de Direito (Penal) juvenil. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. Disponível em: <http://jjj.tj.rs.gov.br/jjj_site/docs/doutrina/desconstruindo+o+mito+da+impunidade+-+editadob.html> Acesso em: 13 abr. 2009.

SARTI, C. A. Relações entre iguais. In.: _____. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

SILBER, T. J.; SOUZA, R. P. de. Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. **Adolescencia Latinoamericana**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p.148-162, out./dez. 1998.

SILVA, A. P. S. **O jovem em conflito com a lei na cidade de Ribeirão Preto (SP):** 1986 – 1996. Ribeirão Preto, 1999, 131p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1999.

SILVA, D. F. M. da **O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinqüente em adolescentes infratores.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, dez. 2006.

SHORTER, E. **A formação da família moderna.** Lisboa: Terramar, 1995.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 707-17, 2005.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. In: _____ **Organizações rurais agroindustriais.** Lavras, 2005. v. 7, p. 70-81.

SUBSECRETARIA DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (SPDCA/SEDH). CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (CONANDA). **SISTEMA NACIONAL DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO (SINASE)** – Brasília, junho de 2006.

SOUZA, T. Y. de. **Um estudo dialógico sobre institucionalização e subjetivação de adolescentes em uma casa de semiliberdade.** 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SPINK, M. J. P. (Org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEIXEIRA, J. D. As medidas sócio-educativas da FEBEM - Marília na perspectiva do adolescente infrator. In: PAGNI, P. A. (Org.). **Perspectivas contemporâneas da Filosofia da Educação** – coletânea de textos do I Simpósio Internacional em “Educação e Filosofia”. Marília: FFC/Unesp, 2006. 1 CD-ROM.

THORNBERRY, T. P.; BURCH II, J. H. Gang members and delinquent behavior. **Bulletin Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention**, Jacinto, DC, Jun. 1997.

VARGAS, E. V. Uso de drogas: a alter-ação como evento. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 49, n. 2, jul./dez. 2006.

VIOLANTE, M. L. **O dilema do decente malandro**. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

VEDOVELLO, C. L. **Novas formas de encarceramento?** os jovens e o centro de ressocialização. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

VOLPI, M. **Sem liberdade, sem direitos:** a privação da liberdade na percepção do adolescente. São Paulo: Cortez, 2001.

YOKOY, T.; OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Trajetórias de desenvolvimento e contextos de subjetivação e institucionalização de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 3, n. 1, ago. 2008

ZALUAR, A. A globalização do crime e os limites da explicação local. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 2000. p. 49-69.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ENTREVISTA 1

ENTREVISTADO: JACINTO

DATA DE NASCIMENTO: 06/07/89

TEMPO DE INTERNAÇÃO: 12 MESES

SÉRIE: ENSINO MÉDIO COMPLETO

ATO INFRACIONAL: 2 ROUBOS

IDADE: 18 ANOS

Fale-me um pouco sobre sua família.

Minha família é o seguinte: meu irmão, ele é envolvido no crime. Ele começou a se envolver, aí eu aprendi com ele a tá se envolvendo tal, a ganhar dinheiro.

Ele é mais velho?

Ele é mais velho. Ele tem 20 anos, vai fazer 21. Ele tá preso nesse momento.

Quem mais faz parte da sua família?

É meu irmão, minha irmã de 9 anos e minha mãe. Tem meu pai também, mas meu pai é separado da minha mãe. Ele é separado, porque nós começou, tipo vende droga, aí também, ele já bebia, e também já vinha umas briga com a minha mãe antes. Aí com isso, ele começou a arrumar agresia com nós.

Arrumar o quê?

Agresia, tipo briga com nós, queria arrumar assuntinho, mais porque nós tava vendendo droga. Queria bater na minha mãe também, chegava bêbado. Aí minha mãe resolveu tá separando dele. Aí ele ficou um tempo em Ribeirão, só que depois ele foi morar em Goiás, mas de vez em quando ele vem ainda passear, vem ver a filha dele, que é minha irmã.

Você tem contato com ele?

Não... Ele veio, fiquei sabendo que ele veio, mas até então não tive nenhum contato com ele. Se ele não bebe, aí tudo bem, mas se ele beber, não gera boa coisa. Quando ele bebe, ele vai querer gerar algum assunto pra gerar discussão.

Você tem amigos?

Amigo? Ah, amigo de confiança eu não tenho não. Eu não confio. Total confiança não. Confio assim, de certa parte, mas total não. Eu tenho alguns amigos sim, mas não de confiança total, que andavam comigo e que eu até considero eles. É parceiro de roubo.

Onde você o conheceu?

Ele? Comecei conversando com ele. Aí ele já era mais experiente de roubo também e foi me ensinando a roubar, tal. Fui aprendendo com ele, mas de uns tempos pra cá eu tava até roubando sozinho. Ele me ensinava a entrar na porta, na casa de alguém... Ele sabia um pouco desligar alarme. Aí ele foi me ensinando e eu fui aprendendo com ele. Até então, um pouco antes eu tava vendendo droga, antes de tá começando a roubar. Só que eu vi que roubar ganhava mais dinheiro. Ganha mais que o tráfico. O tráfico você tem que ficar lá na esquina vendendo, se arriscando. Se arrisca bastante né, pra você ganhar seu dinheiro. Agora, o roubo já é uma tacada só né. Você corre o risco, mas o risco é de momento também né. Passou dali, passou e ganha muito dinheiro em pouco tempo.

Você estudava antes de vir pra cá?

Ah, eu fazia uma escola, mas eu não terminava, não ia, não dava continuidade não. Porque... No começo, eu fui normal, mas depois já não tava sobrando tempo... Assim, tempo tinha, mas não tava sobrando tempo suficiente, porque eu achava que a minha pessoa, tava ficando as pessoa da quebrada lá, meu parceiro, aí não era tão suficiente. Aí já não fui mais freqüentar a escola.

Você já trabalhou?

Se eu já trabalhei? Já, mas nada tão fixo assim. Trabalhei de panfletagem, ah mais foi pouco tempo. Não fiquei nem uma semana. Porque o serviço era muito pesado, tinha que andar muito. Ah não, eu não agüentei não. Aí era muito difícil pra mim e eu não dei continuidade não.

E trabalho ilegal?

Ah... De roubo esses negócio assim... Comecei a entrar no crime no começo de 2003 até hoje.

Você usava álcool?

Usava álcool e usava outros tipos de droga também. Usava o álcool, o lança perfume, a cocaína, a maconha. E outros tipos de droga também, como a balinha.

O que é a balinha?

Balinha é um comprimido que tem vários tipos: tem de bicicletinha, tem charada, tem vários tipo de marca, só que essas marca aí, tem umas que é original, tem umas que é boa... Aí eu tomei. O que dá na pessoa é que ela quer tomar água... água. Ela fica muito louca e... se não tomar água é capaz de passar mal. Então tem que tomar bastante água. Às vezes misturo cocaína e maconha, ou cocaína com lança perfume e cerveja.

Com quantos anos você começou a usar?

Acho que era com 14 pra 15 anos, que eu comecei a usar a cocaína e a maconha. Depois eu fui conhecendo outros tipos de droga. Só que uma que eu nunca experimentei e nem pretendo é o crack. Porque o crack as pessoa usou... é alguns conseguem sair né. Dizem que sai, mas ainda fico com o pé atrás. Porque ela é uma droga que domina a pessoa.

A cocaína você acha que não?

A cocaína até certo ponto... Tipo, se a pessoa começou a usar, ela perde o controle, vamos supor, do dinheiro que tem, a quantia que pode gastar, muitas vezes é nesse caso que acontece. Mas o crack domina mais ainda a pessoa. Talvez a pessoa até quer sair do vício, mas a droga é mais forte que ela.

Você já namorou?

Já. Ah ela era legal. Só que também não gostei muito não, ela não me dava o apoio que eu precisava também. Não durou muito tempo também não, acho que uns 3 meses só. Ela não chegava junto e conversava comigo e... eu tive uns problema e invés dela tá ajudando, não. Não dava o apoio que eu precisava. Não deu certo.

Quando você começou a praticar ato infracional?

Então. Aprendi com o meu irmão. O primeiro 157, um assalto que eu fiz foi com o meu irmão, eu tinha 15 anos ou 14. Foi na época que eu comecei a envolver. A primeira droga que eu comecei a embalar pra traficar, tem também quando eu comecei a vender droga na biqueira, meu irmão tava próximo e tal. Meu irmão, ele é zica. Aí nós começou a vender droga, nós era pequeno, era junto. Aí foi vindo até hoje aí.

Você tem tráfico e roubo?

Tráfico e roubo. Matar, eu nunca matei ninguém não.

Quando eu falo a palavra internação, qual a primeira imagem que lhe vem a cabeça?

Internação? A imagem que vem é: pode esquecer do mundo. Não adianta ficar querendo: ah, eu vou embora. Tem que ter calma e tem que esperar.

E a imagem que vem na sua cabeça?

A imagem é a seguinte: que eu memo já era pra tê ido embora e não fui. Tô aqui ainda. Tipo, chega uma hora que esgota né. E o dia que chegar minha liberdade vai me surpreender. Tantas respostas negativas que veio pra mim. Veio 3.

O que você pensa sobre a internação?

Ah, que não tem o que fazer. Tem que deixar rolar e ver aí o dia que eu sair daqui. Eu não nasci aqui. Eu vou sai. E no dia que eu sair, eu nem vou querer olhar pra trás, fala assim: nossa, o tempo que eu passei... Passou, passou, bola pra frente. É ruim. Eu podia tá lá fora, mas não tem jeito não.

Como foi o roubo pelo qual você está internado?

Ah, esse roubo foi o seguinte: nós foi... Tinha uma muié saindo do shopping. Aí nisso, veio o meu parceiro falando pra mim que nós ia até no centro. Aí nós foi até no centro lá. Aí nós foi lá na “Da Hora”, vê umas bermuda da “Da Hora”. Aí nós tava voltando, tinha essa muié saindo do shopping ai. Aí nós tava pensando em roubá ela, mas nós não roubou não. Ai depois veio falando que nós tinha roubado ela. Não gosto de ficar falando dessa fita aí não, senhora. Mas até então... essa fita aí... não catou a gente com nada. Mas a vitima falou: foi eles e não teve como. Mas não gosto de ficar comentando isso não.

Como está sendo esse período que você está aqui?

É... tá sendo difícil, no sentido que eu to preso, que eu quero ir embora e não tem como modificar o tempo que eu vou ficar mais.

Você sente falta de alguma coisa na internação?

Ah... Sinto falta de tá lá fora, sinto falta da minha irmã... Minha irmã, eu gosto muito dela. Eu tenho uma afinidade e a gente se dá muito bem. Ela é mais nova, a gente brinca... Nossa, eu tenho bastante afinidade com ela. Aí ela vem, manda recado pra mim. Por visita até de outro adolescente, ela vem e manda recado... Fala pro meu irmão que eu to com saudade, tal. Só que eu falo pra minha mãe pra não tá deixando ela vir aqui não, porque pra idade dela, é um pouco constrangedor pra ela. Minha mãe também não costuma vir não. Às vezes ela me surpreende vindo e tal, mas tipo se eu tiver precisando dela e falar: mãe, preciso que a senhora vem esse domingo tal, nessa data, aí ela vem.

Ela costuma vir de quanto em quanto tempo?

Ah... Acho que ela veio umas 3, 4 vezes aqui. Aí tipo, se eu falar pra ela que eu preciso dela, aí ela vem.

E seu pai?

Meu pai tá em Goiás. Aqui ele nunca visitou, mas na primeira passagem que eu tive ele visitou.

Você já teve outra passagem?

Eu tive outra passagem na UIP. Fui preso na UIP foi em 2003 pra 2004. Era 157. Eu fui pra roubar uma loja. Passaram a fita. Tava eu e mais outro só. Aí eu tive o azar. Primeiro eu entrei na loja, tinha uma mocinha. Eu não saquei a minha arma pra ela, só mostrei o cabo do revolver, anunciei o assalto, tal. E tava fazendo uma limpeza pra levar as coisas que tavam lá. Aí, teve um... nós tava em 3. Teve um que já foi embora, aí teve outro que já quis tipo, catar mais. Tipo... na ganância de levar muito, acabou sendo enquadrado. Aí nisso chegou uma parati branca e era dois policia armado apontando uma arma na minha cabeça. Aí nisso, eu fiquei até meio assustado na hora e eu falei pro mano que tava comigo, tinha apanhado já. Aí nós tava saindo, aí tinha dois oitão apontado pra minha cabeça. Aí nisso, tipo o mano que tava comigo, ele tipo me empurrou na frente. Eu interpretei dessa forma: que ele tinha me empurrado. Até então eu ia me render, porque não tinha condições mais. Aí os policia caiu

pro chão. Eu não cheguei a cair não. Porque nós trombou com ele, eles caiu pro chão. Porque a loja era deles. Eu dei azar de roubar a loja de policia. Aí, eu não sabia. Eu fui sair correndo, nisso o outro também saiu correndo, dispensei a arma, desci pra baixo. Só que até então, essa rua era muito longa e não tinha onde virar. Só lá em cima, lá na frente. Aí eles vieram atrás de mim. Aí eu tentei passar medo neles tal, ameaçando ele que ia explodir a loja dele. Tentei ameaçar, porque até então eu não sabia que era policia. Falei: ah, vou por medo neles que eles me sortia. Aí eu fui preso sozinho.

O que você pensa sobre a polícia?

Então, a polícia é o seguinte: ela... fala que defende a comunidade, esse negócio aí, mais falá procê: ela gera mais pressão, porque até então é o seguinte: se não houvesse policia, também... muito da violência ia acabar. O negócio é paz. A gente praticar a paz, porque pode ver que aqui mesmo, na cadeia aqui é paz, é união... Agora, polícia é o que? Polícia tira a vida de muitos ali. Igual aquele grupo de extermínio, tal... Fora que nós pode tá indo lá, matando, falando que tava armado, que a pessoa tava armada, joga uma arma na mão dela e não tava nada. Esses polícia aí é isso daí, a verdadeira face deles. Porque até então, eles mostra uma face pra sociedade, mas vai ver não é nada disso.

Como você vê o juiz?

O juiz? Ah, o juiz é o seguinte: eu vejo o juiz como... Não sei nem te falar como que eu vejo a pessoa dele... Tipo, vejo o juiz como... Não sei... Tipo, o que eu castelo é que não é juiz que vai ta mandando embora. É Deus né. Na hora que ele vê que é a hora... porque deus é o juiz. Aquele que tá lá fora é apenas um homem.

Como você vê a Fundação CASA?

Ah, eu vejo como um aprendizado também... Um aprendizado que a gente aprende. Eu entrei aqui, sem saber quase nada... Quase nada comparado do que hoje eu sei.

Quase nada sobre o quê?

Ah, sobre novas palavras, saber conversar melhor, aqui a gente tem tempo pra ta correndo atrás do conhecimento e ta aprendendo mais e mais. Entrei aqui eu não sabia conversar. Agora, várias atitudes que eu tomo, antes de eu tomar, eu já sei a consequência. E é tipo uma experiência de vida também, que a pessoa acaba pegando mais sabedoria.

Você vê de uma forma positiva então?

Por esse lado... Porque eu terminei meu estudo também. Mas comparado ao tempo que eu tava lá fora, que eu podia ter feito. Só que é o seguinte: tem uma outra forma de tá se vendo também: agora eu vou tá saindo lá pra fora, com uma visão mais melhor do que é o mundo. Um ponto de vista mais melhor, porque agora eu sei muita coisa que eu não sabia. Eu não vim pra cá por acaso.

Por exemplo: o que você sabe agora, que você não sabia?

Tipo, conversar direito memo. É... Tipo assim, antes eu queria me expressar de uma forma, mas não conseguia, não achava as palavras certas, as palavra bem colocada pra tá conversando.

Mudou alguma coisa que você pensa com relação à escola?

Ah! Aqui dentro a escola é até um passatempo, acho até bom. Mas não sei se lá fora eu diria a mesma coisa. Porque lá, já começo a pensar de outra forma... Tipo, esse negocio de escola... Ah, não vou ficar perdendo tempo com escola não. Tem que... Tipo dá uma estrutura pra minha vida e tal...

Mudou alguma coisa com o que você pensa com relação a trabalho?

Ah, trabalho mudou um pouco, porque... ficava pensando assim né: ah, tem gente que trabalha... É o seguinte: o que eles ganha num mês, eu ganho num dia... Então eu penso isso daí, mas veja bem, tipo, eles trabalhando... Já vi muitos trabalhador aí que tem casa, moto, carro, família, entendeu? E eu até hoje não consegui o que eles têm. Então é o seguinte: aí eu penso por esse lado também, que trabalhando, poderia tipo... Seria um dinheiro suado e eu taria dando mais valor né, ao dinheiro que eu tenho em mãos.

Mudou alguma coisa no seu jeito de se relacionar com as pessoas?

Ah sim, mudou né. É o seguinte: porque se eu falar alguma palavra que eu não devo ou uma palavra na arrogância com alguém, vão chegar e chamar minha atenção. Por isso tem que conversar da maneira certa né. Pra pessoa aí, eu tenho que chegar na humildade com ela, conversar de boa. Agora, se eu tiver que chegar com ela e conversar mais firme, mais forte, eu vou tá falando também... eu vou ta falando nada mais do que servir pra pessoa.

Você não era assim antes?

Ah não, eu falava um montão pra pessoa. Às vezes era até eu que tava errado e nem enxergava isso.

O que você acha que te fez mudar isso?

Ah compreensão também né. Tá compreendendo o lado da pessoa... Acredito que cada um colhe o que planta né e eu plantei o que? O crime. O crime, você pode colher coisas boas e coisas ruins, que vim parar preso. E coisas boas seria tipo, dinheiro, essas coisas.

Se você tivesse a possibilidade de mudar alguma coisa na internação, o que você mudaria?

Ah, o que é pra mudar, eu não posso mudar! Ah! Esse negócio de relatório aí, que tá subindo... Meu relatório mesmo ficou 2 meses lá em cima, que é um absurdo. Muitos menor acabam sendo prejudicado com essa nova lei aí. Não é só eu, são todos menor. Eu falo por todos, porque é o seguinte, eu convivo com eles e tão se sentindo prejudicado. Vamo supor, o relatório fica dois meses lá em cima, é dois meses perdido assim... O que eu tô falando é dois meses perdido, porque só vai subir daqui 3 meses do despacho do juiz. Então isso daí, vários menor tão sendo prejudicado.

O que você não pode fazer aqui?

Ah... Tem varias coisas que não pode fazer. É... não posso sair daqui, não posso comer um x-tudo. Tô na maior vontade de comer um x-tudo. Tô com vontade de várias coisas do mundão. Até fruta! Tamarindo... essas outras coisas. Esses tempo, eu tava com vontade de comer manga. Aí chegou manga de sobremesa pra nós, aí saciou a vontade um pouco.

Como é seu relacionamento com os funcionários?

Ah, com funcionário é até um relacionamento bom, mas as vez até um funcionário que eu tenho um relacionamento bom, acaba criando um desavença, discutindo. Mas isso daí já não vem acontecendo não. Tô deixando tudo caprichado, porque quando meu relatório for subir, que a técnica vai encaminhar pro juiz, porque eu não quero ficar aqui não.

Como é seu relacionamento com os meninos?

Normal. Eu tenho uma coletividade com todos os meninos daqui, sem exceção. E o relacionamento que eu tenho com eles é bom. E com alguns eu converso mais, com outros eu

converso menos. Mas não é porque eu converso menos, que eu não tenho uma amizade com ele também. Com todos eu tenho uma coletividade.

Você tem direito?

De visita... Ah, tenho direito de liberdade de expressão, e outros também...

E dever?

Dever, dever tenho vários. Dever a seguir as regras da unidade, dever de o dia que for minha faxina ta fazendo. É um dever. É, mas outras situações que é meu dever também. E tem que cumprir com os deveres né.

Como é o seu dia aqui?

Ah, quando eu cheguei era até melhor. Cheguei tal, tinha acabado de vir do mundão. Vou dar um tempinho aqui e vou embora e tal. Agora, eu só quero sair daqui memo.

Se você não tivesse internado, como você acha que estaria lá fora?

Ah, acho que... Não acho, tenho certeza que taria livre, mas é o seguinte: por outro lado, eu não ia saber o tanto que eu sei hoje. O que eu sei hoje, eu não ia saber não. Por exemplo, as palavras, o que é uma injustiça. Injustiça é passar o certo como errado e vários significados.

O que você acha do seu dia aqui?

Ah, o dia aqui é... Agora começou as aulas é até um pouco melhor né, que no meu ponto de vista, passa mais rápido. Mas não deixa de ter o seu dia igual aos outros. Todo dia é tudo igual.

O que você acha da morte?

Morte? Ah... Eu acho que a morte é o seguinte: que... que... teve uma vez que eu até pensei em me jogar na frente dum carro, só que era de madrugada. Era de madrugada... Tava com um problemaço esse dia. Ixe... ixex... Eu não tava agüentando mais, aí eu fui e saí andando de madrugada, fui pra uma rua lá. Fui descendo essa rua e tava vindo um carro... correndo, bastante... Aí tava vindo o carro subindo na minha rua. Aí nisso que ele tava subindo, eu fui querer atravessar a rua, só pro carro me pegar. Até então o carro desviou de mim. Não sei como. Se não me engano, eu já tinha fechado até os olhos já. Só que ele desviou. Cantou pneu e tal... continuou reto. Não voltou não. Mas depois disso daí, eu não tentei fazer isso mais não.

E agora você está como?

Ah, agora eu tô bem. Assim... Na medida do possível né. Eu tô bem.

APÊNDICE B – ENTREVISTA 10

ENTREVISTADO RAFAEL: 18/02/2008

DATA DE NASCIMENTO: 30/03/89

TEMPO DE INTERNAÇÃO: 1 ANO E 8 MESES

SÉRIE: 2º ENSINO MÉDIO

ATO INFRACIONAL: LATROCÍNIO

IDADE: 18 ANOS

Fale-me um pouco sobre sua família.

Ah, lá em casa nós somos em 8 irmãos... e nós se dá muito bem. Não muuuuito bem, tem horas que a gente briga de vez em quando. Igual todas família tem, mas tô procurando melhorar. Minha mãe trabalha de doméstica, minha irmã também trabalha de garçoneiro, meu pai é aposentado, mas é separado da minha mãe.

Mora lá?

Não, não mora. Mora perto. Mas sempre tá dando uma força. Porque se ele não fosse próximo, acho que taria um pouquinho mais bagunçado. Minhas irmãs, todas estudam. Só a Laísa, que acho que não ta estudando lá em casa.

Você é o mais velho?

Sou. A Andressa tem 17, a Aline 15, Fernanda 13, Henrique 12 e a Joana 10. E o Kawan 3 ano, e a Maria Eduarda 1 ano e pouco.

Você tem amigos?

Ah meu pai.

Você estudava antes da internação?

Ah... Fiz só até o meio do ano e parei de ir pra escola, porque eu tava envolvido, não tava morando mais com os meus pais, tava morando sozinho no Orestes Lopes. Tinha uns amigos meus, aí tinha um cômodo lá no fundo da casa deles e eu aluguei. Lá tinha o pai dele, dois menino e a mãe deles. Eu ajudava só com o aluguel e com as despesas. O resto eles faziam. Era conhecido meu já de bastante tempo.

Por que é que você saiu da sua casa?

Não tava dando muito certo, muita briga. Eu não tava trabalhando, não queria ficar dependendo da minha mãe.

Briga com quem?

Com meus avós. Eles moram lá. Da parte da minha mãe. Meu vô, minha vó faleceu. Brigava porque eu não trabalhava e nem estudava. E eles falavam que tinha que estudar, trabalhar, pra ajudar minha mãe, que eu tava só atrapalhando. Aí eu pensei, já que to atrapalhando... Se eu não posso ajudar e tô atrapalhando, não vou atrapalhar. Não vou ajudar, mas não atrapalho também. Daí, fui pra outro lado.

Como que você mantinha lá, como você não trabalhava?

Eu roubava!

Você tava estudando então, antes de vir pra cá?

Antes de sair de casa. Parei na 6ª.

Ia bem na escola?

Ia bem. Era bom aluno.

E de comportamento?

Também.

Por que você parou então?

Tava tudo longe. Não tinha tempo de fazer as coisas.

Você saiu de lá, foi morar sozinho e aí já parou?

É.

Não foi um pouquinho?

Não, nem um pouquinho.

Você já trabalhou?

Já. De servente de pedreiro, já fui servente de pintor, ajudante de mudança e entreguei panfleto.

Por que você parou?

Ah, era só temporada. Teve de uma semana... um mês... só biquinho.

Quanto você ganhava?

20 por dia.

E de trabalho ilegal?

Trafiquei.

Quanto tempo?

Poucos tempo. Só em evento. Ia pra evento, aí levava.

Com que idade?

Desde os 14 até os 17. Eu levava dentro da meia, nem revista. Alguns seguranças até sabia que eu levava e deixava eu entrar, aí eu vendia lá.

O que você levava?

Maconha, cocaína.

Cabia dentro da meia?

Cabia. Era pouco.

Quanto você ganhava?

Depende, às vezes ganhava 200 real de lucro, fora o que tinha que pagar. As vez ganhava pouco.

Por que você começou?

Por causa daquilo que eu falei pra senhora, relacionamento com a família já não tava muito bom, aí eu não quis mais depender dos meus pais.

Quando você estava na sua casa, você traficava?

Não.

Mas você foi morar cedo assim sozinho?

Não, eu já tava com 15 ano.

E pra comer?

Igual eu te falei, a casa, a mãe dos menino fazia tudo. Era como se fosse minha casa.

E eles agora? Essa família?

Não, já conversei com eles, expliquei direitinho. E eles falou que tá tudo bem, falou assim no que precisar deles, eles vai ta de coração aberto.

Eles não eram envolvidos?

Tinha um que ele era, mas agora tá sossegado, trabalhando com o pai.

Você usava álcool?

Não.

E cigarro?

Também não.

E droga?

Só fumava só maconha de vez em quando. De vez em quando... fazia mal, me dava dor de cabeça.

As outras, você já chegou a experimentar?

Já. Já experimentei cocaína, mas não gostei porque é muita ilusão. Sai da realidade a mente. Eu tive uma impressão muito ruim, senhora. Fica meio angustiado, meio desanimado.

Você já namorou?

Já. Tô namorando há 3 anos e 3 meses.

Como é seu relacionamento?

É bom. Não briga. Tem discussãozinha bem normal.

Você já teve algum relacionamento sexual com uma pessoa do mesmo sexo que você?

Não.

Você começou a praticar ato infracional com qual idade?

Assaltar ou a vender droga?

Tudo.

De 14 pra 15 ano. Dois meses antes de fazer 15 ano.

Você começou como?

Traficando. Tinha uns amigo meu que vendia, eu cheguei neles e falei que eu queria vender cocaína. Era amigo da rua. Eles me deu conselho: “você tem certeza que você quer isso?” falou pra mim: “esse não é um caminho certo, você é um menino inteligente”. Me deram um monte de conselho, mas eu já tava decidido. Aí eu comecei a vender droga. Daí droga já não tava lucrando muito, aí eu comecei a assaltar.

O que você assaltava?

Furtava residência... Aí aos poucos eu fui pro assalto. Quando tinha uma fita dada pra pegar... Até chegar no que aconteceu.

O que aconteceu?

Meu colega saiu pra assaltar. Nós ia assaltar... É dinheiro... Tinha passado uma fita pra nós, era... Como chama aqueles cara que entrega?

Motoboy?

É, motoboy, mas que leva dinheiro pra banco. Aí nós, a hora que nós ia assaltar, não era o cara certo. Aí nós deixou ele ir embora. Meu colega guardou o revólver e tava indo embora já. Aí esse cara da moto, me deu a mão, pedindo obrigado. No que ele deu a mão, não quis soltar a mão. Eu gritei meu colega. Ele pegou, sacou da arma de novo, no que ele sacou da arma, o cara soltou da minha mão e acelerou a moto em cima do meu colega. Meu colega disparou um tiro na perna dele pra ele parar e ele não parou. Meu colega disparou outro. Aí nós fugiu. Aí no que nós fugiu, depois de 5 dia descobriram que foi nós. Nós se entregou.

Como eles ficaram sabendo?

Invadiram a casa do patrão do meu parceiro. Aí falaram pra mãe do cara que é patrão do meu parceiro, que nós não se entregasse, ia levar ele. E ele tinha acabado de sair da cadeia, ia acabar complicando mais ele. Já sabia que era eu e o... Sabia onde nós ficava, que não queria nós, queria algo maior que nós.

E você? Estava indo pra assaltar e o cara morreu, e aí?

Ah na hora eu fiquei meio assustado. Falei: “nossa, olha o que que um assalto virou! O que que o outro acaba fazendo!” eu me arrependi bastante sim, senhora.

Quando eu falo a palavra internação, qual a primeira imagem que lhe vem à cabeça?

FEBEM. Eu imagino preso.

Qual sua opinião sobre a internação?

Ah, eu acho bom senhora, pra quem quiser tomar um outro rumo na vida... é ruim, mas ao mesmo tempo é bom. É ruim porque tá longe da família, mas é bom porque tem uma oportunidade de estudar, aprender alguma coisa que pode usar lá fora.

Por exemplo?

Oficina profissionalizante, panificação, hidráulica, fotografia, computação, que preenche muito no seu currículo. Tem até o karatê, também... Esporte, muitas vezes aquele que se destaca é chamado.

Você acha que isso aumenta a chance lá fora, depois pra mudar?

Aumenta muito... Se realmente quer mudar... Aumenta muito. Agora se não quiser mudar, não adianta nada. Vai de cada um.

Como está sendo esse período pra você?

Ah tô tentando aproveitar tudo que eles me oferece. Tô tranquilo. Saudade tem mesmo, mas tô tranquilo. Saudade da família.

Do que você sente falta?

Da minha família.

Mudou alguma coisa na sua vida, com relação ao que você pensava sobre a escola?

Mudou muito, senhora. Mudou os objetivo. Porque meu objetivo era o que eu tava fazendo: vender droga, roubá e agora eu vejo que isso daí é sem futuro. Não tem uma saída a não ser cadeia. Aqui dentro eu tenho outra visão já. Diferente agora.

Com relação a escola o que mudou?

Mudou, que eu aprendi muito, pra agora tentar ser alguém.

Você acha que antes não dava?

Ah dava, mas eu não quis correr atrás.

Você acha que estar aqui fez você mudar isso?

É. Refletir um pouco o que eu quero.

E com relação a trabalho, mudou alguma coisa?

Ah... Apesar de todo serviço que eu tava ser de pouco tempo, eu achava que não tinha capacidade de entrar num serviço fixo, pra mim me manter, eu e minha família. Agora eu acho que já tô preparado pra entrar num serviço, poder ajudar minha família, é o que eu pretendo fazer.

Tem alguma coisa já em vista?

Tem. Com meu pai de fazer entrega de materiais de mercado e tem com meu tio lá no “Maim”, de ajudante de garçom, até eu fazer um curso de alguma coisa.

E com relação ao relacionamento com as pessoas?

Ah, mudou um pouco senhora. Mudei minhas atitude um pouco. Eu era meio... Não gostava de ouvir, cabeça dura. A senhora viu o jeito que eu cheguei e como eu era. Falava demais, tinha mania de achar que eu tava sempre certo. Agora não. Agora eu aprendi a ouvir, abaixar minha cabeça quando eu tiver errado e ser um pouquinho mais educado.

Se você pudesse mudar alguma coisa na internação, o que você mudaria?

Ah senhora, pelo menos no meu ponto de vista tá bom. Não mudaria nada, porque eles já oferece bastante perto de outras unidade. Tá ótimo.

O que você não pode fazer aqui?

Nossa tem muitas coisas... Não posso sair no momento.

Como é seu relacionamento com os funcionários?

Hoje é bom.

Por que não era?

Por causa de mim mesmo. Eu não tinha educação, aí tinha muita discussão, brigava... verbal. Só tava sendo prejudicado. Agora, eu dou o respeito e sou respeitado. Sou visto de outra maneira: um moleque legal.

E com os meninos?

Tranqüilo. Me dou bem com todos.

Como você vê a policia?

Ah, eles faz o trabalho deles, mas eles é injusto às vezes: bate, isso daí não é certo; forja as pessoas, às vezes tem menino que sai da FEBEM e que cai num B.O. grave, aí chega lá fora, eles acha que o menino não pagou e precisa de pagar e forja eles pra eles ir pra cadeia e acabar de pagar lá. Já vi

acontecendo muito isso. Coloca droga, às vezes alguém morre, eles vai lá e forja um homicídio na pessoa.

Como?

Ah não sei. Eles dá um jeito, senhora. Com a arma, ou fala que foi o menino.

Como você vê o juiz?

Ah, pelo menos na profissão dele, eu não gosto da profissão de juiz, nem de promotor, porque eu acho que a única pessoa que pode julgar nós é Deus. Mas o juiz é um cara que tá pra avaliar nós e vê se nós tá preparado... Bom pra voltar pra sociedade.

Você acha que ele é vê?

Ah, eu acho que sim. Às vezes não, às vezes ele toma umas decisões injustas, às vezes sim.

Como você vê a Fundação CASA?

Ah, um lugar que tá pra educar nós, reeducar.

Quais são seus direitos?

A visita, estudo, banho de sol... ah e mais algumas coisas que eu não lembro aqui.

E dever?

De cumprir as normas.

Como é o seu dia aqui?

Acordo 6 horas, escovo os dente, saio, tomo café pra ir pra oficina, almoço, depois do almoço vai pra escola, assiste televisão e entra pra dormir sete e meia.

O que você acha do seu dia?

Um pouco ruim por tá preso, mas bom também, por tá aprendendo.

Como é o dia de visita?

Ah é tranquilo. É um dia, se vê é bom. Tá bom.

A cara não tá muito boa. Tem alguma coisa pra melhorar?

Nada. Aqui nós tá internado, tá bom.

De quem você recebe visita?

Da minha namorada, minha mãe e minha irmã. Ah, e meu pai de vez em quando. Tá cuidando da mãe dele, tá com 89 anos.

Se você não tivesse internado, como você acha que estaria lá fora?

Ah, eu acho que eu estaria preso na cadeia, eu acho. Porque eu não ia ter parado pra pensar.

O que poderia ter te acontecido?

Se eu não tivesse parado? Ou ido pra cadeia, talvez morto, talvez ganhando dinheiro.

Como vai ser sua vida quando você sair daqui?

Quero trabalhar, ajudar meu pai, minha mãe, meus irmão e que isso que eu tô passando hoje sirva de lição de vida pra não ta acontecendo.

Você acha que o que você vai ganhar, vai dar pra ajudar tudo isso?

Vai. Vai sim, porque eu vou dar valor no dinheiro também. Porque o que vem fácil nós não dá muito valor.

O que você acha da morte?

Ah, consequência da vida. Um dia vai chegar. Tranquilo. Que seja uma morte natural e só.

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de entrevista semi-estruturado

Qual sua idade?

Fale-me um pouco sobre sua família?

Você tem amigos? Quem são eles e de onde são?

Você estudava antes da internação? Como você era na escola?

Você já trabalhou? Trabalho legal? E ilegal? O que fez?

Qual sua experiência com: álcool, cigarro e drogas ilícitas?

Você já namorou?

Já teve alguma experiência sexual com uma pessoa do mesmo sexo que você?

Quando você começou a praticar atos infracionais? (carreira Infracional)

Quando eu falo de internação, qual a primeira imagem que vem à sua cabeça?

Qual é sua opinião sobre a internação?

Qual o motivo de sua internação? (Explorar o ato infracional praticado)

Com está sendo o período de internação para você?

Você sente falta de alguma coisa na internação? Do que?

Mudou alguma coisa na sua vida com relação ao que você pensa sobre: escola, trabalho e relacionamento com as pessoas?

Se você tivesse a possibilidade de mudar alguma coisa na internação, o que você mudaria?

O que você não pode fazer aqui?

Como são os funcionários da Fundação e seu relacionamento com eles?

Como é seu relacionamento com os outros adolescentes?

Como você vê a polícia?

Como você vê o juiz?

Como você vê a unidade?

Quais são seus direitos na unidade? E deveres?

Como é seu dia aqui? O que você faz desde a hora que acorda?

O que você acha dele?

Como é o dia de visita?

Você recebe visita? De quem? E seu pai?

Se você não estivesse internado, como você acha que estaria lá fora?

O que acha que teria lhe acontecido?

Como será sua vida quando sair daqui?

O que você acha da morte? Como você a vê?

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(De acordo com a Resolução nº 196/96 sobre Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde – Brasília – DF)

Meu nome é Aline Patricia Coraucci, sou psicóloga e aluna do mestrado da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa intitulada “*Representações Sociais da Medida Sócio-Educativa de Internação em Adolescentes Privados de Liberdade*” sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Kodato.

Nessa pesquisa busco conhecer como as representações e percepções sobre a medida socioeducativa de internação estão internalizadas em adolescentes privados de liberdade e gostaria de convidá-lo para participar de tal estudo.

Essa pesquisa é importante para auxiliar profissionais que trabalham com a aplicação de medidas socioeducativas a compreenderem a maneira pela qual jovens como você vivenciam a experiência de estarem privados de liberdade e, com isso, possam repensar sobre as práticas que orientam a medida socioeducativa de internação e melhorar o atendimento.

Você precisará responder às perguntas de uma entrevista, na qual falaremos sobre sua história de vida e em especial sobre seu período de privação de liberdade nesta instituição. As entrevistas serão realizadas neste local e poderão ser feitas em um ou mais encontros, sendo que eu gostaria de gravá-las, caso você permita. As gravações são importantes para que eu não perca as informações que você me der e não serão mostradas a ninguém. Eu irei copiar as respostas no papel e, em seguida, apagarei o que foi gravado.

Caso você não se sinta vontade para continuar a entrevista, você tem o direito de interrompê-la a qualquer momento ou desistir de participar da pesquisa.

É importante lhe esclarecer que seu nome não será revelado em nenhum momento. Eu utilizarei os relatos na pesquisa, publicarei e arquivarei os depoimentos, tomando os cuidados para que você e as pessoas que venham a ser citadas não sejam identificadas neste trabalho. Só eu conhecerei sua identidade e me prontifico a guardar sigilo sobre a mesma.

Para que eu possa realizar essa pesquisa, preciso que você assine o presente documento que deixa claro a sua liberdade para decidir se aceitará ser entrevistado, após ter lido o que foi escrito acima e ter sanado quaisquer dúvidas que tenham surgido sobre a sua participação neste estudo.

Após assinar esse documento, você continua tendo direito de interromper a entrevista ou não responder a alguma pergunta, sem precisar explicar seus motivos para a recusa. Essa desistência não lhe prejudicará de forma alguma.

Esse termo será assinado por mim e pelo entrevistado, sendo que uma das duas cópias ficará comigo e a outra no seu prontuário.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)